

Adriana Gurgel

**ESPACIALIDADES DO HABITAR:
PERCURSOS DE COMUNICAÇÃO URBANA EM ICAPUÍ, CEARÁ**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora
como exigência para obtenção do título de
Mestre em Comunicação e Semiótica,
pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
Área de concentração: Signo e significação nas mídias
Linha de pesquisa: Cultura e Ambientes Midiáticos
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Lucrécia D’Alessio Ferrara

São Paulo
2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Banca Examinadora

São Paulo, de março de 2009

Autorizo exclusivamente para fins acadêmicos e científicos a reprodução total ou parcial desta Dissertação por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos, desde que citada a fonte.

Adriana Gurgel
São Paulo, de março de 2009.

*Para Bruno,
meu amor,
por tudo o que somos juntos.*

Então escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não-palavra, a entrelinha, morde a isca, alguma coisa se escreveu. Uma vez que se pescou a entrelinha, poder-se-ia com alívio jogar a palavra fora. Mas aí cessa a analogia: a não-palavra, ao morder a isca, incorporou-a.

O que salva então é escrever distraidamente.

(Clarice Lispector)

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por me apoiarem incondicionalmente, sempre com muito amor.

Aos meus irmãos, Déa e Rafa, por tudo o que aprendemos juntos.

À Tatinha, minha outra mãe, à Rosália e ao Nino, por serem minha família.

À Jojo e ao Gato, meus dois amores, por cuidarem sempre de mim, onde eu estiver.

À Jana e Lyzinha, da infância até hoje, sempre alegremente presentes.

À Bina, Daniel e Lina, por serem a família mais inspiradora que conheço.

Ao Ruy, por sua importância neste trabalho e na minha vida.

Ao Daniel e à Aléxia, pela presença no início desta pesquisa e da vida em São Paulo.

À Freitas Filho, pelas conversas e visitas em Icapuí.

À Prefeitura Municipal de Icapuí, pela disponibilidade.

À todos aqueles que me abriram suas casas e suas vidas em Icapuí.

Ao CNPq, pela concessão da bolsa de estudos que viabilizou esta pesquisa.

Aos professores do curso de Pós-graduação em Comunicação e Semiótica, em especial à Christine Greiner e Amálio Pinheiro, pela participação na qualificação e pelas valiosas sugestões e críticas.

À minha querida orientadora Lucrécia Ferrara, por tudo o que me fez ver.

Ao amado bu, que fez do final deste trabalho um lindo recomeço de vida.

RESUMO

A pesquisa pretende, a partir do estudo das casas de taipa alpendradas de Icapuí / Ceará, e através da compreensão da arquitetura como linguagem, estudar o repertório utilizado por aquele que constrói e aquele que habita para comunicar e constituir sentido, a fim de investigar as relações existentes entre a construção do espaço do habitar e suas representações (espacialidades), e a sociabilidade urbana e comunicativa decorrente das trocas interativas de valores, que se dão no âmbito privado, e expandem-se para o espaço público. O objeto de estudo deste trabalho consiste, portanto, nas casas de taipa alpendradas de Icapuí e nas relações que esta arquitetura estabelece com os habitantes e a cidade, ou seja, no modo como o habitar se transforma em meio que produz um ambiente comunicativo e um cotidiano com hábitos, valores e comportamentos específicos e intransferíveis. Será necessário, ao longo deste percurso, documentar uma tipologia arquitetônica específica e identificar os valores, implícitos e explícitos, que justificam sua permanência ou estimulam seu desaparecimento. Ao perceber tais valores, deve-se ainda investigar os processos de mediação através dos quais sua transmissão se deu – e continua ocorrendo –, bem como identificar como as alterações no modo de morar influenciam a caracterização da comunicabilidade dos valores do habitar. Verifica-se, até então, que os processos do habitar constituem uma mediação para uma sociabilidade comunicativa, e que as alterações tipológicas na arquitetura das casas de taipa alpendradas de Icapuí (múltiplas e mutantes espacialidades) caracterizam alterações na sociabilidade e nos modos de significação dos seus processos de comunicação. A estratégia metodológica consiste na caracterização do objeto (a partir de pesquisa de campo, realizada entre 2006 e 2008), comparação e análise dos dados obtidos (a partir da Semiótica de C.S. Peirce), partindo de um horizonte teórico múltiplo que permita o diálogo entre a comunicação, o espaço e a cultura. Conceitos como espaço, espacialidade e sociabilidade urbana (L. Ferrara), meio e mediação (M.McLuhan, J.M-Barbero), habitar e morar (M.Heidegger, N.Leach), e comunicar, transmitir e mediologia (R.Debray), são fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa.

Palavras-chave: comunicação urbana, arquitetura, semiótica.

ABSTRACT

The intent of this research, based on the study of Icapuí's (Ceará) porched loam houses, and through the understanding of architecture as a language, is to comprehend the resources utilized by home builders and residents to communicate and create meaning, with the purpose of investigating the existing relationship between the construction of the home space and its representations (spatiality) and the urban and communicative sociability originated from the interactive exchange of values, which start within the private area and expands into the public space. Through the understanding of architecture as a language, this research analyzes Icapuí's porched loam houses to comprehend the resources utilized by home builders and residents to create and communicate meaning. The research investigates the existing relationship between the construction of the home space and its representations (spatiality) and the urban and communicative sociability originated from the interactive exchange of values that start within the private area and expand into the public space. The object of this paper is, therefore, Icapuí's porched loam houses and the relationship that this architecture establishes with the habitants and the city, especially how the home becomes the means of communicating everyday habits, values and specific and not transferable behaviors. It will be necessary, along this analysis, to document a specific architectonic typology and identify the values, implicit or explicit, that justify this typology's endurance or that stimulate its disappearance. Apart from identifying these values, it is necessary to investigate the mediation processes that prompted the value transmission and also identify how the changes on the way of living influence the characterization of the communicability of the home values. It was found, so far, that home building and home inhabiting constitute a mediation to a communicative sociability, and that the typological changes in the architecture of the Icapuí's porched loam houses (multiples and mutant spatiality) characterize sociability and meaning changes in the communication processes. The methodology consisted in the characterization of the object (through a field research, realized within 2006 and 2008) and the confrontation and analysis of the obtained data (based on C.S. Peirce Semiotic), from a plural and theoretical perspective that provides a dialogue between communication, space and culture. Concepts such as space, spatiality and urban sociability (I. Ferrara), means and mediation (M. McLuhan, J.M-Barbero), inhabit and live in (M. Heidegger, N. Leach), and communicate, transmit and methodology (R. Debray), are fundamental to the development of the research.

Keywords: urban communication, architecture, semiotics.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

01. **Cyber + (*lan house* - Maria)**. Fonte: Foto feita por Maria (julho de 2008) / acervo da autora. P. 37
02. **Casa sra. Genoveva**. Fonte: Foto feita por Maria (julho de 2008) / acervo da autora. P. 37
03. **Praça municipal** (centro de Icapuí). Fonte: Foto feita por Maria (julho de 2008) / acervo da autora. P. 38
04. **Igreja matriz** (praça municipal). Fonte: Foto feita por Maria (julho de 2008) / acervo da autora. P. 38
05. **Bar** (mirante). Fonte: Foto feita por Maria (julho de 2008) / acervo da autora. P. 38
06. **Lua** (mirante). Fonte: Foto feita por Maria (julho de 2008) / acervo da autora. P. 38
07. **Vista Icapuí - mirante**. Fonte: Foto feita por Anita (julho de 2008) / acervo da autora. P. 39
08. **Vista Icapuí - mirante**. Fonte: Foto feita por Anita (julho de 2008) / acervo da autora. P. 39
09. **Mirante**. Fonte: Foto feita por Anita (julho de 2008) / acervo da autora. P. 39
10. **Mirante**. Fonte: Foto feita por Anita (julho de 2008) / acervo da autora. P. 39
11. **Casa Maria José**. Fonte: Foto feita por Maria José (julho de 2008) / acervo da autora. P. 39
12. **Casa Rita**. Fonte: Foto feita por João (julho de 2008) / acervo da autora. P. 39
13. **André - Casa Rita Maria**. Fonte: Foto feita por Felipe (julho de 2008) / acervo da autora. P. 39
14. **Sra. Ivanilda**. Fonte: Foto feita por Larissa (julho de 2008) / acervo da autora. P. 39
15. **Rita - Casa Rita** (quarto). Fonte: Foto feita por José (julho de 2008) / acervo da autora. P. 40
16. **Rita - Casa Rita** (alpendre lateral). Fonte: Foto feita por José (julho de 2008) / acervo da autora. P. 40
17. **Larissa - Casa sra. Ivanilda** (alpendre da frente). Fonte: Foto feita por Ana (julho de 2008) / acervo da autora. P. 40
18. **Arranjo flores - Casa sra. Ivanilda**. Fonte: Foto feita por Ana (julho de 2008) / acervo da autora. P. 40
19. **Fogão - Casa sra. Ivanilda**. Fonte: Foto feita por Larissa (julho de 2008) / acervo da autora. P. 41
20. **Pia externa - Casa sra. Ivanilda**. Fonte: Foto feita por Larissa (julho de 2008) / acervo da autora. P. 41
21. **Televisão - Casa sra. Ivanilda**. Fonte: Foto feita por Larissa (julho de 2008) / acervo da autora. P. 41
22. **Televisão - Casa Rita Maria**. Fonte: Foto feita por João (julho de 2008) / acervo da autora. P. 41
23. **Casa sra. Gerarda**. Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 43
24. **Casa Maria do Socorro**. Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 43
25. **Casa Rita Maria**. Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 43

26. **Casa Eliziane.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 43
27. **Casa Joana / Alaíde.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 43
28. **Casa Maria José.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 43
29. **Casa sra. Genoveva.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 43
30. **Casa Irene / Maria.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 43
31. **Casa Rita.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 43
32. **Casa sr. Raimundo José.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2007). P. 44
33. **Casa sr. Raimundo José - alpendre lateral.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 44
34. **Sr. Raimundo José.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2007). P. 44
35. **Casa de taipa.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2007). P. 44
36. **Chácara Salubre.** Fonte: Castro, 1983: 306. P. 45
37. **Placa indicativa - CE 261.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 46
38. **Casa sra. Ivanilda.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 46
39. **Casa sra. Ivanilda.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 47
40. **Levantamento - casa sra. Ivanilda.** Por Adriana Gurgel e Larissa Menescal. Fonte: Desenho da autora (janeiro de 2007). P. 47
41. **Fachada - Casa sra. Ivanilda.** Fonte: Desenho da autora (janeiro de 2007). P. 48
42. **Planta baixa - Casa sra. Ivanilda.** Fonte: Desenho da autora (janeiro de 2007). P. 48
43. **Detalhe pilar - Casa sra. Ivanilda.** Fonte: Acervo da autora (janeiro de 2007). P. 48
44. **Detalhe pilar - Casa sra. Ivanilda.** Fonte: Acervo da autora (janeiro de 2007). P. 48
45. **Detalhe cobertura / alpendre - Casa sra. Ivanilda.** Fonte: Larissa Menescal (janeiro de 2007). P. 49
46. **Detalhe cobertura / alpendre - Casa sra. Ivanilda.** Fonte: Larissa Menescal (janeiro de 2007). P. 49
47. **Detalhe cobertura / interior - Casa sra. Ivanilda.** Fonte: Larissa Menescal (janeiro de 2007). P. 49
48. **Detalhe cobertura / interior - Casa sra. Ivanilda.** Fonte: Larissa Menescal (janeiro de 2007). P. 49
49. **Cozinha - Casa sra. Ivanilda.** Fonte: Larissa Menescal (janeiro de 2007). P. 50
50. **Antena parabólica / exterior - Casa sra. Ivanilda.** Fonte: Larissa Menescal (janeiro de 2007). P. 50
51. **Extensão do alpendre / fundos.** Casa sra. Ivanilda. Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 51
52. **Anexo / fundos.** Casa sra. Ivanilda. Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 51
53. **Sala de estar / televisão.** Casa sra. Ivanilda. Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 51
54. **Sala de estar / televisão.** Casa sra. Ivanilda. Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 51
55. **Sala de estar.** Casa sra. Ivanilda. Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 51
56. **Sala de refeições.** Casa sra. Ivanilda. Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 51
57. **Quarto de casal.** Casa sra. Anaides. Fonte: Acervo da autora (julho de 2007). P. 51

58. **Quarto - Casa sra. Anaides.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2007). P. 51
59. **Piso - Casa sra. Anaides.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2007). P. 52
60. **Piso - Casa sra. Ivanilda.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 52
61. **Caminho CE 261 - praias.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 52
62. **Caminho CE 261 - praias.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 52
63. **Acesso - Casa sra. Ivanilda.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 53
64. **Casa sra. Ivanilda.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 53
65. **Alpendre lateral - Casa sra. Ivanilda.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 53
66. **Jardim - Casa sra. Ivanilda.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 53
67. **Alpendre dos fundos - Casa sra. Ivanilda.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 54
68. **Quarto - Casa sra. Ivanilda.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 54
69. **Casa sra. Genoveva.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2007). P. 55
70. **Casa sra. Genoveva.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 55
71. **Sala de estar - Casa sra. Genoveva.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 55
72. **Sala de refeições - Casa sra. Genoveva.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 55
73. **Recipientes de vidro antes utilizados para armazenar cachaça - Casa sra. Genoveva.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 56
74. **Recipientes de plástico utilizados para guardar mantimentos - Casa sra. Genoveva.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 56
75. **Alpendre da frente - Casa sra. Genoveva.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 56
76. **Alpendre lateral - Casa sra. Genoveva.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 56
77. **Alpendre dos fundos - Casa sra. Genoveva.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 56
78. **Fogão a lenha - Casa sra. Genoveva.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 56
79. **Sala de estar / televisão - Casa sra. Genoveva.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 57
80. **Sala de estar / fotografias - Casa sra. Genoveva.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 57
81. **Sra. Genoveva / fotografias.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 58
82. **Sra. Genoveva / jardim lateral.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 58
83. **Casa Rita.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 59
84. **Casa Rita.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 59
85. **Cozinha - Casa Rita.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 60
86. **Anexo / fundos - Casa Rita.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 60
87. **Sala de estar / televisão - Casa Rita.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 60
88. **Sala de refeições - Casa Rita.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 60
89. **Alpendre lateral - Casa Rita.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 60

90. **Sala de estar / quarto - Casa Rita.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 60
91. **Recipientes de plástico utilizados para armazenar mantimentos - Casa Rita.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 60
92. **Estoque de mantimentos - Casa Rita.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 60
93. **Quarto - Casa Rita.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 60
94. **Casa sra. Gerarda.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 61
95. **Casa sra. Gerarda.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 61
96. **Alpendre da frente - Casa sra. Gerarda.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 62
97. **Alpendre lateral - Casa sra. Gerarda.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 62
98. **Sala de refeições / sala de estar - Casa sra. Gerarda.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 62
99. **Anexo / fundos - Casa sra. Gerarda.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 62
100. **Sala de estar / televisão - Casa sra. Gerarda.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 62
101. **Sala de refeições - Casa sra. Gerarda.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 62
102. **Cozinha - Casa sra. Gerarda.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 62
103. **Fogão a lenha - Casa sra. Gerarda.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 62
104. **Casa Maria do Socorro.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 63
105. **Alpendre da frente - Casa Maria do Socorro.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 63
106. **Sala de estar / televisão - Casa Maria do Socorro.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 64
107. **Sala de estar - Casa Maria do Socorro.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 64
108. **Sala refeições - Casa Maria do Socorro.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 64
109. **Cozinha - Casa Maria do Socorro.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 64
110. **Casa Rita Maria.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 65
111. **Casa Rita Maria.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 65
112. **Sala de estar / sala de refeições - Casa Rita Maria.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 65
113. **Pia / alpendre dos fundos - Casa Rita Maria.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 65
114. **Rita Maria.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 65
115. **Casa Maria José.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 66
116. **Casa Maria José.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 66
117. **Alpendre lateral - Casa Maria José.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 66
118. **Sala de estar / televisão - Casa Maria José.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 66
119. **Quarto - Casa Maria José.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 66
120. **Anexo / fundos - Casa Maria José.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 66
121. **Casa Irene / Maria.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 67

122. **Alpendre lateral - Casa Irene.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 67
123. **Sala de estar / televisão - Casa Irene.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 67
124. **Sala de refeições - Casa Irene.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 67
125. **Anexo / fundos - Casa Irene.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 68
126. **Cozinha - Casa Irene.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 68
127. **Cozinha - Casa Maria.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 68
128. **Sala de estar / televisão - Casa Maria.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 68
129. **Casa Eliziane.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 69
130. **Casa Eliziane.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 69
131. **Sala de estar - Casa Eliziane.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2007). P. 69
132. **Sala de estar - Casa Eliziane.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 69
133. **Cozinha - Casa Eliziane.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 70
134. **Alpendre lateral - Casa Eliziane.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 70
135. **Eliziane e seu filho.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 70
136. **Casa sr. João.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 71
137. **Casa sr. João.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 71
138. **Sala de estar - Casa sr. João.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 71
139. **Sala de refeições - Casa sr. João.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 71
140. **Alpendre dos fundos - Casa sr. João.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 72
141. **Sr. João.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 72
142. **Casa Joana / Alaíde.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 72
143. **Venda de frutas e verduras - Casa Joana / Alaíde.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 72
144. **Sala de estar - Casa Joana.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 73
145. **Cozinha - Casa Joana.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 73
146. **Cortinas - Casa Joana.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 73
147. **Cortinas - Casa Joana.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 73
148. **Pia / alpendre dos fundos - Casa Joana.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 73
149. **Sala de estar - Casa Alaíde.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 73
150. **Quarto - Casa Alaíde.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 73
151. **A rota de Pinzón segundo quatro interpretações.** Fonte: Freitas Filho, 2003: 34. P. 74
152. **Mapa Litoral leste - CE.** Fonte: Desenho da autora a partir de imagens *google maps*. P. 76
153. **CE 261.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 82

154. **Imagem de satélite - Icapuí.** Fonte: Desenho da autora a partir de imagens *google maps*; **Acesso Icapuí.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008); **Chegada Icapuí.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008); **Vista da “serra” a partir da CE 261.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 83
155. **Praça municipal** (central). Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 85
156. **Praça municipal** (central). Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 85
157. **Igreja matriz** (centro de Icapuí). Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 85
158. **Rádio municipal** (centro de Icapuí). Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 85
159. **Praia da Peroba.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2007). P. 86
160. **Praia da Peroba.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2007). P. 86
161. **Praia da Peroba.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2007). P. 86
162. **Praia da Peroba.** Fonte: Montagem da autora a partir de acervo próprio (julho de 2007). P. 87
163. **Principais vias de comunicação - CE, séc XVIII.** Fonte: Sampaio Neto, 2005: 16. P. 96
164. **Substituição casa de taipa por casa de alvenaria - Casa sra. Albanisa.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2007). P. 128
165. **Casa de taipa.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2007). P. 128
166. **Casa de taipa.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2007). P. 128
167. **Substituição casa de taipa por casa de alvenaria.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2007). P. 128
168. **Casa sra. Anaides.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2007). P. 129
169. **Casa sra. Anaides.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2007). P. 129
170. **Cozinha em alvenaria - Casa Maria do Socorro.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 130
171. **Banheiro externo - Casa sra. Anaides.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 130
172. **Anexo dos fundos - Casa sra. Gerarda.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 130
173. **Banheiro externo - Casa Maria José.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 124
174. **Cortinas de chita no lugar de portas de madeira - Casa Rita.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 132
175. **Alpendre lateral - Casa sra. Genoveva.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 136
176. **Alpendre da frente - Casa Rita Maria.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 136
177. **Alpendre lateral - Casa sra. Genoveva.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 136
178. **Sala de estar / televisão - Casa Rita.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 136
179. **Sala de estar / televisão - Casa sr. Raimundo.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2007). P. 136
180. **Sala de estar / televisão - Casa Alaíde.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 136
181. **Sala de estar / televisão - Casa sra. Genoveva.** Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 137

182. Sala de estar / televisão - Casa sra. Genoveva. Fonte: Acervo da autora (julho de 2008). P. 137

183. Aparelho de som - Casa sra. Ivanilda. Fonte: Foto feita por Larissa (julho de 2008) / acervo da autora. P. 138

184. Televisão - casa Maria José. Fonte: Foto feita por Maria José (julho de 2008) / acervo da autora. P. 138

185. Arranjo de flores - Casa sra. Ivanilda. Fonte: Foto feita por Larissa (julho de 2008) / acervo da autora. P. 138

186. Brinquedo / caminhão - Casa Maria do Socorro. Fonte: Foto feita por André (julho de 2008) / acervo da autora. P. 138

SUMÁRIO

Introdução	23
Capítulo 1 [<i>representações</i>]	35
1.1. Icapuí: olhar de dentro, olhar de fora	37
1.1.1. Experiências	37
1.1.2. Tipologia	42
1.1.3. A casa que todos tem, a casa de cada um	53
1.2. Presente: olhar de hoje	74
1.2.1. Lugar de passagem	74
1.2.2. Bem-vindos	82
1.3. Retorno: olhar de volta	90
1.3.1. Siará Grande	90
1.3.2. O desenvolvimento ao passo da boiada	92
1.3.3. Santa Cruz do Aracati	97
Capítulo 2 [<i>multipliCidades</i>]	99
2.1. Cidade, comunicação e cultura	101
2.2. Comunicar e transmitir	104
2.3. Do espaço às espacialidades	108
2.4. Sociabilidades urbanas	112

Capítulo 3 [<i>a casa diante do mundo</i>]	115
3.1. Abrigo de casa	117
3.2. Imagens de casa	122
3.3. Cotidiano	124
3.4. A casa viva	133
3.5. Diluição de fronteiras: privado e público, interior e exterior	139
Perspectivas	145
Ambivalências	147
Interferências	149
Bibliografia	153

... E onde a sorte há de te levar

Saiba o caminho é o fim

Mais que o chegar ...

INTRODUÇÃO

..... *o espaço entre a comunicação e a cultura*

LUGAR DE PARTIDA

Este é um estudo sobre a casa. Sobre uma casa.

Uma casa singular, situada num lugar do espaço, imersa num instante do tempo. Simultaneamente cheia de especificidades e de traços comuns, constitui uma tipologia arquitetônica que, por alguns motivos, possui uma taxa de permanência significativa, ao mesmo tempo em que, dentro de um mesmo contexto, desaparece com frequência crescente.

A casa de taipa alpendrada de Icapuí é arquitetura que inquieta. Construção que comunica ao representar as relações interativas entre o espaço e o homem que sobre ele intervém, principalmente através do uso cotidiano, ou seja, das ações que ali se dão, das inevitáveis e ininterruptas interferências e trocas entre aquele que constrói e habita, e o espaço construído e habitado. Arquitetura que não cessa de construir e ser construída mesmo quando findo o ato de amassar o barro ou esculpir o telhado, uma vez que entendida aqui como linguagem, sempre em processo, sempre transmitindo valores e concretizando ou diluindo significados, ou seja, sempre comunicando. Arquitetura tomada em suas representações e no diálogo estabelecido entre as maneiras de pensar e transformar o espaço, em seu contexto econômico, social e cultural. Arquitetura como significação e comunicação em transformação.

É, portanto, através da compreensão da arquitetura como linguagem, ou seja, como um repertório utilizado por aquele que constrói e aquele que habita para comunicar e constituir sentido, que se pretende partir para investigar as relações existentes entre a construção do espaço, os modos de significação na arquitetura e sua comunicação, e a constituição de uma cultura urbana, de uma sociabilidade engendrada no espaço privado, ao mesmo tempo em que se expande, transforma-se e se faz presente no espaço público.

A casa de Icapuí é abordada como uma matriz de espacialidade paradigmática, com suas características de ortogonalidade, simetria e proporção no desenho do espaço: assume-se aqui, a constituição de uma tipologia, ou seja, de uma sintaxe relativamente padronizada de organização do espaço, que reflete a concepção vigente de morar. Pretende-se, a partir de tal pressuposto, investigar como os processos do habitar constituem uma mediação para uma sociabilidade comunicativa, e como modificações tipológicas na arquitetura podem caracterizar alterações na sociabilidade e nos modos de significação arquitetônica e de interação comunicativa.

Será necessário, ao longo deste percurso, documentar esta tipologia arquitetônica específica e identificar quais são os valores, implícitos e explícitos, que justificam sua permanência ou estimulam seu desaparecimento. Ao perceber tais valores, deve-se ainda investigar os processos de mediação através dos quais sua transmissão se deu - e continua ocorrendo -, bem como identificar como as alterações no modo de morar influenciam a caracterização da comunicabilidade dos valores do habitar.

E por que a casa de taipa alpendrada de Icapuí? O que justifica a escolha? Icapuí, ou coisa ligeira em tupi guarani, é uma cidade litorânea localizada a aproximadamente 200 km de Fortaleza, no limite leste do Ceará, junto ao Rio Grande do Norte. O território do município compreende uma faixa de cerca de quinze quilômetros de largura que se estende ao longo de sessenta e quatro quilômetros do litoral brasileiro. Seus habitantes (aproximadamente dezoito mil) espalham-se por pouco mais de vinte comunidades, organizadas administrativamente em três distritos - Icapuí (sede), Ibicuitaba e Manibu. Ao longo da costa destacam-se praias, dunas, falésias e recifes; no interior do município predomina a caatinga.

Devido a grande extensão de praias, Icapuí abriga algumas empresas do setor turístico, mas a economia local se baseia principalmente na pesca, especialmente da lagosta. Há ainda a agricultura (coco, caju, mandioca, milho) e pecuária (bovinos e caprinos), assim como a exploração de petróleo (realizada na fazenda Belém e iniciada na década de 1990), algumas salinas remanescentes de um período de predomínio do setor salineiro na economia local, e a carcinicultura (criação de camarão em cativeiro).

A formação do município está associada ao ciclo do couro no Ceará - Icapuí servia de dormitório para os tropeiros que seguiam para Aracati. Sua emancipação ocorreu apenas em 1985, após um processo de desmembramento de Aracati (antiga sede municipal). Desde então, Icapuí produziu experiências bem sucedidas no campo da educação, da saúde e da gestão pública participativa.

É nesse ambiente que são encontradas as casas alpendradas de taipa. Situadas principalmente ao longo da estrada de acesso ao município (CE 261) e que a corta em grande extensão, elas se distribuem linearmente, numa faixa paralela ao mar, mas não mantêm uma relação de proximidade com as praias - o que se faz notar por sua implantação voltada para a via e pela distância em que se encontram do mar (aproximadamente quatro quilômetros). Icapuí era passagem, era caminho, quando o couro e as charqueadas tinham Aracati como destino.

E as casas foram pontilhando esse percurso. Seus alpendres, localizados na frente e nas laterais, aparecem como índice do espaço de acolhida, como espaço privado/público de sociabilidade – é onde se pode armar uma rede e descansar, onde é possível sentar-se num banco e observar, ou conversar, a qualquer hora do dia ou da noite. Seus pilares de madeira tem dimensões e desenho específicos, suas portas e janelas distribuem-se nas espessas paredes de barro com regularidade. Variam as cores utilizadas, quase sempre predominando os tons mais fortes nas esquadrias, assim como nos pilares (azuis, amarelos, vermelhos e marrons), sobre os tons mais suaves utilizados nas paredes (branco, cinza, amarelo claro). Suas cumeeiras são altas e as paredes internas não chegam até a cobertura que, se nas casas mais antigas ainda era feita em palha, nas mais novas é sempre de telha de barro.

A relação dos moradores/proprietários com suas casas é curiosa. Enquanto alguns afirmam não se desfazer das casas de taipa por falta de condições financeiras para construir com tijolos (em parte desses casos também não há interesse em recuperar a casa), outros demonstram grande orgulho pelo lugar onde moram, o que se faz perceber pelo cuidado que tem com suas casas - através da manutenção permanente, da utilização de cores vivas, do cultivo de jardins e pequenas hortas, além dos relatos orais de importância e significado da casa para seus moradores. Vale ressaltar que a grande maioria das edificações foi passada de geração em geração, e membros da família estiveram envolvidos em sua execução.

É essa a arquitetura a ser trabalhada. Arquitetura que inquieta, por sua delicadeza nas soluções e por sua riqueza de significações. Arquitetura que comunica, simplesmente por ser arquitetura.

Arquitetura que encanta.

SOBRE O CONTEXTO, ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS E ALGUNS CONCEITOS

Os ambientes urbanos são provisórios. O espaço social altera-se continuamente - renova-se ou envelhece, de acordo com alterações adaptativas em sua função e qualificação. Suas constantes e várias vezes imprevistas transformações – bem como dos demais objetos de estudo da comunicação - explicitam a impossibilidade de abordá-lo como algo acabado e passível de enquadramento em teorias estabelecidas a priori. É o objeto, a partir da observação, que irá solicitar uma ou mais teorias, assim como demandar categorias de análise, para que se possa apreendê-lo.

O hábito arraigado de ver, ou seja, a predominância e o privilégio do visual - herdeiros da Renascença -, parece não mais dar conta da observação daquilo que acontece no mundo, seja na casa, na rua ou na cidade. Pode talvez constituir-se ainda como um obstáculo às leituras decorrentes, uma vez que cada leitura depende do tipo de relação comunicativa engendrada em seu espaço e tempo, ou seja, existe uma tensão entre emissão e recepção que está relacionada à experiência ambiental.

A semiótica, como lógica e parte de um sistema filosófico - o Pragmatismo de C.S. Peirce -, aparece como uma estratégia metodológica que pode contribuir para o estudo da arquitetura como signo do espaço e para a compreensão de suas representações. A arquitetura como linguagem não possui um código preestabelecido a ser decifrado, mas compõe-se de processos que a re-significam a cada aproximação, a cada leitura. Processo que se desfaz e se refaz diante de cada espaço experienciado, pois cada realidade social operacionalizada pela comunicação é única e passageira - estabelece-se num fluxo contínuo, onde não há possibilidade de controle sobre quaisquer variáveis que participem deste processo. Tudo se desmon-

ta; é preciso trabalhar no fluxo. De que maneira, dentro deste contexto, deve-se proceder a uma aproximação da arquitetura como linguagem, e da cidade como comunicação?

A arquitetura é entendida aqui como signo – isto é, como algo que está em lugar de algo, que representa algo -, e o signo arquitetônico é composto de inúmeros outros signos parciais que, simultâneos ou não, hierárquicos ou não, estão sempre em um processo de semióse que lhes permite assinalar o tempo e o espaço, ou seja, marcar seu contexto. Não há, portanto, uma semiótica, mas uma semióse.

Tais signos representam uma concepção de espaço para um determinado homem, num determinado contexto histórico e, através deles, valores sociais se concretizam ou se desatualizam. Há, portanto, uma relação de conhecimento entre o homem e o espaço onde ele atua, seja através do projeto, seja através do uso cotidiano. Essa relação é sempre contingente, uma vez que o conhecimento através de um signo é sempre parcial e situado.

A apreensão desse conhecimento, explicitado por escolhas individuais e coletivas que se referem ao modo de habitar, de trabalhar, de se locomover, sugere a observação da arquitetura como uma história do ambiente construído, bem como da comunicação, onde o espaço deve ser estudado em suas várias representações, ou seja, no diálogo entre as diferentes formas de pensá-lo e transformá-lo. O espaço deve ser compreendido, portanto, em sua dimensão comunicativa.

Desta forma, a cidade passa a ser entendida como ambiente, como lugar de fluxos comunicativos, cuja dinâmica é permeada por relações sógnicas. O estudo do espaço, por sua vez, converte-se no estudo das espacialidades, ou seja, do espaço em relação, continuamente em construção e interação ininterrupta com aquele que o ocupa; é ainda o espaço em relação com a cultura, e comprometido com todos os movimentos e mudanças que o caracterizam.

De acordo com Ferrara (2007: 6), a dimensão comunicativa do espaço se faz representar através de espacialidades. A representação deve ser entendida aqui como a estabilização de um recorte, de um aspecto do objeto a ser estudado, enquanto experiência fenomênica, a fim de que se possa conhecê-lo - mesmo que de maneira parcial e contingente. É sempre, portanto, através de representações, que se pode conhecer algo; e o espaço, dentro desse contexto, pode ser conhecido a partir das construtibilidades que o representam. A es-

pacialidade aparece como uma categoria de observação da construtibilidade do espaço, aliada à visualidade (“artefato de registro que possibilita o pronto reconhecimento do mundo” - idem: 13), e à comunicabilidade (“nos permite perceber relações sociais ou surpreender como aquele registro visual e os códigos e suportes que o caracterizam, podem estabelecer profundas alterações nas relações entre os homens e na sociedade que ajudam a construir” - ibidem: 13).

Dependendo da maneira como o espaço se manifesta, tem-se diferentes manifestações de espacialidades, visualidades e comunicabilidades. Tais categorias não são estanques, nem se encontram numa relação causal; elas se complementam, cada uma implicando na outra: a espacialidade representa uma determinada situação, que pode ser apreensível através de sua visualidade (que expõe a característica fenomenológica desta espacialidade) e de sua comunicabilidade (explicita as relações existentes entre espacialidade, suas representações visuais e os significados daí decorrentes ou construídos pelos indivíduos).

Mas onde e como se pode reconhecer tais espacialidades?

Sempre haverá a dificuldade do conhecimento parcial e frágil, já que as espacialidades se fazem presentes de maneira imprevista, transformam-se continuamente e rapidamente, são instáveis e estabelecem inúmeras relações que não podem ser controladas. É na cidade onde encontram seu campo de manifestação mais rico. A arquitetura, como suporte tridimensional, volumétrico e dinâmico, expande-se e passa a fazer parte da cidade, entendida aqui como ambiente comunicativo.

Não se deve, portanto, abordar a arquitetura como elemento isolado; é preciso ir além dos seus aspectos meramente físicos ou materiais, ou seja, é necessário estudá-la sempre em relação - ao seu contexto, ao homem, à cidade. Arquitetura e cidade diluem-se num diálogo fluido, transformando-se simultaneamente com aquele que as utiliza; o homem, aqui, aparece como mais um elemento de um emaranhado de relações, intervindo continuamente, seja através do projeto, seja através de suas ações cotidianas.

Não se trata, aqui, de tentar estabelecer (ou reconhecer) uma estética, uma história ou uma teoria da arquitetura. Boa parte dos estudos sobre arquitetura mantem o foco no como fazer - os chamados manuais técnicos de arquitetura -, ou em classificações de esti-

los arquitetônicos. Apesar do reconhecimento da existência de uma tipologia arquitetônica bem definida, a tentativa será de não se limitar a aspectos técnicos ou formais, abordados a partir de sua evolução histórica. A possibilidade vislumbrada, aqui, é o desenvolvimento de uma análise não apenas descritiva, mas principalmente interpretativa, onde não só as semelhanças são explicitadas, mas também as diferenças se constituem como elementos imprescindíveis na compreensão dos significados do mundo fenomênico observado.

Convergências e divergências, ao serem flagradas no espaço, constituem-se como elementos que possibilitam a compreensão das estruturas sociais. Tal movimento pode ser percebido a partir do foco na experiência diária e ordinária que se desenrola no espaço social, onde se caracterizam um modo de comportamento, uma mentalidade cultural e suas possíveis mudanças. Tem-se, portanto, um convite à observação de índices de rotina, em suas dimensões sintática, semântica e pragmática; à adesão às manifestações concretas do fenômeno, bem como à sua emergência, inseridas no cotidiano; à observação do detalhe dos elementos que caracterizam cada realidade. Sugere-se atentar para aquilo que não está imediatamente dado, para o resíduo aparentemente sem significado, para o inaudível ou o invisível.

Observação, experiência e experimentação, daquilo que Benjamin chamou de imagem dialética: o que sempre está e sempre esteve ali, disponível, mas que nem sempre é percebido e, quando o é, desvela diante de si sua pluralidade de sentidos, dando significado às relações que estabelece. Imagem feita de vestígios, indícios soltos, frágeis e frouxos, descharacterizados e imprecisos, mas passíveis de resgate, de recolhimento e, a partir daí, da produção de uma nova imagem, dialética e crítica - a remontagem de uma outra imagem que oferece, sobre a realidade, uma outra possibilidade de reflexão crítica. Mas tal processo não se faz sem conflitos, como ressalta Ferrara: “Esse despertar dialético não se faz sem choques e isso implica em superar a linguagem tal como se apresenta enquanto inerte mensagem, ou seja, é necessário que nela se encontre a correlação de um sentido que só se descobre ao ser reconstruído no seu percurso, ou seja, é necessário descobrir, no espaço enquanto suporte inerte, as dobras de múltiplos sentidos que nos convidam a transformar o espaço, em espacialidades” (2007: 30).

Tal método surge como consequência epistemológica da admissão de que, como coloca Bateson (1987), todos os comportamentos se estruturam socialmente através da co-

municação, de modo relacional. Tais relações são sistêmicas e contextuais; o contexto, por sua vez, nutre-se também das convergências, mas sobretudo das diferenças.

E esta parece ser a diretriz aqui - a observação como método. A sutileza na apreensão das manifestações do objeto. Os processos de análise dos fenômenos observados guiando-se pelos próprios objetos, e não a partir de teorias pré-selecionadas. Não que se dispense as teorias; mas elas servem para instrumentalizar, para aguçar a capacidade interpretativa, e serão sugeridas pelo movimento e pela vivacidade do objeto.

CRIAÇÃO DE SOCIABILIDADES

A cidade, através das relações contínuas e geralmente imprevisíveis – mas sempre de mão-dupla -, entre suas diversas espacialidades e sociabilidades urbanas, configura-se como lugar da comunicação: ela possibilita a realização de processos comunicativos e a consequente produção de novas informações, num intercâmbio dialógico contínuo. As diferentes espacialidades, flagradas no espaço da cidade, engendram sociabilidades, ou seja, trocas de símbolos de aspectos valorizados de identificação social (tais como marcas de status, ou valores associados a determinados papéis sociais). A circulação desses valores é feita como comunicação - assim se constituem sociabilidades, decorrentes de práticas das relações sociais.

As comunicações, portanto, formam a base da sociabilidade, e vice-versa, porque projetam valores e significados que transcendem o dia-a-dia. Os comportamentos individuais e coletivos estruturam-se socialmente através da comunicação, de modo relacional. Estas relações são sistêmicas e contextuais.

Novos signos são ininterruptamente produzidos, trazendo consigo a necessidade de novas formas de linguagem para representar e compreender novos fenômenos. E se não há mais aqui um sujeito em posição privilegiada de observação e controle diante de um objeto inerte e passivo, e sim organismos e entorno desenvolvendo-se simultaneamente em relações dialógicas, pode-se investigar: o que tais relações valorizam em um determinado momento (já que qualquer pretensa resposta é, de saída, falível e contingente)? Como o ambiente se

mostra naquele contexto? Que formas de ver e de viver manifestam-se neste ambiente? Qual o conhecimento que se esconde no espaço vivido e vivenciado?

Ao se falar na dimensão comunicativa do espaço, da arquitetura e da cidade, fala-se em comunicação, e também em transmissão. R. Debray, apesar da dificuldade de tal empreitada, distingue os termos em três níveis (material, diacrônico e político; cf. Debray, 2000: 13-20), ressaltando o caráter processual e mediatizado inerente a toda e qualquer transmissão, bem como o interesse da mediologia (setor de pesquisas voltado aos fatos da transmissão - (cf. McLuhan por McLuhan, 2005: 272) pelas coisas triviais em lugar dos “grandes feitos e dos homens ilustres”. Transmite-se idéias, valores e crenças, movimentos de idéias e movimentos de homens, através de meios tão diversos como a poesia, o desenho ou a escrita, o impresso, a internet ou a arquitetura. Como forças simbólicas transformam-se em forças estabelecidas?

Tal transmissão nunca se faz sem mediação. Como processo, como ação sógnica - que pode ter visibilidade ou não, pode ser ou não percebida, isto é, pode configurar-se ou não como diferença -, a mediação supõe troca comunicativa. A cidade, como estrutura contextual que envolve tudo o que dela brota, transforma-se em lugar onde se dá esse embate comunicativo, em meio que possibilita as mediações - que, por sua vez, configuram a dimensão comunicativa do espaço e explicitam a circularidade de tal conhecimento, inesgotável porque imprevisível.

Cultura e natureza, homem e cidade. Como na semiosfera de Lotman (1996), a cultura aparece como um organismo, e a cidade como o espaço que possibilita a realização de processos comunicativos e a conseqüente produção de novas informações, num intercâmbio dialógico contínuo.

CAPÍTULO 1

..... *representações*

1.1. ICAPUÍ: OLHAR DE DENTRO, OLHAR DE FORA

Quando abrir a porta e assomar à escada, saberei que lá embaixo começa a rua; não a norma já aceita, não as casas já conhecidas, não o hotel em frente; a rua, a floresta viva onde cada instante pode jogar-se em cima de mim como uma magnólia, onde os rostos vão nascer quando eu os olhar, quando avançar mais um pouco, quando me arrebentar todo com os cotovelos e as pestanas e as unhas contra a pasta do tijolo de cristal, e arriscar minha vida enquanto avanço passo a passo para ir comprar o jornal na esquina.

(CORTÁZAR, Julio)

1.1.1. Experiências

Que lugar, para você, é importante em Icapuí?



01, 02. Fotografias feitas pelos moradores de Icapuí

A rua onde se mora. O lugar de trabalho. A casa.



03 - 06. Fotografias feitas pelos moradores de Icapuí

A cidade se apresenta: a praça principal, a igreja matriz, a escola municipal, o bar, o mirante; a cidade vista de cima, a lua no final da tarde. Imagens de lugares que identificam Icapuí como Icapuí, para quem ali vive.

A casa se mostra: vista de fora, uma tipologia arquitetônica bem definida. As cores, no entanto, mudam sempre, e as combinações de tons mais claros e mais escuros identificam a casa e seus moradores. São casas de taipa, cobertas com telhas de barro, situadas próximas da via, geralmente sem muros.

Dentro de casa, o foco são os objetos, e não os ambientes. As fotografias enquadram o aparelho de som, o móvel do telefone, a estante da sala de estar, a cama e a rede, a televisão. Além dos objetos, importam aqueles que moram: no alpendre, na sala, no quarto ou na cozinha, imagens de pessoas em seus espaços mais significativos representam o apelo e os vínculos do espaço doméstico, do espaço habitado, do espaço de casa. Imagens que flagram cenas do cotidiano capazes de revelar relações de pertencimento entre o homem e o seu lugar, ou seja, entre o homem e o espaço habitado por ele.



07 - 14. Fotografias feitas pelos moradores de Icapuí



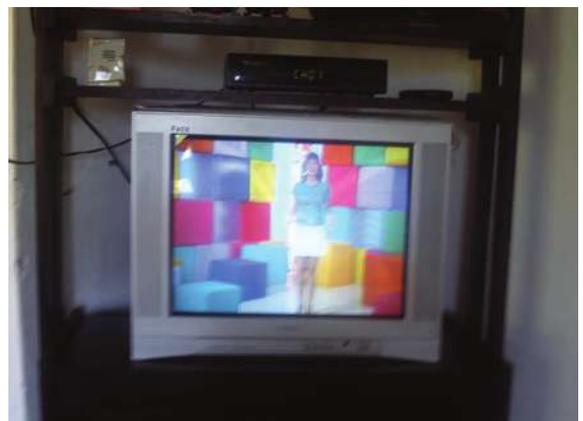
15, 16. Fotografias feitas pelos moradores de Icapuí

As fotografias feitas por alguns dos moradores das doze casas alpendradas de Icapuí selecionadas para esta pesquisa explicitaram a importância dos objetos nos processos do habitar: a casa só é a partir da emergência de manifestações das suas relações, ou seja, só acontece como casa através da explicitação das interações entre pessoas, coisas, espaços, sons, cheiros, barulhos. Esta conjunção de elementos heterogêneos, de percepções e afecções, constantemente atravessada por novos elementos que podem reconfigurá-la ou até mesmo diluí-la, configura o movimento da casa – do dia ou da noite, da frente ou dos fundos, da chuva ou do sol, tantas casas em uma mesma casa.

Um lugar que era passagem, ou seja, era percurso e não ponto de chegada, transformou-se numa cidade sem centro onde, numa via sem calçadas, surgiram casas sem corredores.



17, 18. Fotografias feitas pelos moradores de Icapuí



19 - 22. Fotografias feitas pelos moradores de Icapuí

As casas e suas relações diluem a oposição interior / exterior, e caracterizam-se a partir de uma ambivalência: se a tipologia arquitetônica parece, num primeiro momento, favorecer um recolhimento maior (paredes espessas, portas e janelas de madeira em fichas), a implantação (a proximidade com a via) e o uso fazem com que a casa se constitua como um elemento aberto às pessoas, à rua, à cidade. A casa, índice do privado por excelência, aparece como elemento quase público, à disposição do olhar – seja ele estrangeiro ou habitual.

A implantação linear das casas ao longo da via aumenta as distâncias e desfavorece os encontros em algum ponto privilegiado da cidade; ao contrário, criam-se pequenos, imprevisíveis e passageiros núcleos de sociabilidade, pois as visitas vem de perto, vem do lado. Portas e janelas abertas convidam à conversa e ao café da tarde, a organização espacial interna possibilita a visão quase sem barreiras dos fundos da casa, do quintal, dos animais. A casa sem muros se entrega ao olhar, deixa-se devassar sem cerimônia - acolhe o visitante no alpendre, espalha-o pelas salas, conduzindo-o à parte de trás, ao lugar do trabalho doméstico

diário, espaço de convivência e de trocas. Nos quartos, do lado direito, as janelas permanecem fechadas, conservando o aconchego da pouca luz e a segurança do resguardo.

Para conhecer a casa alpendrada de Icapuí, portanto, basta aparecer na porta e dar bom dia. O convite já está posto *a priori*.

1.1.2. Tipologia

A primeira etapa da pesquisa em Icapuí foi realizada em grupo¹, ao longo de 2006, devido ao interesse comum de publicar um livro sobre as casas de taipa alpendradas. Foram visitadas aproximadamente 105 casas (de um universo de quase 700 exemplares, espalhados pelo município), que foram fotografadas e geo-referenciadas; os moradores responderam a um pequeno questionário, onde indicavam o que sabiam sobre a casa (quando havia sido construída, por quem, que alterações haviam sido realizadas), bem como nos informavam sobre a quantidade de pessoas que ali habitavam, suas idades e que ocupação tinham. Como produto desta fase da pesquisa, foi elaborado um banco de dados com estas informações, que serviu como ponto de partida para a dissertação de mestrado.

A equipe inicial dissolveu-se, e prossegui com as etapas seguintes, já como mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Semiótica. Foram realizadas mais visitas ao município de Icapuí, a fim de aprofundar a pesquisa de campo. Das 105 casas inicialmente pesquisadas, foram selecionados 12 exemplares – que foram novamente fotografados –, e um novo questionário foi aplicado, já que se buscava uma conversa informal sobre hábitos, maneiras de usar e perceber a casa e a cidade, ou seja, a vida em Icapuí.

Doze casas, vários traços comuns: semelhanças adaptativas, alterações tipológicas e infinitas referências. As observações do cotidiano, os relatos orais, pedaços de vivências e fragmentos de vida aparecem como elementos constituintes de espacialidades do habitar de um lugar que foi passagem, e hoje é fluxo. Índices fugazes, contingentes e carregados de sig-

1. Daniel Ribeiro Cardoso e Aléxia Carvalho Brasil, arquitetos pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e doutores em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; e Larissa Miranda Menescal, graduada em Arquitetura e Urbanismo pela UFC.



23 - 31. Casas de taipa alpendradas de Icapuí (CE 261, Mutamba e Cajuais)

nificação, que contribuem para a compreensão das relações do modo de habitar em Icapuí com a sociabilidade urbana e comunicativa que ele engendra.

O primeiro fato que impressiona, quando se chega em Icapuí (além do imenso coqueiral visto de cima, a partir da descida da serra), é a quantidade de casas alpendradas de tipologia semelhante espalhadas pelo município, principalmente na estrada que leva da praça da Liberdade até a praça da sede (praça central, percurso de aproximadamente 5km). Implantadas com muita proximidade da via² (algumas com a frente voltada para a estrada, outras com a lateral), tem proporções, materiais, distribuição espacial e usos bastante similares entre si.

2. Continuação da CE 261, asfaltada há aproximadamente 20 anos; até então, era de terra.



32 - 34. Casa Sr. Raimundo José, construída há aproximadamente 200 anos

As casas mais antigas tem cerca de 100 anos, as mais novas perto de 30 anos. São aparentemente herdeiras das antigas casas de fazenda do sertão cearense, com seus alpendres e paredes grossas, e sua singeleza de detalhes. A sobriedade da arquitetura residencial no Ceará deve-se, em boa parte, ao desenvolvimento cearense, que acompanhou a expansão da pecuária e ocorreu dentro de um quadro econômico onde



35. Casa construída há aproximadamente 150 anos

(...) esteve ausente a monocultura escravocrata, disseminando-se uma população turbulenta, espalhada pelas regiões mais distantes e constituída de facções em permanente luta, contra si ou contra a indiada. Não se criaram, pois, aglomerados de importância demográfica, cuja forma de viver pudessem exigir alguma arquitetura significativa, civil ou mesmo religiosa. (...) Assim, pode-se afirmar que a totalidade da arquitetura antiga do Ceará procede do século XIX, quando já se encerrara o ciclo barroco, que ecoava ainda nos sertões apenas através da aplicação de uns raros elementos decorativos, traduzidos numa visão arcaica ou toscamente interpretados. (Castro, 1973: 3)

A arquitetura antiga do Ceará refletiu, portanto, as dificuldades enfrentadas no processo de ocupação desta Capitania:

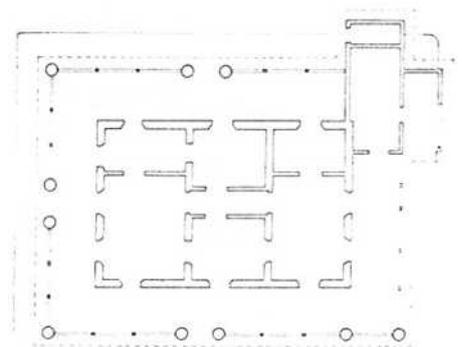
(...) reduzida ao essencial, condicionada às parcas disponibilidades financeiras e sempre erguida com materiais de construção locais, para cujo emprego se descobriram técnicas imprevistas, caracterizadas pelo uso intensivo da carnaúba, da pedra solta nos muros dos currais, do entaipamento sobre cercas de faxina, do couro nas dobradiças e na amarração das madeiras, do tijolo branco de diatomita, achatado ('romano', no dizer de um autor), antitérmico. (Idem: 4)

Tal arquitetura é encontrada no litoral ou nos sertões, até o final do século XIX (quando aparecem novas técnicas e materiais importados, a serem utilizados sobretudo na capital, Fortaleza), tanto nas casas de fazenda, como nos engenhos de rapadura, nas capelas ou pequenos mercados. Esta “arquitetura de autores anônimos”, de aparência “despojada e máscula, evidencia atavicamente, se não na forma, mas no espírito, as velhas origens ancestrais, trazidas de além-mar” (Ibidem: 4).

No interior, “A vida dos sertões, presa às tarefas essenciais e caracterizada pela exiguidade de meios econômicos, muito limitada pela falta de materiais de construção refinados e de mão-de-obra altamente habilitada, reduz a produção arquitetônica à expressão mais simples” (Castro, 1983: 300).

A arquitetura das fazendas resumia-se basicamente à casa de fazenda, onde moravam os proprietários da terra, e à casa dos trabalhadores – vaqueiros, ajudantes e demais moradores, fossem fixos ou temporários. Segundo Castro, aparentemente não havia grandes diferen-

36. Chácara Salubre, séc. XIX, CE (Castro, 1983: 306)



ças entre as moradias dos estratos sociais existentes. As soluções arquitetônicas – organização espacial, materiais utilizados, técnicas construtivas adotadas – eram bastante semelhantes, e apresentavam sempre “grande singeleza”. As casas dos fazendeiros, situadas nas áreas rurais, tinham grandes dimensões, mas eram sóbrias e de detalhes simples: cobertura com telha em duas águas, grandes alpendres e paredes grossas de tijolos.

Distribuídas pelos latifúndios encontravam-se as casas dos demais habitantes – cabanas de taipa, com cobertura quase sempre de palha, baixa e de pouca inclinação, e chão de terra batida:

O interior das casas tinha piso de tijolos (as mais pobres, de terra batida) e o equipamento era reduzido ao mínimo, isto é, mesas, tamboretas e baús, tosco mobiliário em que quase sempre se emprega o couro. O fogão se reduz a uma trempe, contando-se algumas prateleiras que guardam os objetos necessários ao cotidiano e as poucas imagens de devoção dos moradores. De resto, e sempre, as redes. (Castro, 1983: 305)

Ao seu redor, cultivavam-se pequenas roças que atendiam o consumo imediato dos moradores.

Em Icapuí, as casas eram feitas em taipa de mão: a partir de uma estrutura independente de madeira (troncos de carnaúba, nas casas mais antigas), construía-se uma trama com peças horizontais e verticais (também de madeira, amarradas com palha ou cordas) onde se



37. Placa indicativa - CE 261 -
casas de taipa alpendradas

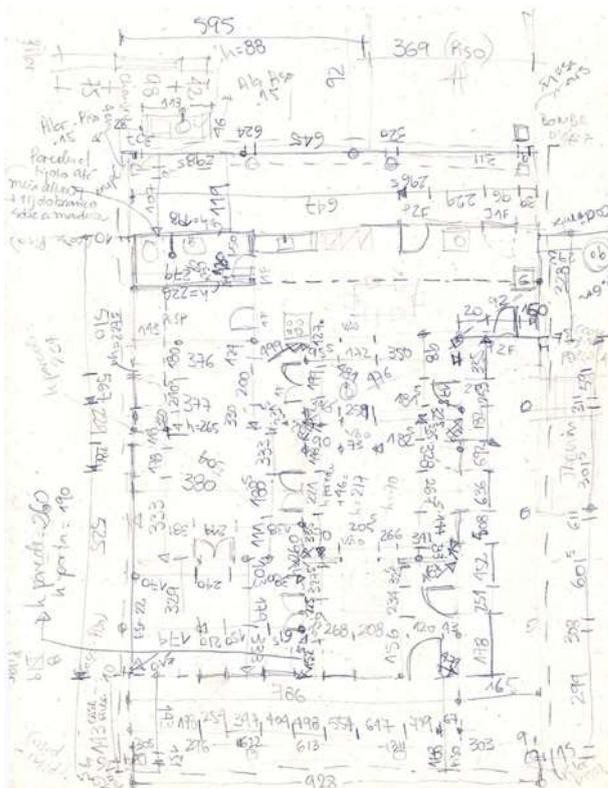


38. Casa Ivanilda Maria da Costa

jogava o barro misturado com areia. Assim eram executadas as paredes (vedações) que, após adquirir a espessura adequada (entre 20 e 25 cm), recebiam o acabamento com uma camada mais fina de barro. As paredes tem, assim, a aparência de paredes de tijolos, e a taipa se denuncia apenas pelos seus detalhes construtivos (maior espessura das paredes, rebaixo dos armadores, fixação das portas e janelas).

A madeira utilizada na estrutura (carnaúba, nas casas mais antigas) era retirada na Mata Fresca, a aproximadamente trinta quilômetros da sede de Icapuí; o barro e a madeira da armação eram coletados no próprio terreno, que seguia da serra até o mar. O trabalho em madeira (estrutura e cobertura) era executado por mestres carpinteiros³ - alguns experientes no trato com o material devido à intimidade com os barcos -, e o fechamento da taipa era feito em mutirão, geralmente pelo dono da casa e seus parentes ou amigos, às vezes vizinhos.

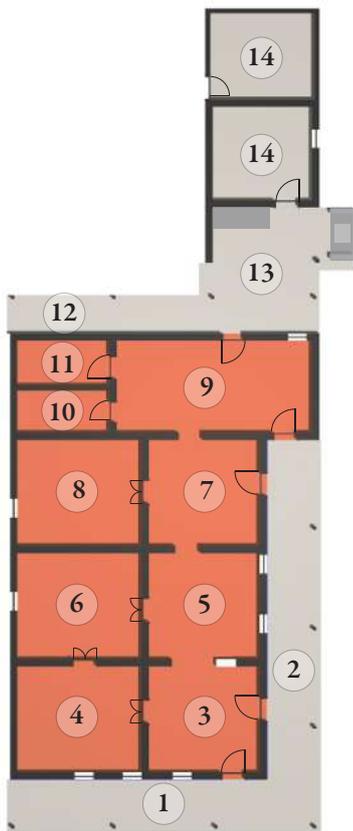
Os apêndices em U protegem a casa do sol, dos ventos e da chuva, além de se constituírem como lugar de encontro, de descanso, um híbrido privado-público onde se pode ver



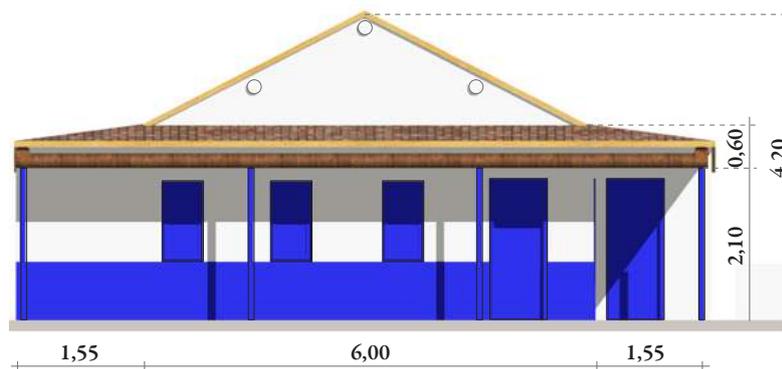
39. Casa Ivanilda Maria da Costa

40. Levantamento casa Ivanilda Maria da Costa

3. Alguns dos mais citados foram Luis de meu Chico e Raimundo Lacerda (ainda vivos), e Neo Pijuca (falecido).



42. Planta baixa



41. Fachada casa Ivanilda Maria da Costa

- | | |
|------------------------|-----------------------|
| 1. alpendre - frente; | 9. cozinha |
| 2. alpendre - lateral; | 10. despensa |
| 3. sala estar | 11. banheiro |
| 4, 6, 8. quartos | 12. alpendre - fundos |
| 5. sala televisão | 13. anexo |
| 7. sala jantar | 14. depósito |

e ser visto. A planta é, na maior parte das vezes, retangular - geralmente dividida ao meio longitudinalmente, e em duas ou três partes na transversal, dependendo de suas dimensões (as casas pesquisadas variam entre 5 a 8m de largura, por 7 a 14m de comprimento; a altura da empena varia de 3,5 a 5m).



43, 44. Detalhe pilar

De um lado, distribuídos um após o outro, da frente para os fundos da casa, ficam os quartos; do outro, as salas (sala de estar / sala da televisão, e sala de jantar). Todos os cômodos têm ligações entre si: as portas se abrem para as salas, para os outros quartos. Nos fundos, fica a cozinha. Situada na parte da casa de pé-direito mais baixo (o que seria o alpendre dos fundos), é geralmente

mais escura, e quase todas as casas tem, no quintal, um anexo – que também funciona como cozinha, pela presença do fogão a lenha, e como área de serviço, pois é onde se lavam louças e roupas.

As paredes são grossas (mais de 20cm), e as esquadrias de madeira, em folhas cegas únicas ou duplas, espalham-se a distâncias regulares. As portas externas são divididas ao meio na altura (folhas independentes). Os pilares do alpendre, também de madeira, tem um desenho típico: de seção quadrada (8 x 8cm), tem um recorte a aproximadamente 50cm do piso, que se prolonga até 50cm do final do pilar (a seção fica com 5cm nesta extensão).

Geralmente são utilizadas duas cores na parte externa das casas: uma mais escura para pilares, esquadrias e para a faixa inferior das paredes (do piso até o peitoril das janelas, existente tanto para proteger a parede de taipa da umidade vinda da terra, como talvez em



45, 46. Detalhes cobertura - alpendre

47, 48. Detalhes cobertura - interior

referência à pintura dos barcos), que varia entre o marrom, azul escuro, cinza ou verde; nesse caso, é utilizada tinta a óleo. Cores mais claras, em tinta a base de cal, são utilizadas no restante das paredes, variando entre o branco, o bege, amarelo, azul ou verde claros.

A simetria e a proporção do desenho das casas de Icapuí é notável: na distribuição das esquadrias, dos pilares, na presença dos alpendres, na organização interna dos espaços. As empenas são altas (em torno de 5m de altura na cumeeira, um pouco mais baixas nas casas mais recentes⁴), a cobertura é em duas águas, com inclinação bem menor nos alpendres⁵. As paredes internas tem altura constante (aproximadamente 2,40m), e não chegam até a estrutura do telhado, o que favorece a ventilação – as casas mantêm sempre uma temperatura bastante agradável.

Entre as alterações que são comumente executadas nas casas, as mais freqüentes são a construção de banheiros em alvenaria de tijolos (as casas não possuíam originalmente banheiros; contavam com um anexo situado nos fundos dos terrenos, cercado de palhas de coqueiro ou construído de tijolos) e de cozinhas auxiliares atrás da casa. Em alguns casos, o pé-direito da cozinha é ampliado, ou trocam-se as peças de madeira (sejam da cobertura ou estruturais, como os pilares dos alpendres).



49. Cozinha
(extensão do alpendre - fundos)



50. Antena parabólica
(presente em quase todas as casa)

4. As casas mais antigas utilizavam telha de barro fabricada em Aracati, de maiores dimensões e peso que as telhas mais novas – o que permitia a utilização de uma inclinação maior nos telhados e resultava em empenas mais altas.

5. A cobertura principal tem entre 35 e 45% de inclinação, enquanto nos alpendres esse número cai para aproximadamente 15%.



51. Pia para lavagem de louças e roupas (extensão do alpendre - fundos)



52. Anexo - fundos (ponto de encontro)



53, 54. Sala da televisão



55. Sala de estar



56. Sala de refeições



57, 58. Quarto

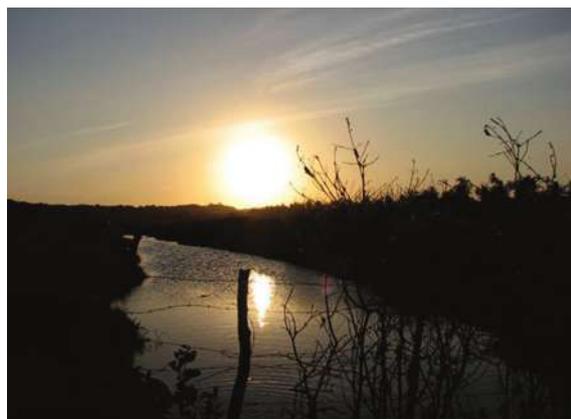


59, 60. Pisos - cimento queimado decorado

O mobiliário é simples. No alpendre da frente (de aproximadamente 1,5m de largura), cadeiras de madeira ou bancos baixos. A primeira sala, mais próxima da via, é o ambiente de acesso à casa, o mais público de todos os ambientes privados: conta com várias janelas, algumas vezes duas portas (uma na frente e outra na lateral), que permanecem abertas durante o dia. É onde fica a televisão, em posição de destaque seja em grandes estantes ou em pequenos móveis de madeira. O ambiente é composto ainda por sofás, poltronas, enfeites variados (flores artificiais, bonecos de porcelana, imagens religiosas), e sempre há fotografias – antigas e novas, penduradas da parede, acima da estante, ou sobre ela, em porta-retratos.

A sala seguinte é o lugar das refeições, precedida pela cozinha. Ao lado, tem-se o banheiro, a despensa e o depósito. Estas últimas peças, como a cozinha, ficam na parte de trás da casa, onde o pé-direito é mais baixo e a luminosidade é menor.

61, 62. Caminho - praias



1.1.3. A casa que todos tem, a casa de cada um



63. Vista casa - CE 261 / serra



64. Vista CE 261 - casa



65, 66. Alpendre lateral / jardim

A sra. Ivanilda Maria da Costa, de 71 anos, mora apenas com o marido e o filho, mas sempre há mais gente da família em casa. A filha vem visitá-la todos os dias, traz a neta, prepara o almoço, fica para o descanso nas redes do alpendre após a refeição. As festas de família são sempre realizadas na casa de Ivanilda - “essa casa é meu xodó”, diz ela, “todo canto dela pra mim é bom”.

Tanto apego é percebido no ótimo estado de conservação da casa - pintada, limpa e arrumada -, bem como no cuidado com o jardim. A sra. Ivanilda tem prazer em mostrar a casa e em receber bem as visitas (nas três vezes em que lá estive - em 2006, 2007 e 2008 -, a conversa começou na sala e foi entrando pela casa, passando pelos quartos, cozinha e anexo, para terminar nas redes do alpendre. Na última vez, lá pelas onze horas da manhã, fui convidada para almoçar - um verdadeiro banquete e, na mesa de almoço, com toda a família e alguns agregados, pude compartilhar um pouco da vida de Icapuí).



67. Pia para lavagem de louças -
alpendre dos fundos

68. Quarto

O piso é de cimento queimado, o mobiliário é simples. De manhã, as mulheres permanecem na parte de trás da casa – cuidam do quintal, preparam o almoço. À tarde e no começo da noite, passam para o alpendre da frente, em cadeiras, ou para redes armadas nos alpendres laterais, ou ainda para a sala da televisão, com estantes, sofás, fotos da família penduradas nas paredes. O café da tarde e a tapioca antecedem o jantar, as casas passam o dia de portas e janelas abertas. Só se fecham quando a noite já vai alta.

Quanto à cidade, o movimento da via (CE 261, que passa em frente à casa) desagrada bastante - no entanto, a casa é uma das poucas implantadas com maior distância da estrada. Os moradores afirmam que hoje há muitas motos e carros, vários acidentes. Há algum tempo, as visitas podiam dormir nos alpendres, Ivanilda e o marido ficavam olhando a lua até bem tarde. Isso não é mais possível, pois Icapuí está “cheio de gente de fazer mal”⁶.

6. Há três anos a casa teve uma de suas janelas arrombada, mas o sr. Manuel (marido da sra. Ivanilda) sacou a espingarda e assustou o ladrão...



69. Casa Genoveva (2007)



70. Casa Genoveva (2008)

Na casa da dona Genoveva (83 anos), as paredes em rosa e branco abrigam quatro mulheres da mesma família, mãe, duas filhas e uma neta. Muito bem conservada e situada em Cajuais, à beira da via, a casa permanece – como a maioria - de portas e janelas abertas durante todo o dia. Durante a manhã, o lugar de reunião é a cozinha, localizada nos fundos da casa, e a continuação do alpendre de trás, onde ficam pias e tanques para lavagem de louças e roupas. É a hora de preparar o almoço e cumprir com boa parte dos afazeres domésticos, como varrer o quintal e alimentar os animais (gatos, cachorros e galinhas; os carneiros foram vendidos).

Do alpendre da frente, às 10 horas da manhã, já é possível avistar a dona da casa na cozinha. O olhar segue sem barreiras, já que a casa, dividida ao meio longitudinalmente, permite que se vislumbre, do seu lado esquerdo, a sala da televisão (sala de estar), a sala de refeições e a cozinha. A empena é alta (quase 4 metros), as paredes chegam a 2,40m e há portas interligando todos os cômodos, em todas as paredes. Na cozinha, o fogão a gás é menos utilizado que o fogão a lenha, onde são preparados peixes, carnes e o feijão. Recipientes



71. Sala de estar



72. Sala de refeições



73. Recipientes - cachaça



75. Alpendre da frente



76. Alpendre lateral

74. Recipientes - mantimentos

grandes de vidro, usados para guardar grãos e para armazenar a cachaça que era produzida nos alambiques locais⁷, encontram-se hoje vazios – há menos gente em casa, menos demanda, além dos grãos não serem mais colhidos, e sim comprados (sempre em grandes quantidades, na maior parte das vezes não condizentes com o número de pessoas e com o tempo de consumo). Apesar da inutilidade prática, ou seja, da ausência imediata de uma função no cotidiano, os recipientes são conservados, sem conteúdo, e permanecem empoeirados nos fundos da casa, explicitando ininterruptamente a memória de um tempo que teima em não desfazer.



77. Alpendre dos fundos



78. Fogão a lenha

7. Quando os terrenos mediam distâncias que seguiam da “serra” à praia, eram divididos transversalmente pela via e era comum que algumas famílias tivessem, do lado oposto ao da casa, pequenos núcleos de produção artesanal de cachaça. A bebida era armazenada nos grandes recipientes de vidro de forma ovalada e boca pequena.



79. Sala de estar / televisão



80. Fotografias antigas - sala de estar

À tarde, é no alpendre onde todos se encontram. Sentadas em cadeiras de frente para a via, as mulheres observam o movimento da rua, são cumprimentadas pelos passantes (apesar da velocidade hoje ser outra, já que as bicicletas foram substituídas pelas motos), e conversam até a hora do café da tarde, que reúne familiares e alguns amigos. Café com tapioca, café com bolo ou com bolachas, às 17 horas a casa está cheia, eu inclusive, sentada na mesa de refeições, observando alguém que grita da porta ainda na bicicleta, “tem café hoje?”, para logo depois se juntar aos demais na mesa e na conversa.

No alpendre na frente e das laterais, as cadeiras convidam à fruição do tempo de Icapuí. A filha mais nova possui uma lan house que funciona sete dias por semana, situada em frente à casa da mãe, do outro lado da via. Do trabalho para casa, de casa para o trabalho, o dia todo, a filha rapidamente supre as necessidades dos dois lugares, criando um movimento contínuo de pessoas e de vozes (é através do grito que ela recebe e atende os chamados da casa).

Na sala da televisão, a primeira ao se entrar em casa (a mais próxima da via, aberta ao exterior durante todo o dia), uma estante grande e alta barra a passagem da porta que, antigamente, fazia a ligação com o quarto. A televisão de 20 polegadas divide espaço com peças de porcelana, alguns livros, telefone e uma radiola antiga. Numa posição semelhante a da TV, um porta-retratos reaviva dia após dia a memória do marido que já se foi (“porque tem gente que depois que morre fica desfigurado, desaparecido, mas meu marido não, ele é lindo”). Sobre a estante, fotos antigas de familiares e imagens religiosas. Um carrinho de bebidas, sofás e poltronas compõem o ambiente de estar.



81. Sr.ª Genoveva e seu pequeno altar



82. Jardim

Nos quartos, localizados do lado direito da casa e ligados entre si e entre as salas pelas portas de duas folhas, mobiliário simples: cama, guarda-roupas e redes. É comum, principalmente entre os mais velhos, dormir de rede, e não na cama. Dizem que “é costume”, “é melhor para a coluna”, além de ser mais arejado - e alguns simplesmente não adquirem o hábito de dormir de cama. Os armadores das redes, nas casas de taipa, trazem o desenho da cava na parede, já que precisam vencer o barro e chegar até a estrutura de madeira para se manter firmes.

O banheiro de alvenaria, situado na parte de trás da casa, foi a única alteração significativa desde que a casa foi construída, há aproximadamente 60 anos.

Questionada sobre o que mais gostava na sua casa, a dona respondeu: “A casa da gente a gente tem que gostar mesmo”. E apesar de deixar a casa aberta durante o dia, reclamou da quantidade de portas e janelas (“problema de segurança”) e das dimensões (“a casa é muito grande”) da casa na qual ela mora desde que casou.

Quanto à Icapuí, cidade “muito espalhada”, a dificuldade dos encontros, bem como a sensação freqüente de insegurança, foram as reclamações. Instigada com a presença e quantidade de pessoas de fora no horário do café, perguntei se ela recebia muitas visitas, ao que ela respondeu: “só vem quem mora perto, tudo é muito longe”. As atividades de lazer, além dos encontros com as pessoas próximas em casa, concentram-se nas praias, pois “quase todo mundo tem moto”. Mas isso só para os mais jovens. Os mais velhos, quando saem de casa, vão à igreja.

Em casa, veem televisão (novelas e jornais) e escutam rádio. Mas preferem as notícias de Fortaleza: ouvir as notícias de Icapuí não interessa, já que estão vendo e vivendo o que acontece na cidade.



83, 84. Casa Rita - vista CE 261

“Eu namoro ela inteirinha, ela é melhor do que qualquer outra”, foi o que me respondeu Maria Rita, a dona da casa branca, amarela e marrom, quando perguntada sobre o que mais gostava em casa. Construída há aproximadamente 35 anos e situada logo após a placa de indicação do início do núcleo histórico de Icapuí, a casa teve um banheiro executado anos depois e o piso, antes de cimento queimado, trocado por cerâmica. Segue a mesma configuração das demais casas de taipa alpendradas de Icapuí: planta retangular, dividida ao meio longitudinalmente e em três partes na transversal, quartos do lado direito, salas do lado esquerdo (do alpendre da frente para os fundos da casa, encontram-se a sala da televisão seguida pela sala de refeições), cozinha e banheiros na parte de trás, adendo nos fundos, na continuação do alpendre, com pias e tanques.

Percebe-se aqui as mesmas características tipológicas e a semelhança nos usos, quando se comparam as casas: abertas durante todo o dia, lugar de trabalho situado em frente, do outro lado da rua (neste caso, um pequeno comércio), atividades domésticas durante a manhã na cozinha e nos fundos da casa, tarde no alpendre, café, sala de estar e televisão no final da tarde e início da noite. As portas internas que ligam quartos e salas foram retiradas e substituídas por cortinas de chita, já que a dona “não fechava as portas mesmo, e a chita é muito mais bonita”... E quanto à privacidade dos quartos? “Aqui só mora a mesma família, ninguém tem problema de vergonha, e não vem muita gente de fora”.

Quatro pessoas moram na casa – Maria Rita e o marido, sua mãe e sua filha. O alpendre lateral é o lugar onde as mulheres mais gostam de ficar: é ventilado e dá para ver a rua. Deitadas em redes, descansam do almoço e esperam a hora do café da tarde.



85. Cozinha



86. Anexo - fundos



87. Sala de estar / televisão



88. Sala de refeições



89. Alpendre lateral



90. Cortinas de chita



91. Recipientes - mantimentos



92. Estoque mantimentos



93. Quarto

Mais uma vez, a estante da sala de estar abriga a televisão, o som, fotos e pequenos enfeites. Maria Rita tem prazer em manter a casa sempre muito arrumada, pois gosta “de tudo em seu lugar, adoro cuidar da minha casa”.

É na casa onde se reúnem os familiares que moram em outros estados, bem como as amigas da mãe. Antes da morte do pai (há cerca de três anos), havia mais visitas. Não saem muito de casa; vão à igreja no domingo, às festas na praça, quando ocorrem (não são muito freqüentes). Na televisão (programa de toda noite), assistem aos jornais e novelas. No rádio a pilha, notícias de Fortaleza e Icapuí.

O costume de encher potes de mantimentos vem desde a época do pai. São vários recipientes grandes de plástico, que acomodam as compras mensais de arroz, feijão, milho, farinha e açúcar. Quando o estoque diminui, Maria Rita vai às compras e repõe os mantimentos, deixando os potes cheios novamente. Perguntei se não eram muitos produtos para poucas pessoas; ela respondeu que sim, mas que “era costume, sempre fizeram assim, desde quando o pai era vivo”.

Em Icapuí, lugar onde Maria Rita nasceu e sempre morou, ainda se vive tranquilamente, apesar da cidade ter crescido e “evoluído”. Deixam a casa aberta inclusive quando saem, e nunca houve incidente algum.



94, 95. Casa sra. Gerarda - vista CE 261

Quando a sra. Gerarda, de 80 anos de idade, casou aos 17, a casa verde e branco já existia. Desde a morte do marido e a saída do filho, há aproximadamente 30 e 25 anos, ela mora apenas com a filha. A antiga despensa teve sua área reduzida para a construção de um banheiro, única alteração realizada na casa.



96. Alpendre da frente



97. Alpendre lateral



98. Sala de refeições / sala de estar



99. Anexo - fundos



100. Sala de estar / televisão



101. Sala de refeições



102. Cozinha



103. Fogão a lenha

Muito ventilada e agradável, a casa é bem cuidada pelas duas, que fazem “tudo na casa e no quintal”. Passam a manhã na cozinha, preparam o feijão no fogão a lenha, limpam o quintal, alimentam as galinhas e, após o almoço, cochilam nas redes do alpendre. Acordam todos os dias às 4 horas da manhã, almoçam às 11, tomam o café da tarde às 15 e jantam às 17 horas. Às 20 já estão recolhidas para dormir.

Durante a tarde no alpendre, alguém passa de bicicleta, encosta, cumprimenta e conversa um pouco. As duas senhoras afirmam que não recebem muitas visitas, e que só saem para ir à igreja. Gostam de tudo em casa e na cidade; tem uma vida boa. Praticamente não escutam rádio. É preciso estar perto para ouvir, e elas passam boa parte do dia no quintal. Assistem pouco à televisão - que fica, assim como na maior parte das casas, na primeira sala da casa, mas sobre um pequeno móvel de madeira, e não em uma grande estante. Com fotos antigas nas paredes da sala de estar, a casa tem poucos móveis, é ampla, arejada e bem iluminada. Situada bem próxima da via, tem um desnível que foi acentuado quando asfaltaram a rua – e a mureta que vence o desnível transforma-se em banco para quem chega e quer conversar.



104. Casa Maria do Socorro - vista CE 261



105. Alpendre da frente

Na casinha verde e azul, Maria do Socorro não gosta da proximidade com a via – sua casa possui um muro na frente, que a protege e serve como propaganda do negócio da família. A mulher trabalha em casa vendendo perfumes, o marido tem uma oficina que conserta bicicletas. Na parte de trás, há três anos, derrubaram a antiga cozinha e construíram outra, em alvenaria, com pé-direito mais alto. A casa tem dimensões reduzidas, se comparada a outros exemplares da mesma tipologia, mas segue suas características, inclusive de proporção.



106. Sala de estar / televisão



107. Sala de estar



108. Sala de refeições



109. Cozinha

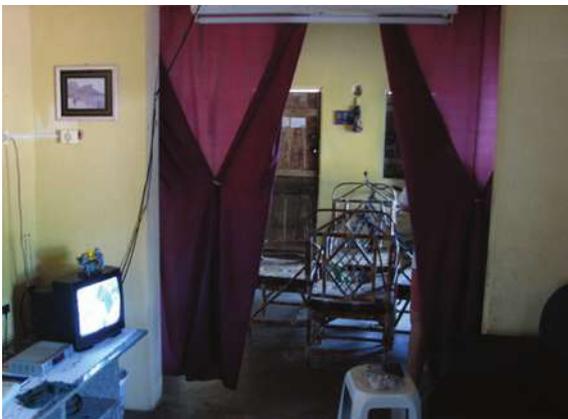
A mãe de Maria do Socorro, que mora na casa ao lado, construiu a sua de alvenaria, mas seguiu o desenho das de taipa.

Algumas portas internas foram fechadas com tijolos, outras substituídas por cortinas de tecido. A casa foi dividida em duas – de um lado, salas e quartos, do outro, a oficina do marido. Na sala de estar, a estante comporta duas televisões e dois aparelhos de som, além das peças de porcelana. Quatro pessoas moram na casa que em julho de 2008 recebia nova pintura.

O melhor lugar da casa, diz a dona, é o alpendre lateral, ventilado e mais longe da via. A louça e as roupas são todas lavadas na parte de trás da casa, onde ela passa boa parte da manhã. O marido montou no quintal uma pequena academia, com equipamentos feitos por ele, e que são utilizados por alguns rapazes que moram perto. No final da tarde e à noite, a família se reúne na sala da televisão, vêem o jornal e a novela. Quando saem, geralmente vão à igreja. Não gostam de festas porque “tem muita bagunça”, e o que mais aprecia em Icapuí são as praias.



110, 111. Casa Rita Maria - vista CE 261



112. Sala estar / sala de refeições



113. Pia (alpendre - fundos)



114. Rita Maria

A pequena casa de Rita Maria, irmã de Maria do Socorro, foi construída em 1963 e abriga 3 pessoas. O muro da frente protege a casa da proximidade com a via e vence o desnível acentuado com a pavimentação da rua. Os pilares de madeira dos alpendres foram substituídos por pilares de tijolos, por causa dos cupins. O banheiro, que existia em taipa, foi reconstruído em alvenaria há aproximadamente 15 anos; o piso da cozinha, antes de cimento queimado, foi trocado por cerâmica; e algumas linhas de madeira da cobertura precisaram ser substituídas, pois estavam em mau estado de conservação.

Rita Maria, tirando o descontentamento com o trabalho de manter a madeira em boas condições, fica feliz com a casa que tem e o lugar onde mora. A taipa é mais segura que o tijolo, afirma ela, e além disso Icapuí é uma cidade tranquila, onde se pode deixar a casa aberta o dia todo. Ela sai para ir à igreja, as crianças freqüentam o ginásio municipal ou vão à locadora de filmes e à lan house. Em casa, recebe visitas das irmãs e de algumas amigas que moram próximas. Reúnem-se na cozinha ou na sala da televisão.



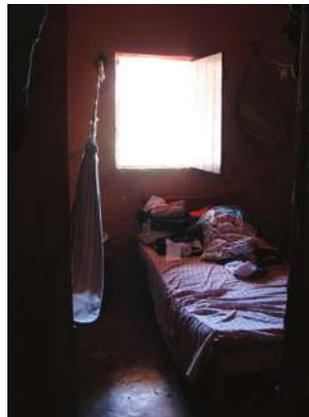
115, 116. Casa Maria José - vista CE 261



117. Alpendre lateral



118. Sala estar / televisão



119. Quarto



120. Anexo - fundos

A casa de Maria José, construída há 63 anos, é separada da via por uma cerca de madeira. Moram 5 pessoas – Maria José, seu marido e filho, e seus pais. A casa tem cômodos grandes (3 quartos), e a dona mora nela desde que nasceu, há 25 anos. Reclama do barulho e do perigo (“casa muito perto da rua”) e afirma que, por causa das dimensões, a casa é difícil de limpar. Além disso, devido ao mau estado de conservação da taipa, a casa precisa de reforma constante: “se a gente não cuida, caem pedaços de parede no chão”.

O banheiro foi construído depois, em alvenaria, no quintal. A continuação do alpendre de trás abriga as pias para lavagem de louças e roupas. Durante a manhã, as mulheres permanecem na cozinha, situada nos fundos da casa, ou no adendo de trás. À tarde aparecem as visitas para o café, geralmente pessoas que moram próximas e vem a pé, e todos se reúnem na sala de refeições ou na sala da televisão – onde estão as fotos da família, o aparelho de som, sofás. Assistem à novela ou escutam música da FM local no rádio.



121. Casa Irene / Maria - vista CE 261



122. Alpendre lateral - casa Irene

A casa de Irene Félix tem 60 anos, é mais recuada que as demais e não tem muro. Foi ampliada pelo pai dela quando uma das filhas casou, e hoje é dividida em duas, pintadas de cores diferentes e onde moram duas famílias. Do lado de paredes verdes e amarelas moram 6 pessoas. O banheiro, que só existia do lado de fora, foi derrubado e construído dentro da casa. O quintal é grande, há jardins bem cuidados nas laterais e nos fundos da casa.

A dona diz que gosta de tudo, “é onde eu convivo”, gosta da área externa livre, dos jardins, de cuidar das plantas. A casa é ampla, iluminada, agradável. Mas reclama da taipa, difícil de manter e exigente com os cuidados – uma das paredes caiu quando foram construir o banheiro, por causa da madeira podre, e frequentemente caem pedaços da taipa no chão. Se pudesse, a dona trocaria toda a madeira da casa, inclusive da cobertura.

De manhã ficam na cozinha, no quintal, nos jardins. Permanecem no alpendre da frente até 18 horas, quando entram para assistir à televisão (jornais, novelas e programas



123. Sala de estar / televisão



124. Sala de refeições



125. Anexo - fundos (casa Irene)



126. Cozinha (casa Irene)

religiosos). Não recebem muitas visitas, só de pessoas bem conhecidas. Dentro de casa, há um computador com acesso à internet (a única entre as visitadas).

Saem de casa para ir à igreja ou aos eventos da prefeitura. Gostam do povo e da tranquilidade de Icapuí. Raramente vão à praia, considerada de difícil acesso, “longe para ir a pé” (aproximadamente dois quilômetros).

Na outra parte da casa, pintado de salmon e cinza, mora um casal. O acréscimo é menor que a casa original, e teve como alterações a construção de uma garagem, de um banheiro dentro de casa e a troca de algumas portas internas (de madeira para portas sanfonadas de material plástico). Nos fundos há uma edificação de tijolos, onde mora a filha.

D. Maria diz que gosta de tudo, “Adoro minha casa. Não é porque está velha que a gente deixa de gostar. Igual a marido”. O filho, que não mora com os pais, diz que depois



127. Cozinha (casa Maria)



128. Sala de estar / televisão (casa Maria)

vai comprar a casa, de tanto que gosta. Passam a manhã na cozinha, a tarde no alpendre e na sala da televisão - o casal não sai muito de casa. No rádio, escutam programas de Fortaleza, e na televisão, assistem aos jornais e às novelas.

Icapuí é tranqüila, pacata, “não faz medo”. Lugar bom de morar.



129, 130. Casa Eliziane - vista CE 261



131. Sala de estar (2007)



132. Sala de estar (2008)

Na primeira vez em que estive na casa rosa com cinza da sra. Albanisa (falecida há sete anos), em julho de 2007, Elaine (nascida em Mossoró há 25 anos) pagava o aluguel e morava com o marido e a filha, desde 2005. A casa, construída em 1975, tinha poucos móveis, e a sala da frente encontrava-se completamente vazia. Isto era motivo de insatisfação para Elaine, que achava o lugar “muito grande, com muito espaço sem nada”. Uma das poucas a permanecer com as portas e janelas fechadas, apesar da moradora estar em casa (Elaine diz que não gosta de abrir porque não tem privacidade, já que a casa é muito próxima da rua; e só pude perceber a sua presença porque vi, a partir do alpendre da frente, sua movimentação na parte de trás da casa), o lugar tinha, na sala vazia, curiosamente o espaço



133. Cozinha



134. Alpendre lateral

utilizado para um forró de fim de semana, antes da atual moradora se mudar para lá. Antes lugar de encontro e diversão, a sala acomoda, hoje, o vazio do espaço fechado em si mesmo, alheio ao seu entorno – mas que, em alguns lampejos de tempo - como na hora da fotografia -, acolhe de bom grado as crianças que, ao invés de posar, dançam para a câmera.

Elaine diz, “eu preferia morar em casa de tijolo, não tem problema de cupim, além de não ser casa velha”. O problema com os insetos foi temporariamente resolvido (é necessário fazer manutenção), a casa recebeu a última pintura há dois anos, o banheiro foi construído em alvenaria, mas há um incômodo de difícil solução: a moradora afirma que três pessoas já morreram na casa, o que a faz ter “pressentimentos e uma vontade enorme de deixar a casa”.



135. Eliziane

Numa visita realizada após um ano (em julho de 2008), a casinha abrigava uma nova família: Eliziane, vinte e poucos anos e grávida de oito meses do segundo filho, o marido e o primogênito. Morando há apenas 3 meses, ela mobiliou a sala com uma rede, duas cadeiras de plástico, tapete, cortinas de tecido e um pequeno móvel onde estão a televisão, pequenos enfeites e fotos da família. Passa as manhãs na cozinha e as tardes e noites na sala (não costuma ficar no alpendre da frente; às vezes deita na rede do alpendre lateral), e gosta da praia e da tranquilidade de Icapuí. Vai à praça quando acontece algum evento, ou à praia aos domingos. O que a cidade tem de ruim? Falta emprego e oportunidade de crescimento para os mais jovens.



136, 137. Casa João - vista CE 261

Cheguei à casinha verde e branca no meio da tarde e ela estava aberta, mas vazia. Ou melhor, havia um gato no meio da sala, mobiliada apenas com três cadeiras, algumas imagens religiosas e uma placa de madeira com o nome “Priscila” gravado. Do lado direito, onde normalmente se situam os quartos, um balcão antigo, uma geladeira e pedaços de prateleiras. Perguntei pelo dono a um menino que passava de bicicleta e ele me avisou que iria chamá-lo.

O senhor, que mora sozinho com a gata Tânia e um papagaio, estava na casa em frente, da sua irmã de criação, assistindo à televisão (gosta de jornais e do programa “Chaves”). Ele não tem o aparelho em casa, pois afirmou que não assistia com frequência, já que “todos os programas eram muito extensos”. Fora isso, ele praticamente não sai de casa. Limpa o terreno herdado do pai e planta coco, feijão, melancia. A venda, localizada do lado direito da casa, era do pai e não funciona mais.



138. Sala de estar



139. Sala de refeições



140. Alpendre - fundos



141. sr. João

Da casa construída em 1950, ele gosta porque “foi feita nesse modelo, que faz menos calor, é mais arejada”. A única alteração foi a construção de um banheiro em alvenaria. Gosta também do fogão a gás, novo, que ele mesmo conseguiu comprar. O fogão a lenha não é mais utilizado. Quanto a Icapuí, “de tão descansado que era, ficou cheio de barulho, carro, moto, acidentes”. Era melhor antes, “mas ainda é bom”.

Pedi para fazer uma foto dele e, quando mostrei a imagem no display da câmera digital, ele comentou impressionado: “Essa foto me interessa porque sou eu mesmo, na minha idade. Diferente das que ficam penduradas na parede”.

Na casa dividida em três moram 5 pessoas: 3 do lado esquerdo (casal e a mãe da mulher) e 2 no meio (mulher e filha pequena); na ponta, uma pequena venda de frutas e verduras, que se encontrava fechada às 16:17hs de uma quinta-feira de julho. Internamente, são casas separadas, sem comunicação uma com a outra. Externamente, a pintura diferen-



142. Casa Joana / Alaíde



143. Venda de frutas e verduras

ciada explicita a separação. Nas duas salas de estar, televisões, fotografias e sofás. É o lugar de convívio durante a tarde e a noite.

Gostam de morar em Icapuí, por causa da tranquilidade, mas não costumam sair muito de casa. Vão à praça apenas quando a prefeitura realiza algum evento. O problema mais grave da cidade, para os mais jovens, é a dificuldade de conseguir emprego e a ineficiência dos partidos políticos – “qualquer um que entre, não muda nada”.



144. Sala de estar (casa Joana)



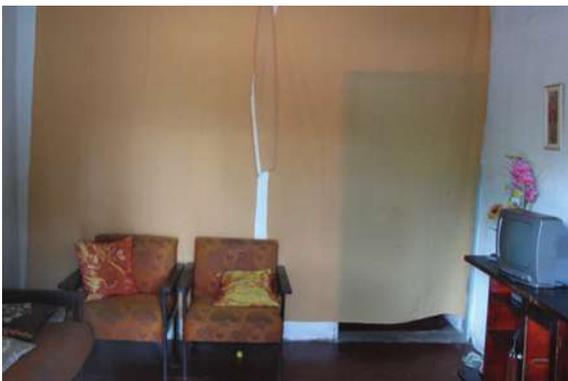
145. Cozinha (casa Joana)



146, 147. Cortinas (casa Joana)



148. Pia - alpendre fundos (casa Joana)



149. Sala de estar (casa Alaíde)



150. Quarto (casa Alaíde)

1.2. PRESENTE: OLHAR DE HOJE

1.2.1. Lugar de passagem

Uma via que corta a cidade, dividindo-a entre o lado da serra e o lado do mar, leva o visitante ao centro de Icapuí, para depois seguir em direção ao Rio Grande do Norte. Grande parte das casas de taipa alpendradas distribuem-se ao longo desta via, linearmente, com uma proximidade que não permite a existência de calçadas – após o alpendre, tem-se a rua. Esta distribuição espacial que a princípio não favorece os encontros – uma vez que não se desenvolve em torno de um centro, um núcleo comum –, foi se construindo pelos pousos de quem passava ao largo do mar (apesar da proximidade de poucos quilômetros) e buscava um destino certo, que era um outro lugar.

Curiosa configuração de cidade. As casas alpendradas de taipa e sua tipologia arquitetônica bem caracterizada surgem em grande quantidade e se constituem como elemento de identificação do lugar, ainda que, em algumas situações, não se hesite em substituí-las por outros índices. Para tentar compreender esta dinâmica, alguma regressão se faz necessária – e o retorno se dará de maneira mais lúcida.



151. A rota de Pinzón segundo quatro interpretações (Freitas Filho, 2003: 34)

Apesar de não ter sido ressaltado na história oficial do Brasil, há registros e documentos que, para alguns historiadores, comprovam o fato de que, antes da chegada de Pedro Álvares Cabral à Porto Seguro, em abril de 1500, Vicente Yanes Pinzón esteve na costa nordestina, em janeiro do mesmo ano. Historiadores e cronistas do século XVI referem-se à viagem de Pinzón. De acordo com Freitas Filho (2003: 30, 31), Pinzón esteve em Ponta Grossa (território que pertenceu a Aracati até a emancipação de Icapuí, em 1985, e hoje faz parte deste município) - e não em Mucuripe ou no cabo de Santo Agostinho (ambos em Pernambuco), outras possibilidades levantadas¹. Afirmar Bustamante: “(...) é certo que Vicente Yanes Pinzón chegou às costas brasileiras – ao cabo que recebeu o nome religioso de Santa María de la Consolación – antes de Cabral aportar na Bahia. Só resta dúvida quanto à exata localização desse acidente geográfico hoje, sendo Icapuí, mais exatamente Ponta Grossa, uma das possibilidades” (2003: 86). Diogo Lepe, por sua vez, parece ter desembarcado na Barra do Ceará, hoje na capital Fortaleza, também antes da chegada de Cabral ao Brasil.

A ocupação do território cearense foi lenta. Durante aproximadamente um século, a colonização brasileira restringiu-se à faixa litorânea entre Itamaracá e São Vicente, já que os navios que saíram da Europa aportavam no cabo de São Roque ou de São Sebastião. A colonização do Ceará acabou ocorrendo a partir interior, e não pelo mar, através de baianos e paulistas que buscavam terrenos propícios à criação de gado (Abreu, 1930: 229).

Icapuí, antes denominada Caiçara (até 1943, quando o IBGE revisou a toponímia brasileira), parece derivar da corruptela tupi de *Igara-puí-y* (água), *caá* (mato), *puí* (rápido), significando “campos relvosos por onde a água escoar com rapidez”, ou “coisa ligeira”, às vezes “canoa veloz” (Freitas Filho, 2003: 235, 236).

A atividade pecuária, ligada à cultura da cana-de-açúcar (em zonas propícias como Mossoró /RN e Aracati e Mata Fresca /CE), teve bastante influência na ocupação e formação do município de Icapuí. Seu território situa-se ao longo daquela que foi a mais antiga das vias de penetração nas terras cearenses, a Velha Estrada ou Caminho Praieiro (conhecido mais tarde como Estrada Geral para Pernambuco). Sua colonização, bem como de grande

8. Para Varnhagen, Pinzón esteve em Mucuripe, enquanto para Capistrano de Abreu o viajante atingiu indubitavelmente o cabo de Santo Agostinho. (Cf. Bustamante, 2003: 83).



152. Litoral leste - CE
(mapa da autora a partir
de imagem *google maps*)

Distâncias

Fortaleza - Aracati: 148,30km
Aracati - Icapuí: 54km
Fortaleza - Icapuí: 202,30km
Icapuí - Mossoró (RN): 84km

parte do nordeste brasileiro, deu-se a partir do interior – o povoamento do sertão aconteceu antes da ocupação do litoral.

Icapuí, inicialmente, encontrava-se subordinada a Aracati, cidade privilegiada economicamente pela atividade pecuária, já que se constituía como centro de distribuição (devido a localização de seu porto) de carne e couro das expedições que vinham do sertão para o mar, ao longo do rio Jaguaribe. Icapuí, no entanto, ao contrário de Aracati, nunca foi um centro para onde convergiam pessoas e animais; constituiu-se como lugar de passagem, desenvolveu-se à margem dos fluxos, também em virtude da desfavorabilidade do clima, do relevo e da terra.

Aracati, então sede municipal, não dedicava muita atenção a Areias (região onde se encontrava Icapuí) - que por sua vez, mantinha mais proximidade com o estado vizinho (Rio Grande do Norte). Os habitantes das comunidades da atual Icapuí recorriam mais frequentemente a Mossoró (RN), próximo à divisa², do que a Aracati.

9. Ao longo do século XIX, a divisa entre os estados do Rio Grande do Norte e Ceará permaneceu indefinida, tendo sido determinada somente no início do século XX, após vários conflitos (cf. Freitas Filho, 2003).

O português Antônio de Souza Machado foi responsável, no século XVIII, por importantes movimentos desbravadores da costa cearense. Em 1750, descobriu o Vale da Mata Fresca (distante aproximadamente 15 quilômetros do litoral de Icapuí), onde empreendeu a atividade pastoril e ergueu uma modesta capela (a “Capelinha da Mata Fresca”. Cf. Freitas Filho, 2003: 79). Somente em 1788, Souza Machado tornou-se oficialmente dono das terras da Mata Fresca. De acordo com Freitas Filho, o português foi

o grande pioneiro no desbravamento e colonização das terras que mais tarde viriam a se definir como Icapuí. Suas constantes incursões pelo território foram imprescindíveis para que se estabelecesse, qual em outras partes do rincão cearense, a estreita ponte que punha o nosso litoral em plena comunicação com o interior, já densamente povoado, permitindo que outros desbravadores sertanejos tivessem livre acesso à mencionada região costeira, espaço garantido também àqueles que, ao alcançar o litoral, desejassem embrenhar-se terra adentro, fato que não tardara a se registrar³ (idem: 83, 84).

Segundo Freitas Filho, Cajuais foi a primeira povoação fundada em Icapuí. Suas terras, bastante férteis (onde ocorreu grande concentração de matéria orgânica, devido à ação marinha), lhe davam independência dos bons invernos para uma produção agrícola satisfatória; além disso, Antônio de Souza Machado montou em Cajuais um ponto de apoio para expansão de seus empreendimentos. No entanto, ao longo de seu desenvolvimento, Cajuais não conseguiu manter uma posição de destaque. Freitas Filho especula que um dos motivos tenha sido a saída de Antônio de Souza Machado, que migrou para o município de Grossos (RN), após quase duas décadas. Tal acontecimento “teria implicado na mudança da política de beneméritos com que as autoridades administrativas da Capitania passaram a prestar aos locais habitados por indivíduos de inexcusável privilégio” (Freitas Filho, 2003: 91).

As primeiras sesmarias da atual Icapuí foram demarcadas e doadas ao longo da primeira metade dos anos setecentos, mas o desbravamento e a ocupação efetiva destas terras ocorreu somente na segunda metade do século XVIII. Os requerimentos sesmarias reclamavam a necessidade de “terras para criar”, e as porções territoriais conseguidas no litoral (que faziam parte das três léguas de comprimento por uma de largura, medida padrão das

10. Para mais informações acerca de outros personagens importantes no povoamento de Icapuí, cf. Freitas Filho, 2003: 84-89).

primeiras sesmarias) não se prestavam à atividade pastoril – a ação dos colonos, portanto, foi altamente concentrada nas terras do interior, propícias às exigências da pecuária extensiva.

Aptas a atender poucas necessidades, as terras praianas eram raramente visitadas por estes agropecuaristas e sua gente, por quais paragens não se viam afeiçoados (...). O caráter desolador da região, figurada por causticantes outeiros arenosos, salvas algumas cantoadas menos incoerentes; o total desprovimento de atrativos econômicos e a ímproba escassez de abundantes recursos vitais, também foram fatores que corroboraram para a longa ausência do colonizador, notória parcela dos quais, a princípio, não se detiveram definitivamente às nossas paragens, estando mais relacionados às terras um tanto distantes do mar (Freitas Filho, 2003: 97, 98).

A ocupação foi se dando a partir de casebres de taipa, situados a longa distância uns dos outros, implantados de maneira a explicitar o caráter de um local de pouso efêmero, um ponto precário de apoio, situado em “meio a caminhada”, ou seja, como passagem. O conjunto arquitetônico foi sendo disposto de maneira linear, em “correnteza”, como se estivessem todas participando do alinhamento de uma rua imaginária” (Lemos, 1979: 37). Este aspecto de “uma sucessão sempre contínua de pequenas vilas, em grandes fileiras, localizadas ao longo de vasta planície dos tabuleiros, onde as residências estão uniformemente paralelas umas às outras, em meio as quais explicita-se um extenso caminho no sentido leste-oeste, hoje convertido na CE 261” (Freitas Filho, 2003: 99), esta “ausência do desejo de viver em volta de si mesmos, e sim voltados para a cidade, para a estrada que levava ao mar” (Lemos, 1979: 38), pode ser percebido em bairros como Mutamba e Cajuais, onde concentra-se boa parte das casas de taipa alpendradas de Icapuí.

As construções se constituíam como satélites, já que existiam em função de um outro pólo urbano (Aracati), para onde convergiam os grandes fluxos – comboios, animais, pessoas, negócios -, vindos das imediações do rio Mossoró e do córrego da Mata Fresca. O território de Icapuí (a antiga vila da Caiçara) era apenas, portanto, percorrido por aqueles que ali faziam rápidos pousos – que obviamente não implicavam em permanência -, a fim de reabastecer e posteriormente prosseguir a viagem até o entreposto comercial de Aracati.

Nascia assim, o embrião dos primeiros núcleos estradeiros do que mais tarde se definiria como Icapuí, para exercer funções especiais à medida que a

população aumentava e se concentrava, ligando as longínquas áreas povoadas do interior aos efervescentes centros mercantis no litoral, de quais ações também resultou o aperfeiçoamento constante de antigas rotas, bem como a consagração de novos caminhos vicinais, o que permitiu a dispersão de pequenos núcleos pela ampliação da terra (Freitas Filho, 2003: 100, 101).

Icapuí só conseguiu a emancipação de Aracati em 1985, após um longo e intenso processo de luta. Em 1938, ocorreu a primeira tentativa de emancipação. Em 1957, um movimento liderado por padres e jovens praianos, a favor da emancipação, conseguiu apoio de alguns políticos da oposição de Aracati, organizou-se politicamente e obteve a criação do município em 15 de janeiro de 1959. A votação da lei, no entanto, foi atrasada devido a manobras políticas da oligarquia local, e a realização das eleições ocorreu apenas em 1966. Com o golpe militar de 1964, no entanto, a emancipação teve de ser adiada por mais duas décadas:

Uma manobra de políticos locais conseguiu adiar a instalação do município até as eleições municipais seguintes, mas antes que elas se realizassem, uma nova lei (Lei Estadual Nº 8.339, de 14 de dezembro de 1965) anulou a lei (Lei Nº 4.461, de 15 de janeiro de 1959) da primeira criação do município, desse modo arbitrariamente cancelada (Bustamante, 2003: 92).

Nos anos 80, surgem inúmeros movimentos sociais por todo o país. Um grupo de jovens de Icapuí, que estudava em Fortaleza (liderados por José Airton Cirilo da Silva, engenheiro recém-formado), resolve continuar a discussão sobre a emancipação. O movimento foi se organizando - fundou uma associação de jovens com apoio de antigas lideranças do movimento pela emancipação e obteve apoio de organizações estudantis, da Igreja Católica e de setores políticos e comunitários opostos à Aracati -, e a partir de uma aproximação cada vez maior com a população de Icapuí, José Airton foi eleito vereador de Aracati, em 1982, com o compromisso de lutar pela emancipação.

Em janeiro de 1985, foi realizado o plebiscito e Icapuí foi emancipada (Lei 11.003/85). Em agosto do mesmo ano, José Airton (então com apenas 28 anos), foi candidato a prefeito do município, sendo eleito em novembro de 1985, pelo PMDB, com a votação de 2.214 votos contra 1.559 de seu opositor.

Devido aos sérios problemas sociais encontrados (altos índices de mortalidade infantil, falta de leitos hospitalares, elevado índice de analfabetismo – 70%, professores leigos e

poucas escolas, por exemplo), a primeira administração teve dificuldades na implementação de uma gestão com novos modelos políticos e administrativos.

As principais metas da gestão pública de Icapuí foram, desde o início, a participação popular, transparência administrativa, a democratização e a universalização dos serviços públicos, além de obras que ampliaram a infra-estrutura do município⁴. As áreas da Educação e Saúde foram definidas como prioritárias e, já na primeira administração, excelentes resultados foram obtidos (principalmente na Educação).

No final de 1987, José Airton decidiu filiar-se ao Partido dos Trabalhadores (PT), já que sua linha administrativa constantemente entrava em choque com o PMDB regional. Francisco José Teixeira (Dedé), teve o apoio de Airton e foi eleito prefeito de Icapuí, em 1988. No entanto, o PMDB, derrotado nas urnas, entrou com um recurso para impugnar as eleições e cassar o prefeito eleito, sob a alegação de abuso de poder econômico. Dedé foi cassado por oito dias (um juiz de Aracati deu ganho de causa ao PMDB), e uma série de manifestações e passeatas foi realizada por alunos das escolas municipais, durante uma semana, até o Tribunal Regional Eleitoral anular a sentença e reintegrar o prefeito ao cargo. Esta administração continuou a priorizar a Educação e a Saúde.

José Airton assume mais uma vez a prefeitura de Icapuí, num momento em que a queda no desempenho dos setores ligados à pesca leva o município a graves problemas econômicos. Em 1997, Dedé retorna à prefeitura para cumprir seu segundo mandato, dando continuidade à política de geração de emprego e renda iniciada na gestão anterior, assim como busca incentivar ainda mais a participação popular e a democratização do orçamento público. Em 2001, Dedé foi eleito para mais um mandato (sua terceira e última administração). Atualmente o município encontra-se sob a administração de José Edilson da Silva (PSDB-CE), acusado pelo PT de retrocesso político em relação às ações em benefício do município. Nas ruas, o descontentamento também se faz presente. Não foram poucas as reclamações ouvidas sobre a atual gestão, principalmente em relação ao descaso com áreas que anteriormente foram foco de atenção.

11. A garantia de abastecimento de água em todas as comunidades e a melhoria da malha viária do município.

Os icapuienses permaneceram, durante muito tempo, sob governos nada democráticos ou participativos, conhecidos pelas práticas clientelistas, e sempre desejou que a comunidade pudesse intervir e direcionar as ações do poder público. As novas gestões passaram a atuar de maneira transparente, buscando viabilizar os mecanismos de participação popular.

Esta transição não se deu sem dificuldades. Vários esforços foram tomados na tentativa de provocar uma ruptura completa ou, no mínimo, uma diminuição de hábitos que muitas vezes eram institucionalizados na realidade da política local.

Desde que foi concluído o processo de emancipação, a administração pública de Icapuí visa a transparência de suas ações e a participação popular crescente⁵. O Orçamento Participativo, por exemplo, consolidou-se ao longo dos anos na gestão do Partido dos Trabalhadores (PT). De acordo com Souto (2001), apesar dos desencontros entre a proposta da Prefeitura e sua execução, o mecanismo permite que a população exerça um papel importante na gestão administrativa. Dentre os principais problemas apontados, tem-se a limitação das verbas destinadas ao OP - apenas 10 a 15%, o que corresponde a um pequeno montante das prioridades discutidas em assembléia popular e dificulta a execução de inúmeras deliberações relevantes, gerando, conseqüentemente, insatisfação e descrença da população; além disso, a verba pública é bastante comprometida (a Prefeitura gasta, apenas com a folha de pagamento, 60% de seus recursos), e ainda se verifica indícios de relações clientelistas que visam a manutenção da política tradicional, prejudicando o processo de construção democrática e a implantação de uma nova cultura política. O processo participativo ainda é muito restrito, mas apesar de tais dificuldades, a população de Icapuí - consciente, engajada e disposta a lutar por seus interesses - tem a oportunidade de exercer sua cidadania, participando das discussões e cobrando a efetivação das propostas firmadas.

As experiências participativas nas áreas de saúde, educação e gestão pública renderam ao município inúmeros prêmios nacionais e internacionais⁶. Dentre as ações tomadas

12. O *orçamento outdoor*, durante as gestões do PT, era símbolo da transparência da administração municipal: pintava-se, mensalmente, a execução orçamentária do município em muros, na parede da casa do prefeito e em outdoors situados nas duas entradas da cidade. Apesar da boa intenção, na prática tal instrumento parecia não provocar o retorno esperado (a participação popular efetiva), já que a maior parte das pessoas não era capaz de compreender as informações contidas nos muros e *outdoors* – tanto pelo grande número de abreviações contidas nos balanços, como pela falta de intimidade com a estrutura orçamentária.

13. Prêmios e destaques conquistados por Icapuí: Prêmio Cobertura do PSF, concedido pelo governo do Estado do Ceará, por Icapuí cobrir 100% do município com o programa de saúde da família (2001); prêmio Políticas da

por Icapuí no âmbito social, de que os prêmios são reflexo e que trouxeram bons resultados para o município, pode-se citar a universalização do acesso à escola para todas as crianças e jovens em idade escolar, a redução da mortalidade infantil e a melhoria da qualidade dos serviços prestados à população, através da democratização e da descentralização das ações da gestão pública.

1.2.2. Bem-vindos

O município de Icapuí encontra-se a aproximadamente 202km de Fortaleza, junto ao limite leste do estado do Ceará, na divisa com o Rio Grande do Norte (acesso pelas CE 040 – litorânea, que liga Fortaleza a Aracati, BR 304 e CE 261). Situado em latitude 4° 42' 47" e longitude 37° 21' 19", possui área de 428,688km² - consiste em uma faixa de 15 quilômetros de largura (do litoral para o sertão) por 64 quilômetros de

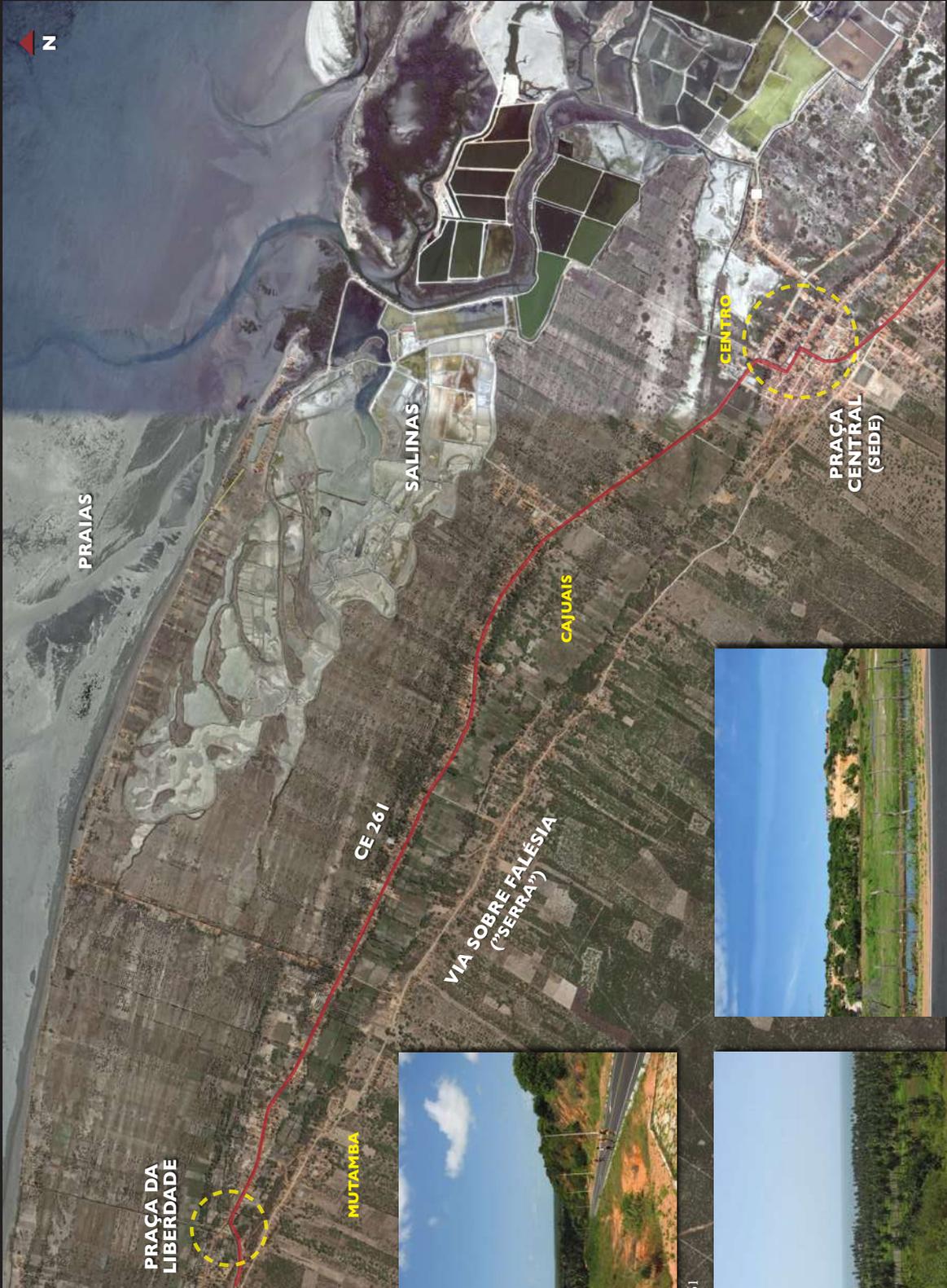


153. CE 261

extensão, ao longo da costa. Suas mais de vinte comunidades distribuem-se em três distritos (Icapuí – sede, Ibicuitaba e Manibu), contando com aproximadamente 18 mil habitantes⁷.

Saúde, concedido pelo CONASEMS (Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde), por Icapuí efetuar 100% de cobertura vacinal (2000); Prêmio Melhor Prefeito do Estado do Ceará, concedido pela APRECE (Associação dos Prefeitos do Estado do Ceará - 2000); Prêmio Gestão Escolar, concedido pela Secretaria Estadual de Educação, em reconhecimento ao excelente trabalho realizado nas escolas Gabriel Epifânio dos Reis, em Cajuais, e Horizonte da Cidadania, em Redonda (2000); Prêmio Prefeito Criança, concedido pela Fundação ABRINQ pelos Direitos da Criança e do Adolescente, pelo fato de Icapuí ter apresentado os melhores Indicadores Sociais nas áreas de Saúde e Educação (2000); Prêmio Selo UNICEF-Município Aprovado, outorgado pelo UNICEF, por Icapuí ter priorizado o desenvolvimento Político-Infantil na Saúde, Educação e Orçamento Participativo (2000); Prêmio Projeto Luz, concedido pela JICA (Agência de Cooperação Internacional do Japão), pela implantação bem sucedida de estratégias visando a humanização do atendimento do setor de saúde (1999); Prêmio Destaque em Educação, concedido pela Fundação Getúlio Vargas e Fundação FORD, em reconhecimento à universalização do ensino de Icapuí (1999); Prêmio Programa Nacional de Municipalização do Turismo (PNMT), concedido pela EMBRATUR, pelo fato de Icapuí ter sido um dos dez primeiros municípios do país a implantar com sucesso o PNMT (1996); Prêmio 100% de Cobertura Vacinal, concedido pela Secretaria de Saúde do Estado do Ceará (1994); Prêmio Criança, Paz e Educação, concedido pelo UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância e Adolescência), em reconhecimento ao fato de Icapuí ter conseguido colocar todas suas crianças na escola (1991).
Fonte: www.joseairton.org.br.

14. População estimada em 2007: 18.186 habitantes, de acordo com dados do Anuário do Ceará 2008-2009 - O Povo. Em 2000, quando a população estimada era de 16.052, 4.662 pessoas constituíam a população urbana, e 11.390 a população rural.



23. Montagem - imagens Google Maps (<http://maps.google.com.br/maps>)

IBICUITABA
MANIBU
RN

- ▲ PRAIAS (PICOS)
- ▲ PEROBA
- ▲ REDONDA
- ▲ PONTA GROSSA)
- ▲ ARACATI
- ▲ FORTALEZA



Acceso a Icapuí - CE 261



Chegada a Icapuí



Vista da "serra" a partir da CE 261

Localizado na mesorregião do Jaguaribe / microrregião do Litoral de Aracati, tem clima tropical quente semi-árido brando, com chuvas de janeiro a maio. Situa-se numa planície litorânea, com complexo vegetacional da zona litorânea. Conta hoje com duas unidades de conservação: APA da Praia de Ponta Grossa (Municipal) e APA do Manguezal da Barra Grande (Municipal).

Pode-se chegar em Icapuí pelas praias (a partir de Redonda) ou seguir direto para a sede, a partir da CE 261. Do alto da “serra” da Mutamba (falésia que se encontra dentro da cidade, na área urbanizada⁸), avista-se um imenso coqueiral com o mar verde ao fundo, algumas salinas, casas pontilhadas ao longo do percurso, o céu sempre muito azul. Seguindo pela CE 261, descendo a serra, chega-se à praça da Liberdade, local onde a população costumava se reunir para esperar o resultado das eleições, marcado pela escultura de uma pomba branca (reprodução do primeiro prêmio internacional obtido pelo município). A praça era o tradicional ponto de partida de passeatas populares, como as ligadas à emancipação (por exemplo, a que comemorou, em janeiro de 2004, o vigésimo aniversário da vitória no plebiscito pela emancipação de Icapuí).

A estrada começa sua incursão no município a partir do bairro da Mutamba, onde já se avistam inúmeras casas de taipa alpendradas. Seguindo em frente, passa-se pelo bairro de Cajuais, que tem do seu lado esquerdo, a pouco mais de 1km da CE 261, as praias de Barrinha e Requenguela, e do lado direito, a serra (falésia) de Cajuais. As propriedades privadas neste trecho de Icapuí constituíam-se como minifúndios, faixas estreitas de terra (aproximadamente de cinquenta por setecentos metros) que iam da serra ao mar, sendo cortadas pela estrada. Em alguns casos, famílias se desfizeram da parte do litoral, permanecendo nas áreas que vão até a serra, ou o inverso. A estrada prossegue até a praça municipal, em torno da qual se encontram a sede da prefeitura, a igreja matriz, o mercado municipal, a rádio educativa, agências dos correios e bancárias.

Entre a praça da Liberdade e a praça municipal (central) encontram-se três caminhos, perpendiculares à estrada, que levam às praias. A partir destes caminhos abrem-se

15. Falésias íngremes que se encontram a aproximadamente seis quilômetros da costa, e possuem até 100 metros de altitude, ao abrigo das quais “(...) estendem-se as férteis baixadas sitiais, com suas lagoas imperenes, de pouca profundidade e várzeas de carnaubal, à relativa extrema das quais, figuram acentuadas zonas deprimidas, periodicamente invadidas pelo oceano, cuja ação culmina com a formação dos deltas intermarés da aberta foz do estuário da Barra Grande, de esparsos vales úmidos e alagadiços, onde emerge a pujança verde de sua flora típica (o manguezal), guardiã de uma fauna eufórica e abundante” (Freitas Filho, 2003: 25).



155, 156. Vistas da praça municipal (central)



157. Igreja matriz
(centro de Icapuí)



158. Rádio municipal
(centro de Icapuí; fotos da autora, 2008)

entradas para inúmeras propriedades. Após a praça municipal a estrada continua, dessa vez em subida, saindo da sede de Icapuí em direção a Ibicuitaba⁹. Este percurso sobre a falésia possibilita a visão de boa parte de Icapuí.

O distrito de Ibicuitaba abrange as praias de Tremembé, Melancias, Melancias de Baixo, Peixe Gordo e Gravié. Manibu, o último distrito, encontra-se no limite entre o Ceará

16. “Antigamente chamada Areias, Ibicuitaba sediou, de 1875 a 1942, a paróquia e o distrito a que pertencia o atual território icapuiense. Em 1943, cedeu território para a criação dos dois novos distritos – Caiçara e Tibau – e, em seguida, teve o nome alterado para Ibicuitaba, enquanto Caiçara passou a chamar-se Icapuí, sendo simultaneamente elevada a distrito-sede. Também há registros do soterramento, na década de 1960, de trechos do pequeno núcleo povoado de Ibicuitaba pela areia das dunas transportada pelo vento” (Bustamante, 2003: 102).



159 - 161. Praia da Peroba

e o Rio Grande do Norte, ao lado de Tibau (RN), e engloba as comunidades de Manibu, Barrinha de Manibu, Praia de Manibu e Córrego do Sal.

As praias (Retiro Grande, Ponta Grossa, Redonda, Peroba, Picos, Barreiras, Requenguela, Barra Grande, Quitérias, Tremembé, Melancias, Arrombado, Peixe Gordo, Manibu) são marcadas por falésias de areias coloridas¹⁰ (que se estendem desde a praia de Ponta Grossa até a de Barreiras), dunas, coqueirais, bancos de areia e blocos de pedra junto ao mar – formados por pedaços de falésias que caem na areia e, com o passar do tempo, mineralizam-se, assemelhando-se a recifes¹¹. Em direção ao interior, predomina a caatinga.

O litoral icapuiense é rico em belezas naturais, possui temperatura amena durante todo o ano e um ritmo de vida capaz de acalmar qualquer alma mais atormentada. O turismo, portanto, é diferente do que ocorre na vizinha Aracati, em especial em



17. Alguns pedaços de falésias das praias de Icapuí tem até nomes: Ponte dos Cachorros, Apertado da Hora, Ponte Encantada e Ponte de Viajante, em Ponta Grossa; Ponte do Vigário, entre Redonda e Peroba; Ladrilho, em Peroba; Pedra da Moça, entre Ponta Grossa e Redonda.

18. As falésias que se encontram junto ao mar são chamadas portanto de *falésias vivas*, uma vez que, devido à ação das águas do mar e das chuvas, bem como dos ventos e do sol, transformam-se constantemente. As *falésias mortas* são recuadas, não sofrendo assim a ação intensa das intempéries e permanecendo mais estáveis.



162. Praia da Peroba

praias como Canoa Quebrada, mais urbana e com inúmeras opções de pousadas, hotéis e restaurantes, além de intensa vida noturna, vários bares e lojas.

O exemplo de Canoa Quebrada – bastante visitada por turistas, que começaram a chegar nos anos 1960-70, e que desde então vem sofrendo um processo de deterioração por conta da exploração turística desordenada -, serve constantemente de alerta a Icapuí. Seu modelo turístico ainda se encontra em discussão, pois se faz necessário avaliar as vantagens e desvantagens da exploração do potencial turístico. A população parece ter assumido uma postura precavida e, atenta às possíveis consequências de uma ação turística mal planejada, não permite a entrada desenfreada de grandes hotéis ou resorts interessados nos atrativos da paisagem de Icapuí. O receio de ver o município se transformar em uma nova Canoa Quebrada levou algumas comunidades a atitudes extremas, demonstrando um alto grau de conscientização e organização: a comunidade de Redonda, por exemplo, expulsou um investidor que desejava construir um resort em frente ao mar, e seleciona os novos moradores da região (assim como a comunidade da praia de Ponta Grossa, extremamente fechada a novos habitantes).

A prefeitura, por sua vez, tenta estabelecer um equilíbrio neste impasse, buscando atrair o “turista diferenciado”, ou seja, aquele interessado em preservar o lugar e aproveitar a natureza de forma não predatória, sem recorrer às drogas ou à prostituição. Para isso, incentiva a “hospedagem domiciliar”, onde os turistas se hospedam em casas da população local, aproximando-se dos hábitos e incorporando as preocupações dos habitantes de Icapuí com o meio ambiente. Nas praias de Icapuí já existem grandes hotéis, como em Tremembé, mas predominam as pequenas e familiares pousadas, geralmente localizadas em frente ao mar, como nas praias de Redonda e Peroba.

Outra ação da administração pública relaciona-se à exploração produtiva da região. A pesca da lagosta, por exemplo, é fiscalizada tanto pelo IBAMA como pelas comunidades

locais – e ainda assim a lagosta tem se tornado cada vez mais difícil de se encontrar, obrigando muitos pescadores a mudar de atividade. A criação de camarões em cativeiro, nos mangues de Icapuí, surgiu então como nova possibilidade produtiva. Mas a carcinicultura pode ser extremamente danosa ao meio ambiente, e a população tem se mobilizado para impedir novas criações; a prefeitura, por sua vez, tenta agir cautelosamente, analisando cada caso. A prefeitura elaborou, em 2002, um plano de desenvolvimento sustentável para a região, que engloba ações em diversas áreas, sempre levando em consideração a participação popular.

A economia local baseia-se principalmente na pesca, apesar das crescentes dificuldades pelas quais tem passado tal atividade. De acordo com dados da prefeitura, 89% das famílias do município estão envolvidas com a pesca (83% deste valor encontram-se ligados à pesca da lagosta). A exploração de petróleo, iniciada em 1990, rende dividendos ao município, já que na fazenda Belém estão implantados poços de extração da Petrobrás. No entanto, apesar de Icapuí possuir a maior área produtiva de petróleo em terras do Ceará, o município recebe menos de 10% dos *royalties* pagos pela Petrobrás. A agricultura (coco, mandioca, milho, caju) ainda existe como atividade econômica, bem como a pecuária (bovinos e caprinos), algumas salinas e a criação de camarão em cativeiro.

Atualmente a população tem se dedicado também à extração de algas marinhas. Além do cultivo, da secagem e da embalagem, o desafio é a transformação das algas em produtos alimentícios e cosméticos de qualidade. Outras atividades que merecem destaque são o artesanato e a produção dos estaleiros (barcos e jangadas), que atende às necessidades locais.

Icapuí possui forte ligação com o estado vizinho. Isso é percebido desde a utilização de expressões típicas e do sotaque (mais próximo do potiguar, e não do cearense), até a referência de Mossoró (RN), e não Aracati, como centro mais desenvolvido (hospitais, escolas, compras etc). A antiga relação com Mossoró contribuiu para manter fortes traços da cultura potiguar em Icapuí; além disso, outra justificativa para tal influência encontra-se na colonização deste ponto do litoral cearense a partir do Rio Grande do Norte, de onde vinham tropeiros e caravanas comerciais.

Bustamante aponta ainda outra razão:

Uma parte do atual território de Icapuí, juntamente com o do novo Tibau (RN), município criado em 1995, e Grossos (RN) constituíram objeto de litígio entre o Ceará e o Rio Grande do Norte e não seria de se estranhar se daí adviesse a referida ‘influência’, que nesse caso seria, mais propriamente, parte da constituição de uma identidade do lugar. Durante longo período, o conjunto de áreas costeiras que incluía Tibau e Icapuí foi chamado de distrito de Praias, e sua população, o ‘povo praiano’, ainda hoje parece aceitar bem essa identidade (Bustamante, 2003: 98).

As festas religiosas têm grande importância para as comunidades de Icapuí. De acordo com o Levantamento participativo de prioridades para conservação do patrimônio natural e cultural de Icapuí, “os encontros religiosos são importantes instrumentos de incentivo à organização comunitária, de promoção do lazer e da integração social; e da preservação da Identidade Cultural da população. Assim, através do resgate e da preservação das festas religiosas pode-se preservar diversas tradições das comunidades e contribuir para seu desenvolvimento, porque estas possuem valor histórico, cultural e turístico” (minuta do LPPCPN-CI, 2003: 7-9, apud Bustamante: 2003). Dentre as principais, cita-se a Festa de Santana (26 de junho, em Vila Nova, Barreiras e Picos); a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes (entre 15 e 22 de agosto, em Barreiras e Redonda); a Festa de Santo Antônio (de 1º a 12 de junho em Peixe Gordo); a Festa de Nossa Senhora do Rosário (última semana de outubro, em Ibicuitaba); Reizado (de 1º a 6 de janeiro, na sede de Icapuí, Redonda e Barreiras). Além destas, comemoram-se ainda os dias de santos, como São João (24 de junho), São Pedro e São José (19 de março).

O Pastoril destaca-se entre os festejos populares, sendo realizado em Redonda, Peroba, Picos, Morro Pintado, Serra de Mutamba, Córrego do Sal e Berimbau:

(...) consiste em uma dança, geralmente feita por mulheres, que também cantam, acompanhadas por um sanfoneiro e um palhaço que anima a festa, o Joça. Não tem época determinada. Em geral, quando alguém realiza um pastoril, outra pessoa também o faz, para fazer oposição a ele. Nas músicas, alguns pastoris enfatizam a rivalidade entre os dois partidos, um de cor vermelha e outro de cor azul; no centro fica o Joça (Bustamante, 2003: 113).

Há ainda o Papangu (comemorado durante o carnaval), onde adultos e crianças vestem-se com roupas velhas e cobrem o rosto com máscaras, saem nas ruas brincando com as pessoas que encontram, e não são reconhecidos.

Em relação à agricultura,

Culturas como a do feijão, do milho e da mandioca, já eram desenvolvidas pelos índios que povoaram a região; outros produtos foram se incorporando durante a colonização europeia por influência da cultura africana e, hoje, a agricultura de subsistência apresenta uma diversidade de espécies: melão, batata, batata-doce, cana-de-açúcar, melancia, jerimum, algodão e diversas outras espécies frutíferas (Bustamante, 2003: 115).

1.3. RETORNO: OLHAR DE VOLTA

1.3.1. Siará Grande

Para entrar nas casas de Icapuí, vindo de fora, com o olhar estrangeiro, talvez seja prudente voltar-se para o tempo em que o Ceará, assim como depois Icapuí, demorou a suscitar interesse para si. Compreender o modo de habitar do icapuiense hoje, a partir das casas de taipa alpendradas que têm até 150 anos de existência, pede alguma atenção para o fato de que as terras cearenses aparecem na história oficial como desprovidas de riquezas minerais, inadequadas para o cultivo de pau-brasil, e habitadas por nativos insolentes e preguiçosos, de trato difícil. Esta capitania começou a ser ocupada a partir de uma atividade que era secundária, complementar à cana-de-açúcar – a pecuária: “(...) Complementaridade e dependência formariam o alicerce da estrutura econômica do semi-árido nordestino” (Jucá, in: Souza, 1995: 21). Icapuí, em especial, foi ofuscada pelo interesse suscitado pela vizinha Aracati, quando do auge das charqueadas; foi então se fazendo pelo caminho, pontilhando seu percurso, demorando a fixar pessoas, já que se constituiu como lugar de passagem, como pouso necessário mas temporário, de costas para o mar.

O que se vê hoje, em Icapuí, herança da necessidade permanente de se diferenciar de Aracati, de prescindir dela, é um povo de fala mansa, com sotaque potiguar, de pele, olhos e cabelos claros (descendentes dos holandeses que lá estiveram?). A arquitetura das duas cida-

des é bem emblemática: Aracati mantém seus sobrados refinados¹, herdeiros do apogeu das boiadas, enquanto Icapuí ostenta suas casas de taipa, tantas e tão parecidas, de tão encantadora proporção e tão belos e simples detalhes. A maior parte delas encontra-se ali, espalhada ao longo da via - a mesma que um dia levou todos os caminhos a Aracati.

A ocupação das terras cearenses começou efetivamente nos últimos anos do século XVII, ou seja, após cem anos do descobrimento do Brasil. Alguns fatores citados pelos historiadores para este atraso na colonização – como a aridez do clima, a agressividade dos nativos e as correntes marítimas que dificultavam a navegação na costa nordestina, na maior parte do ano (“As praias do Ceará, saarianamente áridas e cobertas de areias movediças à feição dos ventos, por vezes impetuosos, e geralmente persistentes, pareciam inóspitas e não eram de molde a dar esperanças de frutos capazes de compensar o risco de tratar com os índios, tidos como antropófagos e traiçoeiros”. Sobrinho, 1946: 56) – somam-se a obstáculos de ordem político-econômica.

Em 1535, a coroa portuguesa concedeu a Antônio Cardoso de Barros a capitania do Siará², mas a posse da terra não foi efetivada. “Em resumo, as costas nordestinas e em particular as cearenses e partes das dos vizinhos estados, com seu acentuado centrifugismo, durante mais de cem anos depois do descobrimento não se prestaram a outra coisa de maior valia que a eventual descanso, a precárias aguadas, a algumas pescarias e magros escambos com os nativos, de que se logravam timidamente os navegantes que por elas passavam. No decurso de tanto tempo, por parte de um dos donatários do território, apenas se esboçou no Ceará frustrada tentativa de mal projetada colonização” (Sobrinho, 1946: 59).

A primeira tentativa de conquista deu-se, então, em 1603, por Pero Coelho de Sousa. A povoação denominada de Nova Lisboa foi construída às margens do rio Ceará, mas não produziu os resultados esperados. Devido à seca de 1605-07 e à dificuldade de lidar com os nativos, Pero Coelho retirou-se das terras cearenses.

19. “Presentemente, apesar de muito descaracterizado, o conjunto arquitetônico do Aracati é, em termos de meados do século XIX, ainda o mais importante do Ceará, cumprindo aliás assinalar a existência de algumas obras procedentes do século anterior” (Castro, 1973: 6).

20. De acordo com a versão mais aceita, *Ceará* vem do tupi “siará”, que significa “canto da jandaia”, um tipo de papagaio pequeno e bastante barulhento. Originária do nordeste brasileiro, a jandaia tem as asas e a parte superior das costas na cor verde, com as pontas das asas bem escuras (chegando ao azul escuro ou preto); a parte superior da cabeça e a barriga são vermelhas.

Em 1607, missionários da Companhia de Jesus empreenderam nova tentativa, mais uma vez frustrada. Em 1611, retorna ao Ceará Martim Soares Moreno (que ali esteve com a comitiva de Pero Coelho), e constrói um pequeno forte (São Sebastião) no mesmo local em que Coelho havia erguido o seu.

Moreno permanece no Ceará por pouco tempo, uma vez que é chamado para combater franceses no Maranhão, e retorna em 1621, com o título de capitão-mor. Pede ajuda à Metrópole devido à precária situação em que se encontra a povoação mas, sem obter êxito³, parte novamente em 1631, desta vez para combater holandeses em Pernambuco.

Com a negligência de Portugal em relação às terras do nordeste da Colônia, inúmeras investidas de estrangeiros (principalmente franceses e holandeses) ali ocorreram. Em 1637, os holandeses ocuparam parte do território fortalezense (Barra do Ceará), tomando o forte de São Sebastião - mas acabaram por ser exterminados pelos índios, em 1644. Cinco anos mais tarde, desembarca na baía do Mucuripe o holandês Matias Beck, a fim de explorar minas de prata nas terras cearenses. Beck constrói, na margem esquerda do rio Pajeú, o forte Schoonenborch - que, após a expulsão dos holandeses pelos portugueses (em 1654), viria a se chamar forte de Nossa Senhora da Assunção⁴, em volta do qual continuaria o acanhado desenvolvimento da capitania.

Outro fator relevante no lento progresso da capitania do Ceará foi a sua subordinação à capitania de Pernambuco, de quem dependeu política e economicamente de 1656 a 1799. Tal dependência dos interesses de Recife prejudicava o desenvolvimento da capitania.

1.3.2. O desenvolvimento ao passo da boiada

A concessão das primeiras sesmarias no Ceará aconteceu por volta de 1680, abrangendo terras do baixo Jaguaribe, quando se inicia o povoamento do Ceará. As terras, cedidas direta ou indiretamente, iriam constituir as fazendas de criação de gado.

21. “A falta de empenho do Governo português pelo povoamento do Ceará é justificável, se levada em conta a conjuntura político-econômico da época. Isso porque embora se encontrasse, na Capitania, madeira da melhor qualidade, como o pau-violête (*Dalbergia Cearensis* Ducket), e outras espécies empregadas na marcenaria, não se produzia, aí, o pau-brasil, o produto nobre da primeira investida comercial na Colônia” (Girão, in: Souza, 1995: 27).

22. A primeira vila do Ceará foi instalada em Aquirás (1713), seguida de outra - cuja sede encontrava-se no forte de Nossa Senhora da Assunção (1726) e que posteriormente viria a se transformar na capital do estado, Fortaleza.

Após tentativas frustradas de se encontrar ouro e demais metais preciosos no Brasil, e com o declínio da exportação de pau-brasil, a cana-de-açúcar constituiu-se como atividade agrícola primordial da economia colonial. Até o século XVII, sua produção concentrava-se na região litorânea, principalmente em Pernambuco e no Rio de Janeiro. A concentração populacional, neste período, restringia-se aos núcleos litorâneos.

Neste contexto, a pecuária representava uma função complementar, embora tenha sido uma atividade decisiva na ocupação do espaço nordestino – tanto por proporcionar o desbravamento de terras desconhecidas, devido a sua necessidade de expansão, como pelo consumo da carne de charque (carne seca ou carne do Ceará⁵, mantas de carne salgadas, resistentes a longos percursos), um dos gêneros básicos da alimentação colonial (principalmente da mão-de-obra escrava).

Nos primeiros anos do século XVIII, a venda de gado de corte e o tratamento artesanal do couro, no Siará Grande, restringiam-se ao consumo local. Transportar o rebanho vivo para mercados distantes, a fim de comercializá-lo, não era negócio lucrativo, já que havia várias perdas ao longo do caminho, e o gado chegava ao destino fraco e emagrecido. Os fazendeiros do litoral passaram então a vender seu gado abatido, transformado em carne seca salgada⁶ e em couro, devido à impossibilidade de concorrência comercial com os rebanhos vindos do sertão. Beneficiadas pelas condições satisfatórias do litoral do Ceará⁷, surgiam assim as Oficinas, Charqueadas ou Feitorias, instaladas principalmente nos estuários dos rios Jaguaribe, Acaraú e Coreaú.

O desenvolvimento do interior do Ceará, portanto, deu-se a partir de sua efetiva exploração com a atividade pecuária. A expansão da cultura da cana-de-açúcar e sua necessidade cada vez maior de terras litorâneas expulsava o gado para o interior, estimulando a penetração do sertão:

23. De acordo com Freitas, a técnica indígena de preparo da carne salgada foi inicialmente utilizada pelos moradores do Arraial de São José do Porto dos Barcos – atual Aracati, localizada na foz do rio Jaguaribe. (Freitas Filho, 2003: 77).

24. “Ali, em toscas oficinas, passou a ser fabricado um tipo de carne seca, não prensada, moderadamente salgada e desidratada ao sol e ao vento, por tempo necessário à sua conservação. Isso com o aperfeiçoamento da técnica empregada pelo índio, transferida ao vaqueiro, no preparo da carne seca, ainda hoje comum nas regiões sertanejas nordestinas – a chamada carne-de-sol” (Girão, in: Souza, 1995: 65).

25. Matéria-prima abundante, ventos constantes e baixa umidade relativa do ar (favoráveis à secagem e duração do produto), existência de sal e barras acessíveis à cabotagem da época (Girão, in: Souza, 1995: 65).

O gado adaptado ao novo habitat – a caatinga – extensa área disponível, pouco propícia à indústria agrícola, oferecia excelentes condições para desenvolver a nova atividade, que consistia, apenas, no aumento dos rebanhos e na aquisição de mão-de-obra” (Girão, in: Souza, 1995: 30).

A partir deste afastamento da faixa costeira, “o criatório se expandiu, os caminhos se alongaram e o sertão ‘bruto’ foi devassado” (idem: 31).

De acordo com Freitas Filho (2003), duas correntes destacavam-se na expansão da atividade pastoril para o interior do território brasileiro: a baiana, que acompanhava o curso do rio São Francisco, atuando no chamado sertão de dentro; e a pernambucana, que seguia ao longo do oceano Atlântico, no sertão de fora. Para Girão, “Foi, na verdade, pelos roteiros das boiadas que se abriram novas perspectivas para a verdadeira colonização da capitania do Ceará, colonização esta que se efetuou sempre ao passo lento das manadas de gado e do chiado do carro-de-bois” (Girão, in: Souza, 1995: 39).

Iniciada como força motriz no cultivo da cana-de-açúcar, a atividade pecuária aos poucos ganhou autonomia e foi responsável pelo povoamento do sertão nordestino:

Esse processo deu início a quase todos os centros históricos do estado do Ceará. Seguindo o caminho dos principais rios e sopés de serras, desenvolveram-se rotas de tropeiros, de tangedores de gado, e nos lugares de pouso, os primeiros currais (embrião das posteriores povoações) iam timidamente se definindo, núcleo genealógico da família cearense. Aos poucos, essas rotas funcionaram como vetores de fixação de toda espécie de negociantes, de entrepostos de descanso e de compra e venda, onde se comercializava o gado e se adquiria comida (Freitas Filho, 2003: 76).

Às margens dos rios Jaguaribe e Acaraú⁸, dois pontos essenciais da colonização – primeiro, como “estradas” através das quais se deu o desbravamento e a ocupação do interior e, posteriormente, como escoadouro das manadas de corte para os mercados consumidores – foram surgindo currais de gado, alguns sítios e fazendas criatórias, ou seja, pequenas povoações.

26. Os dois rios possuíam condições adequadas para a criação do gado: o caráter salino do solo e a abundância de pastos.

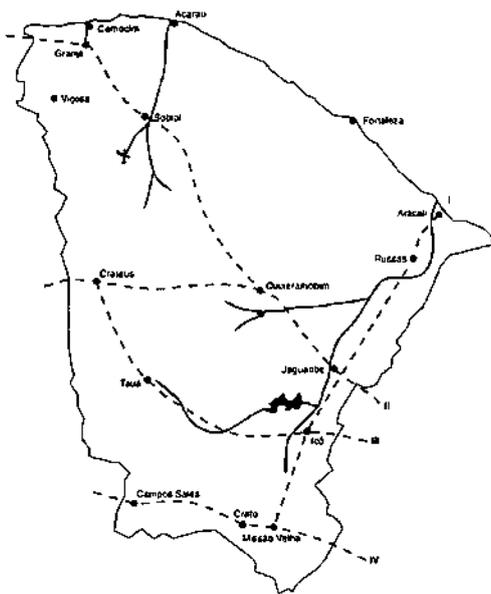
As fazendas de gado aumentavam em número no interior do Nordeste, situadas preferencialmente às margens dos rios, nas dimensões de três léguas de comprimento por uma de largura:

Em geral, edificava-se uma casa, com cobertura de palha, instalavam-se singelos currais e adquiriram-se centenas de cabeças, ocupando uma média de três léguas e, assim, estava instituída uma fazenda. A mão-de-obra utilizada compunha-se de no máximo doze pessoas, em sua maioria formada por indígenas e mestiços, sem esquecer os fugitivos dos engenhos ou criminosos em busca de refúgio e segurança (Jucá, in: Souza, 1995: 16).

O estabelecimento das oficinas de charque possibilitou grandes transformações de ordem econômica, social e política para a capitania do Ceará. Alguns grupos se fixaram nas trilhas do gado, a fim de fornecer alimento (fruto da agricultura local) e pouso para os viajantes; por vezes adquiriam os animais emagrecidos pela viagem (que serviriam de alimento). Aos poucos, os pousos dos tangerinos (os tangedores de gado) transformam-se em ranchos onde pessoas de variadas origens sedentarizavam-se. Surgiam assim as primeiras povoações, através deste pequeno comércio entre os vaqueiros e os moradores. Várias cidades cearenses surgiram a partir destes ranchos estradeiros.

O homem do sertão e do litoral agora se encontravam, implicando em um primeiro impulso monetário que viabilizou o desenvolvimento das primeiras fazendas de gado e o surgimento dos primeiros núcleos urbanos:

As boiadas que antes se deslocavam para as feiras pernambucanas e baianas começavam a rumar em direção à foz de suas próprias ribeiras. Este movimento revolucionou a feição econômica, social e política da Capitania. O litoral e o sertão interpenetravam-se comercialmente e os laços administrativos entre as duas zonas tornaram-se mais significativos. Os mais longínquos núcleos sertanejos nutriam-se com as utilidades de outros centros, remetendo em troca os produtos da terra. Com as charqueadas ganhava a Capitania subalterna de Pernambuco maior importância no contexto regional, enquadrando-se no sentido de economia capitalista da época, isto é, não com a carne, mas com o couro destinado à exportação (Girão, in: Souza, 1995: 66).



163. Principais vias de comunicação - CE, séc XVIII (Sampaio Neto, 2005: 16)

Sobretudo, portanto, através do transporte de gado iam surgindo as primeiras vilas do sertão. A partir da segunda metade do século XVIII, em virtude da cultura do algodão, houve um aumento populacional na região da pecuária, bem como uma expansão das plantações de milho e feijão.

A Carta Régia de 1701 proibia a criação de gado até dez léguas contadas a partir da faixa litorânea, o que impulsionou a pecuária sertaneja, fazendo com que esta atingisse seu ápice a partir da primeira metade do século XVIII. O

comércio do Ceará, durante o século XVIII, girou quase exclusivamente em torno das oficinas de charque e da venda de carne seca. Tal ciclo teve sua decadência no último decênio do século, tanto devido aos prejuízos causados pelas secas (1777-78 e 1790-93), que diminuíram em quantidade e qualidade os rebanhos da região e fizeram com que as técnicas de charqueadas fossem transferidas para o Rio Grande do Sul, como por outros fatores que interferiram na estrutura econômica não apenas na Colônia, como da Metrópole⁹.

A atividade pecuária, enfim,

Apesar de representar, no quadro econômico colonial, uma feição complementar, destinada a atender as necessidades da área litorânea, a pecuária significou um passo decisivo no processo de ocupação do espaço nordestino. A carne de charque era um dos gêneros básicos da alimentação colonial e seu consumo atendia sobretudo a mão-de-obra escrava, utilizada nos grandes engenhos e fazendas da região. Daí a pecuária sempre figurar, em segundo plano, atrelada às grandes lavouras (Jucá, in: Souza, 1995: 19).

27. Cita Girão: “Mudanças ocorridas na Europa, especialmente na Inglaterra a partir da metade do século XVIII, refletiriam no Brasil, estimulando o renascimento da agricultura; agora não somente dirigida à produção do açúcar, como também para a cultura do algodão. (...) Com o algodão, rompe-se o exclusivismo pastoril no Ceará” (Girão, in: Souza, 1995: 78).

De acordo com Girão,

Toda a vida fazendeira da Colônia e de grande parte do Império, desenvolveu-se em torno do gado. Em contrapartida, a empolgação da gente fazendeira pelo rebanho contribuiu, consideravelmente, para o pouco empenho pela exploração agrícola da região sertaneja onde, até mesmo a mandioca, não era cultivada o suficiente para atender às necessidades do consumo (Girão, in: Souza, 1995: 36).

Uma vez que o colono não tinha a posse da terra, não se enraizava – desapegava-se aos interesses agrícolas, fixadores do grupo humano.

Além disso, a incerteza do clima, a inexistência de implementos agrícolas (tanto para o desbravamento da caatinga como para o tratamento do solo), e a falta de transporte, de um mercado consumidor mais competitivo e de capital, faziam com que o sertanejo tivesse certo descaso pela agricultura.

1.3.3. Santa Cruz do Aracati

De acordo com Raimundo Girão, as oficinas surgiram inicialmente no pequeno arraial de São José do Porto dos Barcos, localizado à foz do rio Jaguaribe (que seria depois elevado a vila com o nome de Santa Cruz do Aracati, em 1748), efetivando a comercialização da carne seca da região do rio Jaguaribe para outros centros.

No primeiro momento, o gado será remetido em pé para os locais de comercialização: feiras realizadas em Pernambuco (de início, Olinda, depois Igaracu e Goiana) e na Bahia (Capoame, depois Nazaré, Conceição de Feira e Feira de Santana). Posteriormente, descera para os pontos do litoral, à foz dos rios, onde será carneado e salgado em mantas, nas 'oficinas', a fim de ser enviado por barcos para os centros de consumo distantes na costa leste. As 'oficinas' do Aracati, principal centro de produção da chamada carne do Ceará, logo transformarão o pequeno entreposto na vila mais rica e mais civilizada da capitania (Castro, 1983: 30).

Como principal centro de produção da "carne do Ceará", Aracati torna-se, a partir de 1750, o núcleo urbano mais importante do estado, principal entreposto comercial da

região, tanto devido às charqueadas, como à sua proximidade com Recife e Salvador. Aracati abastecia o interior e capitâneas vizinhas com artigos importados, tais como manufaturas, ferramentas, materiais de construção e produtos de luxo.

Aracati tornou-se lugar procurado e populoso: tinha um porto de mar acessível, relativamente próximo de Recife e Salvador, e o comércio de carne e couro atraía ricos senhores vindos de locais diversos. A instalação da Vila ocorreu em 10 de fevereiro de 1748 – o que, a princípio, acarretou uma diminuição em seu desenvolvimento comercial, já que os armadores não queriam se submeter às posturas impostas pelas autoridades.

A própria estrutura urbana da Vila obedeceu ao interesse comercial da carne seca. A arquitetura e o trato social externavam a situação privilegiada de Aracati, amostras de sua importância no período colonial – e que contrastavam com a arquitetura de “aparência singela, quase severa, principalmente nos interiores” (Girão, in: Souza, 1995: 75), encontrada no restante da arquitetura cearense.

O declínio da atividade pecuária, devido às secas e à entrada do produto gaúcho no mercado nacional, aos poucos leva Aracati à estagnação. No início do século XIX, a atividade criatória, já bastante enfraquecida, ainda persistia, embora já estivesse complementada pelo cultivo do algodão. A capital da então província passa a exercer o papel de entreposto comercial, em detrimento de Aracati. Segundo Lemenhe (1991), esta substituição deu-se também em decorrência da obtenção de privilégios concedidos às capitais de províncias, por parte da ordem político-administrativa do Império.

A escolha do porto da Vila do Forte (e não mais do porto de Aracati, a montante da foz do rio Jaguaribe), deu-se ainda pela maior dificuldade deste último ao acesso de barcos de maior tonelagem. “Com o posterior emprego dos navios a vapor, após 1860, o porto de Aracati torna-se inviável, mesmo no Fortim, o que, conjuntamente com outros fatores, conduz a velha cidade à estagnação” (Castro, 1982: 44). Lemenhe discorda desta versão, e aponta portos com melhores condições geográficas que o de Fortaleza, como o de Camocim.

A construção de estrada de ferro de Baturité, iniciada em 1870, tinha como ponto de partida a capital (Fortaleza), para onde se deslocara o comando comercial da província. A decadência de Aracati fazia-se irreversível; no início do século XX, a implantação da rede rodoviária estadual ignorou Aracati, isolando-a à margem direita do rio Jaguaribe. Somente com a construção da ligação asfaltada entre Fortaleza e Natal, nos últimos anos do século, Aracati passou a apresentar fácil acesso.

CAPÍTULO 2

..... *multipliCidades*

2.1. CIDADE, COMUNICAÇÃO E CULTURA

A cidade é o lugar onde há mais mobilidade e mais encontros.

(SANTOS, Milton)

Lugar muitas vezes aparece como sinônimo de espaço; tal identificação, recorrente principalmente até a modernidade, confunde os dois termos para designar a matéria física onde se apoiam as ações e construções do homem. Para apreender o espaço, no entanto, é necessário superar tal descrição e percebê-lo a partir da singularidade do lugar que “se apresenta como único e que, para ser explicado, exige ser reduzido àquilo que já se conhece e, portanto, se reconhece” (Ferrara, 2008: 29). Abandona-se assim o conceito abstrato de espaço pela experiência do corpo que ocupa um espaço e com ele estabelece “relações falíveis em crises temporais”, que os transformam continuamente.

O espaço urbano – a cidade - não é apenas construção, ou seja, arquitetura tomada apenas em seus aspectos materiais e funcionais. A cidade construída existe aliada a uma dimensão comunicativa que faz com que aquela se constitua, simultaneamente, como *meio* (construção), *imagem* (mídia) e *mediação* (urbanidade). Afirmar Ferrara:

Funcionalidade e comunicação constituem dois parâmetros básicos da cidade através de seu meio originário, a arquitetura. Ou seja, a arquitetura induz, através de materiais, técnicas e formas construtivas, a função, o uso e o valor do espaço e, nesse sentido, constitui o suporte através do qual a cidade se constrói como meio comunicativo que possibilite sociabilidades e interações em constantes transformações. As propostas técnicas e funcionais da arquitetura constroem a cidade que se comunica através de imagens midiáticas e inusitadas interações: meios, imagens e mediações constituem a complexa comunicação que, sobretudo a partir da Revolução Industrial, tem a cidade como cena e motivo (Ferrara, Matrizes, 2008: 41).

A autora esclarece a múltipla vocação da cidade:

a lógica construtiva de uma cidade é suporte que se disponibiliza à comunicação de uma ideologia, de uma utopia, plano ou imagem que, enquanto mídias, articulam desejos e valores a identificar uma cidade entre cidades mas, enquanto interação, a cidade vai além das suas aparências ou mensagens midiáticas para se propor como desafio que exige o diálogo banal, corriqueiro, cotidiano, frágil que constitui a vida e a morte de uma cidade (Ferrara, 2008: 44).

A cidade, seja ela planejada ou espontânea (sabe-se que uma cidade nunca é totalmente planejada nem completamente espontânea), tem em seus elementos construídos suportes fundamentais para transformá-la em meio capaz de gerar ambientes comunicativos. A cidade como meio (construída, edificada) manifesta-se como informação concreta, através de materiais, formas, volumes e implantações relacionados à técnica e à tecnologia disponível. Tais manifestações desenham uma cultura na cidade, refletem um tempo, caracterizam identidades simbólicas, marcam a história. “Desse modo, os meios desenham a história da cidade através dos suportes da sua construção e criam um ambiente que pode estimular ou impedir a comunicação que constitui seu cotidiano que, banal, não atrai a atenção científica” (Ferrara, 2008: 45).

Simultaneamente, a cidade se constitui como imagem midiática “que agasalha o cotidiano, a sociabilidade e as trocas interativas que transformam a cidade na maior experiência comunicativa da humanidade” (Ferrara, 2008: 42). A cidade, portanto, é também representação. Manifestação tangível de complexas dimensões por vezes intangíveis, caracteriza-se por uma ambiguidade decorrente da imprevisibilidade de seus acontecimentos e pela dificuldade de distinção entre o que é o seu sistema construtivo, o valor que este emite e a interação possibilitada por ambos.

A cidade como meio viabiliza a cidade como mídia, ou seja, possibilita o surgimento de infinitas imagens da cidade, que são a primeira forma de comunicação entre a cidade e seu usuário. As imagens direcionam o modo de ver, podem atuar como mapas mentais e referências capazes de nortear e conduzir deslocamentos (Lynch, 1980: XXX), ou ainda como imagens comerciais e publicitárias que correspondem a planos imaginários sustentados pela comunicação (Ferrara, 2008: 47).

A imagem da cidade representa desejos imaginários de identidade (individual e coletiva), enquanto a mediação acrescenta ao signo outro significado, apenas possível, que depende das relações que se estabelecem entre o usuário e a cidade. “A cidade como mídia só se revela como mediação à medida em que contempla as diferenças entre cidades e as características dos seus lugares”. A mediação supõe, portanto, transformações no usuário - na medida em que este interfere na cidade e contribui na organização do cotidiano no qual está inserido -, e na cidade, fazendo com que ambos interajam incessantemente.

A própria existência material transforma a espacialidade em meio e lugar gerador de vínculos comunicativos, que por sua vez são independentes dos valores que sugerem. “A imagem do lugar se transforma em sociabilidade criadora e estimuladora de vínculos comunicativos: o lugar é a sua imagem e o modo como ele se produz e constrói é a comunicabilidade da sua imagem” (Ferrara, 2008: 58). O espaço ultrapassa sua caracterização habitual de mero suporte e atinge um nível comunicativo que possibilita a mediação.

A cidade como mediação “surge vigorosa exatamente naqueles tecidos urbanos sem realces ou naquelas voltas imprevisíveis da vida de uma cidade que, para serem encontrados, precisam ser vividos e compartilhados” (Ferrara, 2008: 48). No cotidiano feito de interações imperceptíveis e imprevistas, “Realidades divergentes que promovem diferenças, mudanças de valores, de ações e de usos que transformam a experiência, o cotidiano e os lugares da cidade em processos de interação complexa” (Ferrara, 2008: 50).

As interações urbanas são processos vivos e, apesar de o cotidiano ser marcado por hábitos e rotinas, a própria mediação atualiza-se constantemente de maneira nova e imprevisível, levando aquela repetição à mudanças contínuas. Se a imagem é eficiente comunicativamente como mídia devido à informação que veicula, a mediação possibilita a escolha entre alternativas de ação e conduta.

Em consequência e enquanto mediação, a cidade não é marcada pelas imagens que a simbolizam, mas é ela própria, enquanto produtora de ações e comportamentos, que se caracteriza pragmaticamente e se revela como mediação na grande experiência coletiva que é dada ao homem descobrir e viver (Ferrara, 2008: 52).

A função da mediação “não é exprimir ou transmitir valores e ações, mas impor a semiose que parte da dimensão semiótica das interações, para superá-la e escrever uma his-

tória da cidade feita do modo como nela operamos ou dela fazemos parte. A mídia sinaliza a cidade através das suas imagens, mas a mediação permanece cognitivamente na experiência que produz sua metamorfose feita de convergências e divergências” (Ferrara, 2008: 53).

Mídia e mediação decorrem da cidade como meio, mas não se confundem. A mediação não prescinde da mídia, parte dela – para superá-la ou prolongá-la, não numa relação de causa e efeito, mas como possibilidade. Para Ferrara,

a mediação apresenta intensidades e velocidades distintas porque é um possível interpretante da cidade como mídia. Ou seja, se enquanto mídia, a imagem se mimetiza na cidade e entre cidades, enquanto mediação, a cidade supera a imagem e é processo, justaposição de experiências e movimento em transformação contínuos. Portanto, mídia e mediação tem distintos estatutos semióticos e cognitivos (Ferrara, 2008: 49).

2.2. COMUNICAR E TRANSMITIR

Eu atravesso as coisas e no meio da travessia não vejo!
Só estava era entretido na idéia dos lugares de saída e de chegada...
(ROSA, Guimarães)

Portanto, passar da figura à imagem ou da exposição à reprodução através da construção do espaço exige perceber que, na história das relações criativas dos homens e entre eles, se estabelece um vínculo que, em teia ou rizoma, entretece todas as manifestações humanas que vão da arte à técnica, do tempo ao espaço, do isolamento da cultura à comunicação e diálogo entre suas manifestações, da comunicação como relação através de uma mensagem à transmissão que se processa através dos meios comunicativos
(FERRARA, Lucrecia)

Pensar a comunicação a partir da cultura significa, portanto, ir além das tecnologias e dos meios. O eixo de análise desloca-se dos meios para as mediações, ou seja, “para as articulações entre práticas de comunicação e movimentos sociais, para as diferentes tempo-

ralidades e para a pluralidade de matrizes culturais” (Barbero, 2001). O foco passa a ser o lugar onde é produzido o sentido e a transformação de dados ordinários em conhecimento e cultura.

Há uma integração entre os suportes (transformados em meio) e as mediações que constituem os processos de transmissão da cultura. A transmissão cultural é estudada por Debray a partir da midiologia (ou mediologia, se considerarmos o termo original em francês, *médiologie*). Seu objeto de reflexão constitui-se na compreensão dos processos de nascimento e morte das idéias, ou seja, no modo como se transmitem crenças, valores e doutrinas ao longo da história. Através do estudo sistemático dos mecanismos de transmissão e das relações entre cultura e técnica, o autor francês pretende resolver o “enigma da eficácia simbólica”: compreender de que maneira, por exemplo, signos veiculados pela imagem, pela fala ou pela escrita são capazes de movimentar multidões.

Debray ressalta algumas distinções entre os processos de transmissão e de comunicação: para transmitir é necessário comunicar, mas isso é condição necessária, e não suficiente. A diferença entre transmitir e comunicar parece ser de mesma ordem da diferença entre a travessia e os pontos de partida e de chegada, entre os estados inicial e final e o processo. Movimento que não é percebido em si mesmo, mas a partir das transformações que provoca; travessia que não é vista, mas que ocorre e deixa um rastro atrás de si. Uma transmissão, sempre processual e mediatizada, envolve imprescindivelmente transformação, e não tem existência autônoma. Transmitir é transformar dados (texto, imagem, estatística) em conhecimento, o que viabiliza a linguagem, o pensamento e a cultura. O transporte transforma o transportado, que passa por inúmeras mediações e é remodelado, metaforizado, metabolizado pelo seu deslocamento.

A informação transmitida não é independente dos aspectos técnicos e orgânicos presentes em seu processo de transmissão. Transmitir, portanto, não é apenas transferir, herdar não é simplesmente receber - tais processos envolvem, necessariamente, reinvenções, alterações. Afirma Debray:

Neste aspecto o termo suporte revela-se tão impróprio ao postular uma relação de exterioridade entre a coisa transportada e aquilo no qual ela repousa. A transmissão de um conteúdo de sentido incorpora-o, de fato, a seu veículo, o qual o submete à sua lei. É o caráter substancial da mediação

que faz funcionar a transmissão como transsubstanciação, transmutação dinâmica e não reprodução mecânica, que tanto acrescenta quanto suprime (2000 : 43).

A transmissão diferencia-se da comunicação em três instâncias, de acordo com o filósofo francês: material, diacrônica e política. Inicialmente, comunicar aparece como o fazer conhecer, fazer saber; relaciona-se com o imaterial, com os códigos e as linguagens. Transmitir, por sua vez, tem relação não apenas com o que é dito ou escrito, ou seja, liga-se a bens e idéias, a forças e formas, máquinas e pessoas, senhas e imagens fixas, veículos, espaços e ritos, gestos, movimentos de idéias e de homens, objetos (2000). Afirma o autor: “As cadeias operatórias de uma transformação das mentalidades misturam, em total confusão, simbólico e econômico, incorporal e poderoso; e o midiólogo interessa-se, como sua função específica, (...) por coisas triviais em vez dos ‘homens ilustres’ e dos ‘grandes textos’” (2000: 14, 15).

No segundo nível de diferenciação (diacrônico), Debray define a comunicação (“pontual e sincronizante”) como uma trama, uma rede que relaciona emissor e receptor contemporâneos, no tempo presente. A transmissão (“diacrônica e caminhante”) estabelece, por sua vez, ligações entre “vivos e mortos”, quase sempre na ausência dos emissores. Transporte no tempo, “empresas de construção das durações”, a transmissão “ordena o efetivo ao virtual”:

A comunicação resume, a transmissão prolonga, pretende anular o efêmero incrementando as prolongações (...). Enquanto uma sociedade de comunicação tenderá a valorizar o resíduo e o fluxo, o precário ou o instantâneo, a profundidade do tempo fornece à transmissão um relevo e uma dimensão singulares. Perdurar é, aqui, crucial e, lá, acidental (2000: 15,16).

Se, portanto, a comunicação resume, a transmissão prolonga. Esta extensão no tempo, esta permanência e duração exigem, da mediologia, uma perspectiva temporal ampla e profunda. Transmitem-se vivências, crenças e pensamentos para que estes permaneçam, ou pelo menos aumentem suas possibilidades de não morrer. Isto se dá através de meios diversos, tais como a poesia, o desenho ou a escrita, o som ou a internet.

Para Debray, tudo é mensagem, mas nem tudo faz herança – que nunca ocorre ao acaso, sem projeto ou intencionalidade. O autor francês afirma que a transmissão faz parte

da esfera política e exige, portanto, “competências estratégicas para se aliar, filtrar, excluir, hierarquizar, demarcar etc: uma luta pela sobrevivência no âmbito de um sistema de forças rivais que tendem a eliminarem-se entre si por desqualificação, ou a anexarem-se uma à outra por fagocitose”.

Surge aqui o que o autor francês denomina de “o duplo corpo do médium”¹, ou seja, o sistema de procedimentos que medeia uma produção de sentido, aquilo que está entre: corpo como corporação, corpo místico ou corpo docente, responsável por passar adiante conhecimentos, valores ou experiências que podem consolidar a identidade de algum grupo (“Transmite-se aquilo cuja preservação confere a uma comunidade a sua razão de ser e de esperar; aquilo que não se tem o direito de esquecer ou guardar para si”); e corpo como corpo físico, ou seja, matéria. “A transmissão constitui-se de uma dupla incorporação que combina dois tipos de formações: o corpo constituído (como um corpo diplomático ou corpo docente) e o corpo físico (no sentido mesmo de ‘queda dos corpos’)” (2000). Ao mediólogo (historiador das técnicas, semiólogo e sociólogo) caberia pôr o dedo nos interstícios entre a vida intelectual, a vida material e a vida social.

Para que uma transmissão seja eficiente, isto é, capaz de perenizar algo, é necessário que ela ocorra simultaneamente em dois sentidos: é preciso que haja, de acordo com Debray, materialização e coletivização, ou seja, a “fabricação de algo memorável (via coisas mortas transformadas em monumentos, porque a matéria conserva os vestígios)” e a modelagem de “memorandos (via uma corrente coletiva de recreação, porque somente os seres vivos podem reanimar o sentido que está adormecido nos vestígios)” (2000).

O autor cita a existência da matéria organizada (*M.O.*) e da organização materializada (*O.M.*), ressaltando que a combinação entre as duas é característica da cultura. A *M.O.* envolveria tanto coordenadas da comunicação (dependentes do tipo de signo, do dispositivo de difusão e do suporte físico utilizado), como os meios de transporte dos homens e das mensagens (caminhos, redes, infra-estrutura). Já a *O.M.* abrange as instituições, ou seja, coordenadas comunitárias (formas de coesão impostas pela natureza material dos signos

28. “A dupla natureza do corpo mediador, sua ambivalência inerente: a palavra *ekklesia*, do grego litúrgico, indica tanto o corpo do prédio, espaço físico de reunião, como a instituição de graça, ‘corpo místico’ de Cristo” (2000).

e dos dispositivos, responsáveis pela união dos operadores humanos de uma transmissão (“organogramas e burocracias, bispos e professores, salões e tribunas, comitês de direção, institutos, academias e colégios, chefes de repartições e líderes revolucionários” – 2000).

Os sistemas simbólicos explícitos (como as religiões, ideologias, doutrinas e produções de arte) perpetuam-se, mas sempre relacionados com as estruturas sócio-técnicas de transmissão; as ações são inseparáveis das posições de poder. Não pode haver, da mesma forma, transmissão cultural sem técnica (apesar de não existir transmissão cultural puramente técnica). Transmitir, ou fazer cultura, exige uma estratégia aliada a uma logística, práxis e techné, “endereçamento institucional e instrumentação semiótica”. Tais relações não são, no entanto, automáticas, previsíveis ou unilaterais.

Na mediologia, “mídio” não significa *mídia* nem *médium*, e sim *mediação*, ou seja, “o conjunto dinâmico dos procedimentos e corpos intermediários que se interpõem entre a produção de signos e produção de acontecimentos” (1994: 29). Para Debray, antes de ser comunicação, mídio é espaço – o espaço, portanto, é mediação nos dois sentidos. É linguagem e, ao mesmo tempo, meio onde a vida é tornada possível.

2.3. DO ESPAÇO ÀS ESPACIALIDADES

Altera-se a pergunta. Não mais “o que é o espaço”, mas o que é a experiência do espaço. Qual é a natureza do espaço, apreendida nas experiências (mediativas) de sua construção? O eixo de análise desloca-se, portanto, de uma caracterização abstrata para uma manifestação cultural, para as relações de vínculo entre comunicação e cultura. Para a natureza mediativa, cognitiva, epistemológica e interativa das espacialidades.

O espaço aqui, inicia processos comunicativos, constrói a cultura através de suas espacialidades que, por sua vez, manifestam o espaço enquanto linguagem, tornando-o perceptível no plano da cultura. É através de espacialidades (imagens, signos, ou seja, representações do espaço) que se pode (re)conhecer o espaço. Para isso, é preciso não apenas descrever, mas refletir acerca das relações entre espaço, cultura e comunicação. É necessário apreender dimensões não apenas físicas, mas perceptivas e comunicantes.

Descartados os paradigmas de estabilidade que caracterizavam o espaço (estabilidade e segurança garantidas pela contigüidade do tempo cronológico, pela localização segura de um espaço inerte, um suporte, e pela razão dirigida pelo sujeito – que submetia o objeto e o movimento do mundo), reconhecemos que o espaço não é um a priori da cultura, mas se identifica na medida em que é construído através de espacialidades moventes. A explicação é substituída pela interpretação falível, instável, mutável e evolutiva, contínua e imprevisível. Trabalha-se não mais através de um conceito, mas entre-conceitos, para perceber os elementos que, neste espaço qualificado (ambiente), conectam-se e estabelecem relações entre si.

Buscando uma sistematização do espaço e o reconhecimento de suas características analíticas (“a paisagem, a configuração territorial, a divisão territorial do trabalho, o espaço produzido ou produtivo, as rugosidades e as formas-conteúdo”), Santos o define como “um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações” (Santos, 2008: 22). O espaço passa a ser considerado em sua existência, ou seja, “como uma forma-conteúdo, isto é, como uma forma que não tem existência empírica e filosófica se a considerarmos separadamente do conteúdo e um conteúdo que não poderia existir sem a forma que o abrigou” (Santos, 2008: 24, 25).

É o espaço situado entre a comunicação e a cultura, que pode ser apreendido através do modo como se constrói - a construtibilidade que o representa, ou seja, através das manifestações que o fazem evidente enquanto elemento que comunica e faz parte da cultura. Um espaço “entre”, “que só se mostra quando sobre ele se debruça uma atenção cognitiva capaz de revelá-lo nas flutuações que o comunicam e no modo como, através dele, se constrói a cultura” (Ferrara, 2008: 9).

A construtibilidade não está relacionada apenas à base material (que atua como suporte) e, no estudo do espaço, manifesta-se como espacialidade com características semióticas que permitem reconhecer as relações entre a comunicação e cultura. A comunicação - que envolve não apenas o conteúdo mas o modo como se comunica algo -, e a cultura - como manifestação de modos de vida -, entrelaçam-se e se deixam ver através de espacialidades. Para Ferrara, “construtibilidade, transformação do material e cultura caracterizam-se como unidades de produção e transmissão de modos de vida que definem valores, comportamentos, hábitos e crenças” (Ferrara, 2008: 11).

A construtibilidade assinala a emergência do espaço como experiência sensível e estabelece sua dimensão representativa.

A espacialidade cria uma teoria do espaço enquanto representação e, em consequência, como comunicação e supõe o resgate das manifestações presentes nas suas constituições históricas. Portanto, esse resgate supõe enfrentar não apenas as construções das espacialidades, mas sobretudo as características dos processos de representação e o modo como, na história, se comunicam (Ferrara, 2008: 47).

O espaço é construído, produzido e transformado para atender às necessidades do homem. O modo como isso ocorre constitui-se como elemento fundamental na comunicação da cultura. A construtibilidade do espaço como elemento cultural possibilita a transmissão de características que tem consequências sociais, mentais e simbólicas. A história do espaço, portanto, pode ser contada através da maneira pela qual diferentes espacialidades (modos de habitar, de comercializar, de cultivar, de deslocar-se etc) manifestaram-se e se desenvolveram ao longo do tempo, intervindo e marcando a cultura, ao mesmo tempo em que comunicam as relações humanas.

À medida em que se compreende a comunicação e a cultura de maneira integrada, o espaço (situado entre a comunicação e a cultura) manifesta-se como espacialidade, ou seja, como representação, como signo. Tem-se uma

vinculação comunicativa que transforma suportes, frequentemente tecnológicos, em meios produtores de mediações que criam a atmosfera social, responsável por comportamentos, valores e ambientes de convivência. Essas mediações transformam a comunicação em acontecimento,

e não mais uma “relação comunicativa que atua como canal de intersubjetividades e socialidades” (Ferrara, 2008: 12, 13).

“A espacialidade constitui a representação do espaço e sua semiótica permite entender o modo como, em espacialidade, o espaço se transforma em lugar, não físico, mas social, onde se abrigam a comunicação e a cultura nas suas dimensões históricas, sociais e cognitivas” (Ferrara, 2008: 13). O vínculo se transforma em mediatização e considera a transmis-

são que depende do modo como a comunicação se organiza e cria outros ambientes sociais ou os transforma radicalmente, criando-lhes contextos e ambientes específicos.

Estudar o espaço como espacialidade, ou seja, flagrar um espaço que se expande em um complexo comunicativo, contribui na elaboração de uma arqueologia da cultura e de uma categoria epistemológica para o estudo da comunicação. As espacialidades interferem nas atmosferas sociais e criam outras realidades culturais, caracterizando diversos processos interativos e interferindo na emergência de fluxos sociais e culturais. Imprevisto fenomênico que não desperta imediatamente a atenção, não se impõe como objeto científico e confunde-se enquanto suporte físico, material ou topológico, as espacialidades surgem como fenômeno de mediação entre manifestações comunicativas que não se submete aos métodos de investigação propostos *a priori*.

As espacialidades, manifestações aparentemente fragmentadas que transformam o espaço e o fazem passar de suporte a meio que, em mediatização, exige outro modo de ver e comunicar, geram significados e são, portanto, capazes de subverter parâmetros culturais estabelecidos como modo de ver, ler e comunicar. Desenham-se mais através das relações que sugerem, do que através da grafia de roteiros e padrões perceptivos.

Para Santos, “A cultura, forma de comunicação do indivíduo e do grupo com o universo, é uma herança, mas também um reaprendizado das relações profundas entre o homem e o seu meio” (Santos, 2008: 326). Ela pode ser lida e interpretada através das espacialidades, a partir de um estudo empírico e teórico do espaço ao se transformar em espacialidades mediativas, e através das conseqüentes características semióticas representativas de tal processo. Tem-se, como possibilidade de leitura e interpretação de espacialidades comunicativas na cidade, o estranhamento do cotidiano das espacialidades corriqueiras: “A maneira de decifrar o que ocorre no comportamento aparentemente misterioso e indomável das cidades é, em minha opinião, observar mais de perto, com o mínimo de expectativa possível, as cenas e os acontecimentos mais comuns, tentar entender o que significam e ver se surgem explicações entre eles” (Jacobs, 2003: 13).

Surge assim outra maneira de entender o mundo, o homem que se comunica e a cultura que o representa: “Então, se deliberadamente alterarmos a ênfase, virarmos de ponta-cabeça e experimentarmos, o resultado vale a pena: não procuremos o velho no novo, mas encontremos algo novo no velho. Se tivermos sorte de encontrar, teremos de dizer adeus a muita coisa familiar em diversos aspectos” (Ferrara, 2008: 14, Zielinski, 2006: 19).

2.4. SOCIABILIDADES URBANAS

O ser de uma sociedade é seu perseverar.

(VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo)

Para Viveiros de Castro, em sentido mais amplo, sociedade é “uma condição universal da vida humana (...) o comportamento humano torna-se agência social ao se fundar menos em regulações instintivas selecionadas pela evolução que em regras de origem extra-somática historicamente sedimentadas” (2002, 298) - regras estas que, apesar de variarem no tempo e no espaço, tem sua existência garantida.

Sociedade pode ser uma designação aplicável a um grupo com determinadas características, cujos referentes principais podem ser o componente populacional (“um povo”, um tipo específico de humanidade), o institucional-relacional (um “sistema” ou “organização social”) ou o componente cultural-ideacional do grupo (“sociedade”, aqui, é frequentemente substituída por “cultura”: “visam-se os conteúdos afetivos e cognitivos da vida do grupo: o conjunto de disposições e capacidades inculcadas em seus membros através de meios simbólicos variados, bem como os conceitos e práticas que conferem ordem, significação e valor à totalidade do existente” - Viveiros de Castro: 299). A sociedade aparece, aqui, como instrumento de transmissão de cultura entre os indivíduos.

O conceito de sociabilidade, por sua vez, foi criado no campo da sociologia, por Georg Simmel, que concebia a sociedade como algo continuamente constituído pelos indivíduos (e não como algo dado a priori), através de interações recíprocas². A sociedade seria o lugar onde este complexo de indivíduos envolvidos numa rede de relações existiria, ou seja, constituiria-se em um dos modos pelos quais a experiência humana poderia ser organizada. Através de processos interativos – cujo fim último e consciente seria a constituição de uma unidade - configuram-se associações, e a sociedade seria, portanto, o conjunto das formas relacionais através das quais os indivíduos passam a fazer parte da rede de interações.

Sociabilidade, dentro deste contexto, seria

29. A sociedade seria, portanto, não apenas composta por indivíduos, mas por indivíduos em interação.

um dos conceitos que permitem aprofundar a compreensão do modo como se organiza a sociedade através de uma associação básica (...), um tipo ideal compreendido como o ‘social puro’, forma lúdica arquetípica de toda a socialização humana, sem quaisquer propósitos, interesses ou objetivos que a interação em si mesma, vivida em espécies de jogos, nos quais uma das regras implícitas seria atuar como se todos fossem iguais (Frúgoli Junior, 2007: 8)

O conceito foi reinterpretado pela Escola de Chicago, que abordou a cidade como laboratório para análise das mudanças sociais e compreendeu a sociabilidade como “uma consideração dos modos, padrões e formas de relacionamento social concreto em contextos ou círculos de interação e convívio social”. Ao longo do século XX, a noção de sociabilidade passou a agasalhar usos e significados mais abrangentes, referindo-se a relações cotidianas ou familiares, costumes, festas, rituais e encontros, cujas formas remetem à ações recíprocas.

A cidade, um mosaico de pequenos mundos composto de conexões e cruzamentos, é o lugar onde se pode perceber as “formas de sociabilidade enquanto possibilidades de construção temporária do próprio social entre estranhos ou atores sociais de condições diversas, em que a interação em si constituiria o principal intuito” (Frúgoli Junior, 2007: 24). Flagra-se a emergência de usos, arranjos e procedimentos marcados pelo aspecto episódico e fugidio das formas de sociabilidade, capta-se “um conjunto conectado de atividades e cenas urbanas capazes de revelar pequenas unidades sociais integrantes da estrutura urbana mais abrangente”, ou seja, encontros que fazem com que os vínculos sociais ganhem consistência a partir de seus significados socialmente partilhados. A cidade aparece, portanto, como lugar estratégico para uma reflexão sobre a cultura em termos de organização da diversidade.

As relações entre o lugar e o cotidiano, na cidade, revelam os usos contrastados do mesmo espaço, de acordo com as diferentes perspectivas que se abrem para os diversos atores. A observação do cotidiano é uma possibilidade de aproximação aos novos significados do lugar, uma vez que “a análise da vida cotidiana envolve concepções e apreciações na escala da experiência social em geral” (Lefebvre apud Santos, 2008: 316).

Os valores são construídos e reconstruídos através de um processo incessante de interação. Comunicar, pôr em comum, resulta de negociações sociais que envolvem inúmeras

interpretações das situações existentes, preocupações pragmáticas e valores simbólicos, bem como pontos de vista mais ou menos compartilhados: “O mundo ganha sentido por ser esse objeto comum, alcançado através das relações de reciprocidade que, ao mesmo tempo, produzem a alteridade e a comunicação” (Santos, 2008: 316, 317).

As relações de sociabilidade são mais intensas na proporção direta da proximidade entre as pessoas envolvidas. Proximidade, aqui, relaciona-se à “contiguidade física entre pessoas numa mesma extensão, num mesmo conjunto de pontos contínuos, vivendo com a intensidade de suas inter-relações” (Santos, 2008: 318). Em si, as coisas ou eventos não tem significados intrínsecos ou fixos, pois este somente emerge a partir de interações.

CAPÍTULO 3

..... *a casa diante do mundo*

3.1. ABRIGO DE CASA

O que faz uma casa emergir como casa? Qual é o traço específico do habitar? A noção mais imediata está ligada à função de abrigo: a casa é o lugar onde se deve estar protegido, reduto onde os valores de recolhimento são constituídos, onde as imagens de resguardo são construídas. A casa é o espaço do habitar – espaço este que, manifestando-se como espacialidade, caracteriza o habitar a partir do estabelecimento de vínculos e de interações comunicativas.

Numa primeira aproximação com as ideias relacionadas ao habitar, a filosofia possibilita uma extensão etimológica interessante, a partir de M. Heidegger. O filósofo alemão se utiliza da filologia como vereda de acesso, ou seja, como procedimento metodológico preparatório para a filosofia - uma vez que Heidegger, assim como Nietzsche, acreditava que a história de um conceito e as dobras de sentido de uma noção são condições elementares para a apreensão adequada do significado de algo. O que a princípio pode parecer uma referência desconectada do contexto em questão, justifica-se agora como ponto de partida da argumentação e, posteriormente, como base de sua própria complementação.

Em seu artigo *Construir, habitar, pensar* (in: *Ensaio e conferências*, 2001), Heidegger reflete sobre o habitar a partir de sua etimologia, bem como de palavras relacionadas. O filósofo alemão possibilita ainda um horizonte de articulação e expansão do sentido do habitar, quando permite encadeamentos com as idéias de outros pensadores, como os arquitetos N. Schulz e K. Leach (a partir da exposição das noções de identificação, orientação e pertencimento do homem em relação ao espaço que habita, e o surgimento e permanência ou desaparecimento de vínculos relacionados a determinados valores).

No contexto filosófico em que se insere, Heidegger¹ traz consigo uma crítica ao horizonte de sentido da filosofia ocidental, bem como uma prestação de contas com a cultura ocidental, na medida em que compreende o habitar como especificamente humano. Sua crítica se constrói a partir de um novo referencial, contrário ao paradigma onto-teológico da tradição - e por trás do habitar encontra-se o problema da relação entre ser e tempo (que era verdade a-histórica em Platão, mas que para Heidegger se constitui e se realiza na história).

Para o filósofo alemão, o ser humano é fundamentalmente linguagem (compreendida como tudo que é apreendido por meio de signos): é neste ente onde o ser habita. A linguagem, no entanto, pode esconder ou revelar o ser e, para Heidegger, esta revelação se dá através da poesia².

Heidegger, no texto “... poeticamente o homem habita...” (in: *Ensaios e conferências*, 2001), parte de um poema de Hölderlin para compreender de que maneira relacionam-se o habitar e o poético:

*Cheio de mérito, mas poeticamente, o homem
Habita nesta terra.*

Para o filósofo alemão, “é a poesia que permite ao habitar ser um habitar. Poesia é deixar-habitar, em sentido próprio. Mas como encontramos habitação? Mediante um construir. Entendida como deixar-habitar, poesia é um construir” (idem: 167).

Os méritos do homem não contam muito se ele é incapaz de habitar poeticamente, isto é, de habitar no verdadeiro sentido da palavra. “A poesia não voa acima e sobrepuja a

30. Para E. Stein (1990, 12), Heidegger inaugura a filosofia do século XX (com a obra *Ser e Tempo* – 1927), juntamente com L. Wittgenstein (*Tractatus Logico-philosophicus* -1921) e Lukács (*História e consciência de classes* -1923). Foi a partir de tais obras que nasceu grande parte dos impulsos da filosofia europeia posterior.

Stein afirma que, nas seis teses centrais de *Ser e Tempo*, o filósofo alemão inicialmente coloca 1.) a questão da ontologia fundamental, ou seja, o sentido do ser; estabelece a distinção entre ser e ente (diferença ontológica); pretende superar a ontologia do ente puramente subsistente; e utiliza a fenomenologia hermenêutica como método, cujos enunciados pretendem validade transcendental.

Tal questão só pode ser esclarecida a partir do único ente que compreende ser: o 2.) *Dasein* (estar-aí). O estar-aí, por sua vez, é 3.) *ser-no-mundo* (Heidegger faz aqui a análise - do ponto de vista lingüístico, bem como filosófico-existencial -, das partes componentes da expressão *ser-no-mundo*). A situação de *ser-no-mundo* é a situação do 4.) *cuidado* (*Sorge*). O cuidado manifesta uma forma especificamente 5.) *temporal* (*zeitlich*). E a temporalidade do cuidado é 6.) *temporalidade ecstática* que se distingue do tempo linear, objetivado.

31. A preocupação com a poesia, como instância de “fundamento” ontológico, é algo tardio na filosofia de Heidegger. Os textos da obra *Ensaios e conferências* inserem-se neste contexto.

terra a fim de escapar dela e de pairar sobre ela. A poesia é o que primeiro traz o homem para a terra, fazendo-o pertencer a ela, e assim trazendo-o à morada”. Somente a poesia, em todas as suas formas, dá sentido à vida humana...

A filosofia, por sua vez, deve tentar retirar de cima de um termo suas camadas de sedimentação. Heidegger, na sua investigação sobre o habitar e suas relações com o construir³², questiona: O que é *habitar*? Em que medida pertence ao habitar um *construir*?

A palavra habitar, para o filósofo alemão, refere-se às relações entre homem e lugar. Lugar, aqui, é compreendido como algo mais do que uma localização abstrata: é uma totalidade constituída de coisas concretas que possuem substância material, forma, textura e cor. Juntas, essas coisas determinam uma “qualidade ambiental”, que é a essência do lugar.

Lugar é também aquilo que constitui o ser do homem, já que este, enquanto *ser-no-mundo*, distingue-se do restante dos seres pelo fato de não ser instrumento - dado à mão, como os objetos -, e não ser apenas animal, já que dotado de uma pré-compreensão acerca do sentido do habitar (existir em um meio que é circundante -*Umwelt* -, desde sempre aberto à constituição de sentido). As cidades e as casas, portanto, consistem em uma multiplicidade de lugares. Tal questão teria sido tratada, pela tradição, de maneira excessivamente abstrata, ou seja, considerando-se o *ter lugar* como apenas quantitativo e funcional, com implicações que se referem ao dimensionamento e à distribuição espacial - desconsiderando o lugar como um aqui concreto, com sua identidade particular. Funções como dormir e comer se dão de diferentes maneiras e requerem lugares que possuem propriedades diversas, de acordo com diferentes tradições culturais e as diferentes condições ambientais.

O lugar conjuga, ao mesmo tempo, características locais e globais. Santos afirma que “cada lugar é, a sua maneira, o mundo. (...) Mas, também, cada lugar, irrecusavelmente imerso numa comunhão com o mundo, torna-se exponencialmente diferente dos demais. A uma maior globalidade, corresponde uma maior individualidade” (Santos, 2008: 314). O local se opõe ao global, mas também se confunde com ele:

32. Construir entendido não como teorias ou regras relativas à construção, mas como uma recondução ao âmbito a que pertence aquilo que é.

No lugar – um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas e instituições – cooperação e conflito são a base da vida em comum. Porque cada qual exerce uma ação própria, a vida social se individualiza; e porque a contiguidade é criadora de comunhão, a política se territorializa, com o confronto entre a organização e espontaneidade. O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade (Santos, 2008: 322).

Lugar, portanto, significa mais que localização. Neste contexto, o propósito existencial do construir (da arquitetura) é fazer um sítio qualquer tornar-se um lugar, isto é, revelar os significados presentes de modo latente no ambiente dado.

De acordo com Norberg-Schulz (2006), cada lugar tem seu espírito, no sentido dado pelos romanos à noção de *genius loci*:

Na Roma antiga, acreditava-se que todo ser ‘independente’ possuía um *genius*, um espírito guardião. Esse espírito dá vida às pessoas e aos lugares, acompanha-os do nascimento à morte, e determina seu caráter ou essência. Até os deuses tinham seus *genius*, o que bem ilustra a natureza fundamental do conceito. O *genius* denota o que uma coisa é, ou o que ‘ela quer ser’ (2006: 454).

Os antigos reconheciam a importância de entrar em acordo com o *genius* da localidade onde viviam, pois sua sobrevivência dependia de uma boa relação com o lugar, tanto no sentido físico como no sentido psíquico.

Para Heidegger, habitar significa estar em paz num lugar protegido. É o fim que se impõe a todo construir, e a relação que se estabelece entre tais termos é uma relação de meios e fins.

O que diz então construir? O sentido das palavras envolvidas pode contribuir no esclarecimento desta questão. Em inglês, *dwell* (habitar) deriva do norueguês *dvelja* (residir ou permanecer). A palavra do antigo alto-alemão usada para dizer construir, *buan*, significa habitar; permanecer, morar. O alemão *wohnen* (morar, residir), por sua vez, relaciona-se

a *bleiben* (permanecer), e *sich aufhalten* (deter-se, ficar). *Wohnung* (habitação) vem de *das Gewohnte* (conhecido ou habitual). *Wohnen*, habitar, é o modo como os mortais são e estão sobre a terra.

Afirma Heidegger:

Bauen, *buan*, *bhu*, *beo* é, na verdade, a mesma palavra alemã *bin*, eu sou nas conjugações *ich bin*, *du bist*, eu sou, tu és, nas formas imperativas *bis*, *sei*, sê, sede. O que diz então: eu sou? A antiga palavra *bauen* (construir) a que pertence *bin*, sou, responde: *ich bin*, *du bist* (eu sou, tu és), significa: eu habito, tu habitas. A maneira como tu és e eu sou, o modo segundo o qual somos homens sobre essa terra é o *Buan*, o habitar. Ser homem diz: ser como um mortal sobre essa terra. Diz: habitar. A antiga palavra *bauen* (construir) diz que o homem é à medida que habita. A palavra *bauen* (construir) significa ao mesmo tempo: proteger e cultivar (...) Ambos os modos de construir – construir como cultivar, em latim, *colere*, cultura, e construir como edificar construções – *aedificare* – estão contidos no sentido próprio de *bauen*, isto é, no habitar. No sentido de habitar, ou seja, no sentido de ser e estar sobre a terra, construir permanece, para a experiência cotidiana do homem, aquilo que desde sempre é, como a linguagem diz de forma tão bela, ‘habitual’ (2001: 127).

Relacionado às inúmeras maneiras de habitar e das atividades de cultivo e edificação, acontece, portanto, um construir. Não é porque habitamos que construímos, e sim o contrário: construímos à medida que habitamos, “à medida que somos como aqueles que habitam” (idem, 128). Heidegger busca na linguagem o que seria o “vigor essencial do habitar” – o permanecer, o de-morar-se. O filósofo continua sua análise etimológica, e através de palavras em saxão antigo e gótico, através do livre e da liberdade, chega à essência do habitar:

Habitar, ser trazido à paz de um abrigo, diz: permanecer pacificado na liberdade de um pertencimento, resguardar cada coisa em sua essência. O traço fundamental do habitar é esse resguardo. O resguardo perpassa o habitar em toda a sua amplitude. Mostra-se tão logo nos dispomos a pensar que ser homem consiste em habitar e, isso, no sentido de um de-morar-se dos mortais sobre essa terra (ibidem: 129).

Na relação entre o homem e seu ambiente surge, para Heidegger, o problema do ato de reunir. Fenômeno concreto, reunir significa que o mundo da vida tornou-se *gewohnt* ou

habitual; habitar significa, aqui, reunir, juntar, o mundo como uma construção concreta, ou uma “coisa”. O homem, portanto, habita quando é capaz de concretizar o mundo em construções e coisas. Isto, no entanto, não é suficiente: a arquitetura começa a existir somente quando faz visível todo um ambiente, ou seja, quando concretiza o *genius loci* de um determinado local, transformando-o em lugar. Isso acontece por meio das construções que reúnem as propriedades do lugar e as aproximam do homem - logo, o ato fundamental da arquitetura seria compreender a “vocação” do lugar: “Pertencer a um lugar quer dizer ter uma base de apoio existencial em um sentido cotidiano concreto”.

3.2. IMAGENS DE CASA

Casa-concha, casa-ninho, casa-casa

Há inúmeras imagens que sustentam as noções primordiais da casa como espaço de acolhimento, de refúgio e proteção, tanto de ameaças externas como dos fantasmas da alma. Devido a essa caracterização, a casa sempre faz surgir, em um tempo ou outro, o sentimento de identificação e pertencimento a um lugar, possibilitado pelas relações de troca entre o homem e o espaço em que habita. Casa é aconchego, intimidade compartilhada, resguardo. É, portanto, o lugar da comunicação.

Bachelard (2000) pode nos ajudar a esclarecer, a partir de suas imagens poéticas, por que a casa traz consigo estas noções. Imagem, para o autor francês, não consiste em um objeto ou um substituto do objeto, mas em uma realidade específica: imagem que “emerge na consciência como produto direto do coração, da alma, do ser do homem tomado em sua realidade” (idem: 2), ou seja, “obra da pura imaginação absoluta” (ibidem: 88)⁴.

A partir da poesia (que permite o acesso ao “fundo poético do espaço da casa” - ibidem: 25), Bachelard estuda as imagens dos espaços vividos - que vão muito além de suas de-

33. Bachelard trabalha com alguns dualismos – como pensamento e imaginação, pensamento e ação, percepção e imaginação -, e aqui, a partir das ciências cognitivas, há uma tendência a questionar tais delimitações. No entanto, como esta discussão não é o foco da pesquisa, fazem-se as ressalvas e tenta-se buscar no autor francês a significação das imagens apresentadas e os valores a elas agregados, noções de maior relevância para o trabalho.

finições dimensionais ou de materiais utilizados, pois são espaços afetivos, felizes e amados, espaços de posse, de proteção e de intimidade -, e os valores de tais imagens.

As imagens poéticas precisam de uma fenomenologia da imaginação para ser compreendidas. Uma vez que são breves e absolutamente presentes (é preciso estar “presente à imagem no minuto da imagem – *ibidem*: 1), é tarefa da fenomenologia apreender o efêmero, orientada pela própria brevidade da imagem. A estratégia metodológica adotada por Bachelard é a discussão de uma tese baseada em um exemplo da poética concreta e, pela novidade da imagem do poeta, a repercussão se dá acima ou à margem do que ele chama de “certezas racionais”, que se contrapõem à imaginação e ao devaneio onírico.

A casa, “nosso canto no mundo”, “nosso primeiro universo”, é vivida em toda sua realidade. É o espaço de integração entre ações, pensamentos, sonhos e lembranças do homem. Abriga-o não apenas dos perigos físicos, mas acolhe o devaneio e o sonho, em um estado de paz. A casa surge, aqui, como “um corpo de imagens que dão ao homem razões ou ilusões de estabilidade” (*ibidem*: 36).

As imagens de refúgio da casa - seja ela a casa natal, a casa onírica ou a casa atual -, abrangem desde gavetas, cofres e armários, a cantos e redutos, propícios ao “encolhimento” (“Só habita com intensidade aquele que soube se encolher” – *ibidem*: 21) e ao recolhimento, sendo portanto, bastante significativa. A casa como uma concha, como um ninho – imagens com as quais o autor acredita ilustrar, sob formas elementares e, talvez exageradamente imaginadas, a função de habitar.

O refúgio protetor que se transforma em reduto tem seus valores de proteção e de resistência transpostos, de acordo com Bachelard, em valores humanos, logo que encaramos a casa como espaço de conforto, que deve defender e condensar a intimidade. “A intimidade tem necessidade do âmago de um ninho”... (*ibidem*: 79)

Retirar-se, encolher-se, esconder-se, entocar-se. Verbos que exprimem os movimentos do retiro. Na casa-concha, que cresce na proporção em que cresce o corpo que a habita, encontra-se a dialética do pequeno e do grande, do ser livre e do ser acorrentado; do ser oculto e do manifesto, do plácido e do ofensivo, do fraco e do vigoroso. Imagens comandadas pelo valor de repouso.

O espaço do habitar é sujeito do verbo desdobrar-se, do verbo crescer. “quando um espaço é um valor – e haverá maior valor que a intimidade? – ele cresce” (ibidem: 206). O espaço vivido, portanto, não é apenas um espaço afetivo; é um espaço poético, que adquire valores de expansão.

Estas imagens, relacionadas a uma intimidade protegida, exigem que se supere as descrições iniciais para “encontrar a concha inicial em toda moradia” (ibidem: 24). Esta seria a tarefa do fenomenólogo de Bachelard: desvelar a essência do habitar e encontrar as motivações de apego a um determinado lugar, a partir do modo de habitar, do enraizamento diário, ou seja, das ações aí engendradas – uma vez que, são as atividades do habitar, os cuidados domésticos, que tecem, sustentam ou desfazem os vínculos.

3.3. COTIDIANO

Cotidiano; coçar o que não sabíamos da existência; o sorrir por palavras, idéias, tristezas; as preocupações que sempre tomamos como imediatas, insolúveis, importantes, como se do sol restassem apenas obrigações. Viver ouvindo, cotidianamente, o que não queremos ver; todas as mais puras e absolutas, diminutas sensações. Quando do simples dormir dos pés, o mais completo sentimento de se estar vivo.
(GALVÃO, Bruno)

Tais atividades, cuidados, movimentações – tomam corpo no espaço doméstico, no espaço de casa (são manifestações, espacialidades do habitar), e no tempo do dia-a-dia (na temporalidade do cotidiano). É a partir delas que os vínculos engendrados no espaço privado se fortalecem - constituindo relações de orientação, identificação e pertencimento entre o homem e o lugar -, e se expandem para o espaço público.

Ao habitar, o homem encontra-se simultaneamente localizado no espaço (organização tridimensional dos elementos que formam um lugar) e exposto a um determinado caráter ambiental (a “atmosfera geral”, que é a propriedade mais abrangente de um lugar). De acordo com Norberg-Schulz, a orientação e a identificação são duas funções psicológicas que estão implicadas nessa condição: “Para conquistar uma base de apoio existencial, o homem deve ser capaz de orientar-se, de saber onde está. Mas ele também

tem de identificar-se com o ambiente, isto é, tem de saber como está em determinado lugar” (2006: 455).

O problema da orientação tem recebido considerável atenção por parte da literatura teórica recente sobre planejamento e arquitetura (o autor cita, por exemplo, K. Lynch: “Ter uma boa imagem ambiental confere ao indivíduo uma importante sensação de segurança emocional”). Todas as culturas, portanto, criaram “sistemas de orientação”, ou seja, estruturas espaciais que facilitam o desenvolvimento de uma boa imagem ambiental. Quando o sistema é frágil, a pessoa tem dificuldade de formar aquela imagem e se sente perdida: “O medo de se perder decorre da necessidade característica do organismo vivo de orientar-se em seu entorno”. Assim como para Heidegger, que encontra o traço fundamental do habitar no resguardo, no abrigo, no livre pertencimento, Norberg-Schulz afirma que o “Estar perdido é o oposto do sentimento de segurança que distingue o habitar”.

Além da orientação, habitar pressupõe, antes de tudo, uma identificação com o ambiente - uma pessoa é capaz de orientar-se bem, sem, no entanto, sentir-se profundamente identificada. Por outro lado, é possível sentir-se em casa sem conhecer a fundo a estrutura espacial do lugar, isto é, o lugar é percebido por ter um caráter genericamente agradável.

O arquiteto ressalta que, nas sociedades modernas, a ênfase é dada na função “prática” da orientação, enquanto a identificação encontra-se em segundo plano. Decorre daí que a relação “amistosa” do homem com o ambiente (vivido como portador de um significado), limita-se a relações fragmentárias.

Identificação e orientação aparecem, portanto, como aspectos fundamentais do estar-no-mundo do homem. Enquanto a orientação é a função que torna o homem capaz de ser um peregrino (o que faz parte de sua natureza), a identificação é a base do sentimento do pertencer. Esta necessidade de pertencimento - que de acordo com N. Leach é inerente ao ser humano (Leach: 2006), faz com que eventualmente qualquer espaço se torne familiar, por mais alienante que ele possa parecer, ou efetivamente o seja.

Essa “compulsão para retornar ao familiar”, essa urgência em se “sentir em casa”, faz com que, numa situação em que nada de familiar é encontrado, recorra-se a uma familiarização daquilo que ainda é não-familiar. O sujeito passa a perceber-se refletido naquele

espaço, e esse processo é adaptativo e contínuo. Nelson Mandela (2006: 5), após sair da prisão, construiu para si uma habitação que era uma réplica do lugar onde ele estivera preso em Paarl, na África do Sul. Como resultado de um processo de adaptação ocorrido enquanto estava preso, ele passou a constituir sua identidade também a partir daquilo que a prisão significava para ele, ou mesmo do quanto aquele lugar fazia parte dele.

Tal fenômeno não se relaciona apenas a estímulos visuais. Cheiros, toques e sons, de acordo com Leach, podem ser mais evocativos que a aparência. Da mesma forma, a noção de “casa” não se refere apenas aos seus aspectos físicos, mas inclui questões de movimento e práticas espaciais, ou seja, a casa pode ser constituída a partir de ações familiares. A casa, e as ações aí engendradas, estão intimamente relacionadas ao processo de identificação que ocorre entre o homem e o ambiente.

Este processo ocorre em dois sentidos: tanto crescemos e nos tornamos parte do nosso ambiente, como este se torna parte de nós. A arquitetura, dentro desse contexto, parece ser (assim como outras formas de representação também presentes no campo da estética – moda, arte, cinema, todas as formas de design e criatividade) de vital importância no processo de construção das identificações pessoais. Tanto pode facilitar o processo de adaptação com o entorno, como oferecer um mecanismo de engajamento como o mundo que supera o sentimento de alienação, ou seja, pode fornecer uma forma de conexão, uma mediação entre indivíduos e o ambiente, contribuindo assim para o senso de pertencimento.

J. Butler, teórica engajada nas pesquisas de gênero, afirma que a língua constrói realidades (como a noção de gênero) que são configuradas através de representações, de hábitos e do próprio corpo. A autora questiona a inserção de significados em estruturas fixas, já que aqueles devem ser concebidos numa dimensão temporal e histórica - portanto, mutável.

Em sua teoria da performatividade, Butler afirma que os significados são construídos através da “repetição estilizada do corpo, um conjunto de atos repetidos em um marco estritamente regulador que vai se sedimentando ao longo do tempo para produzir a aparência e a sensação de algo natural, permanente” (1990: 33). De maneira semelhante, a identificação com o lugar poderia ser desenvolvida a partir da repetição de determinados gestos. A repetição é indispensável ao pertencimento, pois leva à normalização e conseqüente familiarização. Os rituais são naturalizados através dos atos de memória corporais, e os espaços onde esse processo se dá passam a ser espaços de pertencimento para aqueles que se encontram envolvidos.

Para Butler, o pertencimento surge como produto de performatividades (ações repetidas), o que permite a percepção da identidade de uma maneira mais fluida e dinâmica do que nas abordagens tradicionais. A significação do ambiente⁵ se constrói através de comportamentos individuais ou coletivos.

Assim como acontece com a arquitetura, os objetos, em si, não significam. Constituem-se como signos, ou seja, como elementos que representam a especificidade de algo (objetos, pessoas, relações) – e revelam alguma faceta dominante, a partir de um processo de semiose -, quando se encontram em relação, com outros objetos, para alguém, em um tempo específico e em um espaço determinado.

Na casa, identificar-se e sentir-se pertencendo, envolve ações, homens e coisas. As casas de Icapuí foram, em sua maioria, construídas pelos mestres (que executavam o trabalho em madeira – estrutura, cobertura e esquadrias), e pela família que, com a ajuda de amigos ou vizinhos, trabalhavam em mutirão e realizavam o fechamento da taipa. As casas mais antigas encontram-se geralmente em pior estado de conservação (tem mais de cem anos e algumas não são mais habitadas); entre as casas mais novas (de aproximadamente 50 ou 60 anos), algumas se destacam pelo cuidado com que vem sendo mantidas: estão sempre pintadas, limpas e arrumadas, e há vida, há gente convivendo. Isto geralmente ocorre em casas que, ainda hoje, são habitadas pela mesma família que as construiu. Os exemplares em pior estado são geralmente alugados por uma família que não tem vínculos tão fortes; e há ainda casos em que, apesar de ser habitada pela família de origem, a casa necessita de muitos cuidados. Aqui estão envolvidos fatores de diversas ordens, como a dificuldade de manutenção da taipa (que exige tratamento contra insetos nas madeiras, retoques nas paredes – com o tempo podem se desprender pedaços de barro -, e cuidados com a umidade), o baixo nível de renda de alguns moradores (o que faz com que as medidas preventivas sejam adiadas e envolvam maiores custos posteriores), e a visão de que a posse de uma casa de tijolos é símbolo de maior *status* do que morar em uma casa de taipa.

Para Icapuí, ter uma “casa de taipa”, ou uma casa de barro, em um primeiro momento, denota menor poder aquisitivo. Grande parte daqueles que se desfizeram das suas casas de taipa construíram novas de alvenaria. Em alguns casos, o desenho se manteve (de-

34. Ambiente, aqui, não é compreendido apenas como o local; é a rede de informações. O que acontece num determinado lugar são as ações, assim como as pessoas.

nunciando sua força como elemento de identificação do homem com o lugar, como traço representativo do pertencimento àquela cidade), e a alteração do material foi justificada pela falta de praticidade da taipa (dificuldade de manutenção, custo elevado dos reparos) - mas, principalmente, pela crença de que, quando se é capaz, financeiramente, de substituir a taipa pelos tijolos, ocorreu um avanço material e existencial na vida daquele morador, ou seja, ele se encontra agora em outro patamar social, acima daquele que ainda mora na taipa. Além disso, para o senso comum, casa de taipa significa casa mal acabada, cheia de buracos, abrigo de insetos e símbolo de uma vida desprestigiada.

Há, por outro lado, conforme citado acima, situações opostas a esta – é quando se tem orgulho da casa, não só por ela ser a casa de alguém, mas também por ser de taipa. Saber que alguém da família participou ativamente da construção, construindo e expandindo afetos, exacerba os vínculos; além disso, os moradores afirmam que a taipa é mais segura (“não tem quem derrube uma parede destas”) e que a casa é indiscutivelmente mais agradável (não esquenta e nem esfria exageradamente). Parece, aqui, que as características de ninho, de conforto e de aconchego são potencializadas pelas características físicas dos materiais que, aliados às características tipológicas e de usos, constituem a casa onírica - mas no mundo real.



164 - 167. Diferentes estados de conservação - casas de taipa alpendradas



Este reconhecimento de valor que já existe, em Icapuí, pode vir também de fora, pelo olhar estrangeiro. O encanto e o estranhamento surpreendem aqueles que não os tem e reafirmam o orgulho de quem já reconhecia a diferença. O vindo de fora, dependendo de onde vem, já agrega valor de saída; a pretensa superioridade de um saber legitimado em instâncias alheias ao cotidiano de Icapuí parece certificar a importância de tal valor: as casas de taipa alpendradas, de tipologia arquitetônica bem definida, detalhes bem resolvidos funcional e tecnicamente, são signos de uma sociabilidade urbana onde um aparente fechamento voltado para dentro, para o resguardo dos valores do habitar, expande-se para o exterior através das esquadrias sempre abertas, da grande quantidade de portas e da presença do alpendre, elemento de diluição do privado no público – ou do público no privado, de acordo com o lugar a partir do qual se olha. A casa – sua arquitetura, seus objetos, seus humores, movimentos e ações, seu tempo e espaço – constitui-se como mediação, como aquilo que está entre, e possibilita o processo de semiose, de ação transformadora e de troca entre os elementos envolvidos.

Quanto às relações entre as alterações tipológicas verificadas e as modificações na sociabilidade urbana, não é possível afirmar o que é causa ou o que é reflexo, já que as transformações são contínuas e ocorrem em duas mãos. A influência ininterrupta dos elementos entre si faz com que não se deva, aqui, referenciar os fatores numa relação de causa e consequência. É explícito, porém, que as alterações realizadas nas casas são geralmente as mesmas: construção de banheiro em alvenaria (apenas um, situado na parte dos fundos, próximo à cozinha e despensa – ou seja, de uso comum a todos os moradores e sem localização próxima aos quartos -, e constituído apenas do mínimo necessário à sua utilização – vaso com descarga exposta, pia com cuba de pé, chuveiro sem ligação elétrica; além disso, utiliza-se





170. Alterações tipológicas - cozinha em alvenaria



171. Banheiro externo



172. Anexo - fundos



173. Banheiro externo

materiais simples e as soluções de ventilação e iluminação naturais nem sempre são satisfatórias, já que os banheiros são escuros e por vezes não tem janelas); construção de um anexo nos fundos da casa, próximo à cozinha (que tem o pé-direito mais baixo), onde são lavadas as roupas e as louças em uma grande pia (geralmente sobre uma bancada), bem como são preparadas refeições no fogão a lenha (é o lugar onde se permanece a maior parte das manhãs); fechamento parcial de algumas portas internas (principalmente as que interligam a sala da televisão e o quarto situado ao lado, também na parte da frente da casa) com móveis (estantes) ou cortinas de tecido.

Tais alterações denunciam a existência de soluções adaptativas – a tipologia sofre modificações que se relacionam com alterações na sociabilidade urbana e vice-versa. Não existiam banheiros nas casas quando estas foram construídas, pois os terrenos eram gran-

des, havia um quintal extenso e não havia o costume de se construir o banheiro dentro de casa. Quando existia algum espaço destinado a este fim, era uma área cercada com palha, sem equipamentos, apenas com um buraco no chão. Os índios também não se utilizavam de banheiros: os banhos eram exteriores (em rios, lagos e córregos) e coletivos. O banheiro migrou para o interior, em Icapuí, há aproximadamente 40 anos.

O anexo dos fundos, por sua vez, é lugar que engendra grande parte dos vínculos do espaço privado. Construção simples, de pequenas dimensões e composta de pilares de madeira ou alvenaria e cobertura de telhas de barro em uma ou duas águas, constitui-se como um lugar de encontro. Aberto e iluminado, contrasta com a cozinha, geralmente escura e estreita. Preparar refeições, cuidar dos animais, conversar enquanto se trabalha ou descansar à sombra, ao vento, no fora que é privado e resguardado, são acontecimentos de casa que fortalecem os laços, sustentam as rotinas e caracterizam o cotidiano. Não há casa que não o tenha, e cujo uso não seja mais efetivo do que o das cozinhas na realização das tarefas diárias e do compartilhamento familiar.

Icapuí, lugar de passagem, fez surgir casas sem corredores. Os ambientes se seguem e continuam uns nos outros, já que se encontram, desde a construção das casas, interligados por portas. A porta, signo e elo entre os dois mundos, elemento de ligação entre os dois domínios, barreira e acesso, traz ainda a dialética do aberto e do fechado, proporcionando o surgimento das imagens da hesitação, da tentação, do desejo, da segurança, da livre acolhida, do respeito. As janelas, por sua vez, possibilitam acolhimento do calor durante todo o ano: “Há casas claras onde em todas as estações do ano mora o verão. São feitas só de janelas” (Bachelard, 2000: 65).

As portas das casas alpendradas de Icapuí são sempre divididas em duas partes, seja na horizontal (duas folhas cegas de madeira, uma abaixo e uma acima, geralmente nas portas externas – a de cima permanece aberta durante o dia), ou na vertical (uma folha de cada lado, principalmente nas portas internas, situadas entre salas e quartos). Há ainda, em algumas casas, enormes vãos que interligam as salas, principalmente a sala da televisão e a sala de refeições. Percebe-se que, em grande parte dos casos, algumas portas internas são parcialmente fechadas (se não se constituem como uma barreira visual absoluta, funcionam como barreiras físicas, já que impedem a passagem, subvertendo o caráter de ser porta). A integração entre todos os ambientes (reforçada pela ausência de forro e pela altura limitada das paredes e a grande

altura das empenas) - tenha ela sido intencionalmente elaborada ou reflexo de uma primeira atitude desinteressada e posteriormente repetida sem questionamentos -, parece não mais responder satisfatoriamente à noção de privacidade vigente. Ou simplesmente perdeu sua função original e deixou de se constituir como elemento de ligação.

Na casa de Rita, no entanto, as portas internas (exceto a do banheiro) foram substituídas por cortinas de chita, que permanecem a maior parte do tempo amarradas com um nó, ou seja, “abertas”. Para a dona da casa, a chita é mais bonita e as portas não tem razão de existir, já que nunca eram fechadas.

Além de tais alterações, é freqüente ainda a substituição de peças de madeira estragadas pela ação de insetos e pela umidade (principalmente na cobertura), reposição de telhas, modificações no pé-direito da cozinha e substituição do piso original de cimento queimado por peças de cerâmica.



174. Portas de chita

3.4. A CASA VIVA

Um corpo deve ser definido pelo conjunto das relações que o compõem, ou, o que dá exatamente no mesmo, pelo seu poder de ser afetado.

(SPINOZA, Baruch)

Pois o que interessa é o bom encontro.

A casa é viva. O espaço doméstico alimenta-se de ações cotidianas, por sua vez influenciadas pelas imagens que temos da casa que habitamos - ontem, hoje ou amanhã. E assim sucessivamente. Trocas contínuas de mão dupla.

As referências se espalham, estendem-se e buscam indícios na filosofia, na arquitetura, na comunicação. A intenção de flagrar a casa viva parece exigir essa multiplicidade de olhares, ou talvez apenas um, mas que prescindia do exclusivamente visual e se constitua também como um olhar háptico, acústico e de paladar aguçado, capaz de flagrar, nos encontros cotidianos, aquilo que faz uma casa emergir como casa.

Encontros com pessoas, sons, brisas, idéias. Encontros da ordem da afetação, da conexão, da composição. Encontros que compõem ou decompõem. Encontros da ordem do ordinário, do dia-a-dia, do quintal de casa e da porta da rua. Encontros que se dão na cidade, e que tiram a arquitetura da cômoda situação de ser apenas acúmulo de materiais com dimensões definidas, ou conjunto de elementos que pede somente uma descrição descompromissada para ser esgotado, um amontoado inerte e quase morto.

Porque a arquitetura também pulsa. Para Guattari, arquitetura é máquina, não como queria Corbusier, para quem a casa deveria funcionar perfeitamente conforme o planejado, suas pecinhas compondo a engrenagem e trabalhando cada uma de acordo com a função preestabelecida pelo grande arquiteto responsável; a máquina de Guattari vai além das estruturas visíveis e funcionais, pois está continuamente produzindo sentido, sensações, e nos interpela ininterruptamente, de variadas maneiras (1994: 158).

A casa, portanto, constitui-se como casa quando misturada a outros elementos, considerados não espaciais; ou quando amplia o espaço (não mais entendido como vazio, como receptáculo passivo) e o transforma em espacialidade mediativa – como a espacialidade do

habitar. A casa (seus cheiros, sons, texturas e sabores), e as ações aí engendradas, seus personagens, seus objetos, seu tempo, os valores que sustenta – ou seja, a combinação de muitos elementos heterogêneos – produz um espaço singular. Um espaço de ações, práticas e acontecimentos cotidianos. Espaço que é produzido e que produz, na medida em que somos também influenciados por ele, principalmente por esse espaço mais próximo, ou seja, pelo espaço doméstico, o espaço da casa.

Não há, portanto, a casa absoluta. Ela existe como extensão do corpo do homem, a partir de seus modos pessoais de vivência. Acontece quando deixa de ser um conjunto disperso de elementos para ser o que é, ou seja, casa. Constitui-se nesta passagem, nesta transformação.

A casa é feita também de humores - altera-se com a chuva ou com o sol, com o frio ou o calor, com o movimento ou a quietude da rua, com um novo móvel, um novo hóspede. Não há uma casa igual a outra. Mesmo num mundo de movimento, afirma Santos, “a realidade e a noção de residência não se esvaem. O homem mora talvez menos, ou mora muito menos tempo, mas ele mora: mesmo que seja desempregado ou migrante” (Santos, 2008: 328). A casa, a moradia, por mais breve que seja, tem um enorme peso na produção do homem.

O cotidiano dessa casa viva, da casa povoada, é construído pelo encontro, pelo cruzamento banal e ordinário de pessoas, coisas, animais, histórias. Dada a imprevisibilidade dos encontros e de seus desdobramentos e, já que espacialidades são, por definição, efêmeras e momentâneas na sua simultaneidade - e não tem pretensão de eternidade -, o que se pode é tentar flagrar a emergência de espacialidades do habitar.

A partir da observação de um meio e de um modo de organizar tais elementos, que nem sempre se impõem com relevância imediata, pode-se desvelar, no espaço, as dobras de múltiplos sentidos que o transformam em espacialidade. O espaço deixa de ser apenas suporte e transforma-se em meio de comunicação, através da maneira como se constrói, se renova ou como organiza seus elementos, ou seja, através do modo como transmite e constrói mediações, evidenciando assim a transmissão do modo como se organiza a cultura que agencia.

Uma referência para a estratégia metodológica aparece com a montagem de Eisenstein e Benjamin. Instrumento para o conhecimento, orientado pela atenção ao modo de organizar códigos e linguagens, parece ser capaz de revelar a capacidade de transmissão do

espaço, quando nele se apreendem pequenos resíduos que nos levam a descobrir/inventar espacialidades. Há aqui a necessidade de um estranhamento perceptivo, ou seja, é preciso distanciar-se para superar a visualidade imediata da contemplação - já que o hábito condiciona o modo de ver -, para enxergar o volume e a profundidade que constroem espacialidades feitas de observações do cotidiano, e que desvelam o conhecimento que se esconde no espaço vivido. Como afirma Jacobs, “A maneira de decifrar o que ocorre no comportamento aparentemente misterioso e indomável das cidades é, em minha opinião, observar mais de perto, com o mínimo de expectativa possível, as cenas e os acontecimentos mais comuns, tentar entender o que significam e ver se surgem explicações entre eles” (Jacobs, 2003: 13).

Em Icapuí, as casas de taipa estudadas nesta pesquisa estão situadas ao longo da CE-261 e, devido à sua proximidade com a via, em alguns trechos não se tem calçadas. Entre o alpendre e a rua há geralmente menos de um metro – trecho às vezes sem pavimentação (composto de areia), ou em alguns casos é o próprio acostamento da via que chega até os alpendres. Para Jacobs, “A calçada por si só não é nada. É uma abstração. Ela só significa alguma coisa junto com os edifícios e os outros usos limítrofes a ela ou a calçadas próximas. Pode-se dizer o mesmo das ruas, no sentido de servirem a outros fins, além de suportar o trânsito sobre rodas em seu leito” (idem, 2003: 29). A distribuição linear das casas, aliada à limitação dos caminhos e às grandes distâncias, parece não favorecer os encontros: a movimentação de pessoas a pé é pequena, e a velocidade dos deslocamentos é grande, já que as bicicletas foram substituídas pelas motos.

Curiosa ambivalência dos ritmos: enquanto os alpendres consecutivos convidam à permanência, com sua área sombreada e cadeiras sempre à espera, a via asfaltada com seu movimento ininterrupto de motos, carros, algumas bicicletas e poucas carroças tem outro tempo de existência, o tempo que não se pode perder com paradas. E, simultaneamente, as casas se oferecem. Mas quem vem? E quando vem? A maior parte das casas é habitada por pessoas mais velhas (principalmente quando são casas próprias, passadas por membros da família ao longo dos anos), cuja rotina foi se consolidando no espaço privado. É onde a vida acontece: de acordo com as horas, é no quintal, na cozinha, nas salas, nos quartos onde se constroem e se fortalecem os vínculos.



175 - 177. Alpendres

O alpendre parece ser a instância mediativa entre o dentro e o fora – lugares que, apesar de bem caracterizados, tem suas fronteiras diluídas. Índice de acolhida, o alpendre se constitui como elemento de uma sociabilidade urbana que, naquele tempo e naquele espaço (não apenas em Icapuí, mas naquele pedaço de cidade, naquelas casas de taipa alpendradas), configura-se como uma sociabilidade expansiva do habitar.

Expansiva porque o habitar não se conforma apenas no dentro, apesar de ser aí engendrado. E os índices de sociabilidade dissolvem as ambigüidades, reforçando as ambivalências. As casas de Icapuí tem poucos e simples móveis, sem rebuscamentos ou excessos. Aliados aos objetos de casa – sua presença, suas características intrínsecas e sua distribuição espacial – explicitam sua relevância na constituição de uma espacialidade do habitar. A televisão, por exemplo, encontra-se sempre na primeira sala, rodeada pelo alpendre da frente e pelo lateral. Como portas e janelas estão quase sempre abertas, a televisão (índice do pri-



178 - 180. A televisão na sala de estar



181, 182. Fotos antigas - o tempo no espaço do estar

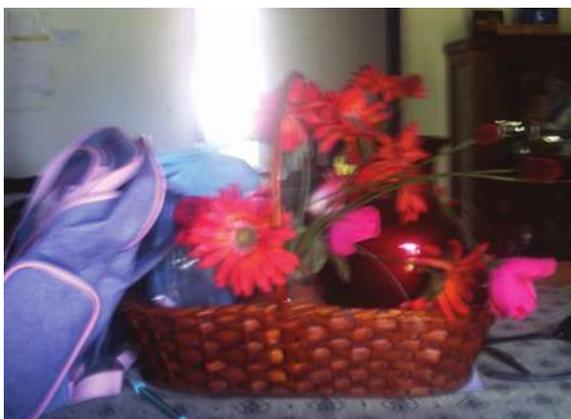
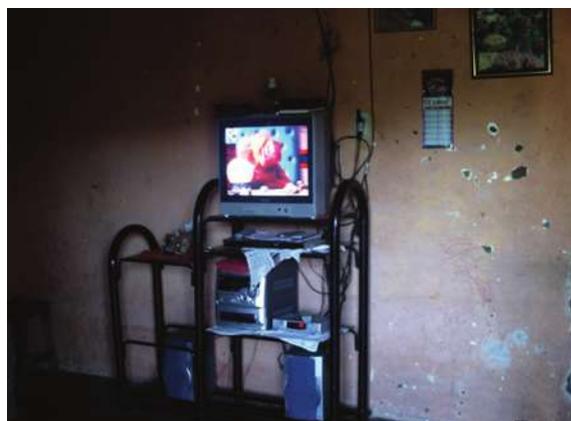
vado, do coletivo familiar, da reunião com objetivo de fuga dissimulada ou como compartilhamento a partir da discussão de temas comuns, que sairão de casa para se ampliar na rua) está dentro, mas é quase pública, já que se encontra ao alcance.

Sua posição é privilegiada: em grandes estantes ou pequenos móveis (“racks” de madeira), atrai as atenções para si. Jornais (notícias “de fora”), novelas, programas religiosos. Desenhos animados para as crianças. Para aqueles que não saem muito de casa, depois a conversa do entardecer no alpendre, o mundo chega, à noite, através da tela. De dia, é o preparar o almoço, é o café da tarde que trazem o exterior para o interior aberto, disponível e atencioso. Quem vem, fica e vai, traz e leva de volta, são pessoas da família que ainda moram em Icapuí (grande parte dos mais velhos tem familiares espalhados – em Aracati, em Fortaleza, em outros estados do país -, que vem geralmente em festas, feriados ou passam as férias), e vizinhos próximos. Da casa ao lado.

Para que possam permanecer, os vínculos se alimentam das repetições, da rotina, dos hábitos; e também por isto, não podem prescindir da memória. Nas salas de Icapuí, fotografias antigas, coloridas a mão, encontram-se penduradas nas paredes (acima das estantes onde fica a televisão) ou, nas situações em que se precisa de uma maior proximidade, permanecem não só ao alcance dos olhos, mas também das mãos: imagens de pessoas queridas que já se foram, ao lado de imagens de quem parece ainda esperar, em pequenos altares situados no lugar de maior visibilidade da casa, a primeira sala, a mais iluminada, mais próxima do fora e mais significativa do dentro – e que, quando relacionada aos afetos da memória, parece ser ainda mais presente para o passado do que os quartos; como se o resguardo da lembrança precisasse, para existir, para perdurar, não apenas da presença para aquele que sente a falta, mas como conhecimento desta falta para aqueles que não a tem.

O domínio do espaço pelos objetos se faz notar ainda quando se observa as fotografias feitas pelos moradores. Em vários momentos, o foco não está no ambiente, mas nos objetos que o compõem: há imagens da televisão ligada, do aparelho de som, da estante, de cadeiras e sofás, de enfeites, flores artificiais ou plantas no jardim. Para mostrar a casa, para explicitar o lugar onde se vive, importam os pedaços, o todo é identificado já pelas partes: os objetos do dia-a-dia, enquadrados na imagem fotográfica, parecem reforçar sua relevância, explicitam as relações que são construídas entre homens e coisas. A parte que faz parte de maneira efetiva do todo, que tem privilégio na distribuição espacial, que é lembrada quando se faz referência à casa, ao espaço do habitar. Objetos que, a partir de sua espacialidade e visibilidade, manifestam a comunicabilidade dos valores do habitar casas de taipa alpendradas em Icapuí.

A casa, aqui, vale pelos objetos que contem, que explicitam a osmose entre o homem e a casa povoada. Os objetos de casa são extensões do homem e aparecem como pontos de referência da cultura do lugar. Fazem parte da casa e representam o fora, ao mesmo tempo em que habitam o dentro.



Fragmentos justapostos, intercalados, encaixados e simultâneos, de maneira não linear, que só se fazem ver a partir da montagem que os organiza, parecem constituir o espaço vivido como um território (Deleuze, Guattari: 1995), onde se conjugam elementos heterogêneos atravessados por fluxos, que tendem sempre a desterritorializá-lo. Ou ainda como um platô (idem), um pedaço de imanência, constituído por matérias diferentes, retalhos de linguagem, de corpos, fluxos, imagens, sons, velocidades. Elementos heterogêneos de certa consistência, feitos de circunstâncias, e não um mero ajuntamento de coisas.

3.5. DILUIÇÃO DE FRONTEIRAS: privado e público, interior e exterior

Os vínculos se expandem, saem de casa, tomam a cidade. Retornam à casa, entrando pela porta da frente, pelas janelas ou ainda pela porta entreaberta da cozinha. Movimento contínuo de trocas não estabelecidas a partir de relações de causalidade, ou seja, não se sabe ao certo onde começam, do que decorrem, ou em que implicam. A casa, inserida no ambiente qualificado que é seu entorno, explicita portanto o habitar como um meio comunicativo, ou seja, como um vínculo que gera conseqüências comunicativas, produzindo um ambiente e um cotidiano com hábitos, valores e comportamentos específicos e intransferíveis.

O diálogo entre o interior e o exterior, ou seja, a casa e o mundo fora dela, quando vivida pela imaginação, possui inúmeros matizes, uma base de imagens que comandam pensamentos do positivo e do negativo. Afirma Bachelard que “Não se pode viver da mesma maneira os qualificativos ligados ao interior e ao exterior” (Bachelard, 2000: 219), ou seja, exterior e interior, tomados pela imaginação, não podem ser tomados com reciprocidade. O interior distingue-se, aqui, pela possibilidade de acolhimento, contraposta à insegurança exterior.

Há autores que diferenciam a noção de casa da noção de lar. A casa seria o objeto arquitetônico, construído com o fim de servir à função abrigo; com o habitar, a casa se transformaria em lar, corruptela de lareira – cujo fogo simboliza a reunião familiar. Há um paralelismo entre o conceito de alma que anima o corpo físico e o fogo, que anima o espírito da casa. Para Rino Levi, a casa é uma edificação vazia, construção onde falta o hábito vital. Para o seu desenho,

O homem quer ser considerado individualmente e não como parte da massa. O estudo de sua casa deve considerar as particularidades da sua vida e do seu ser. Os desenhos definirão os menores detalhes, com minúcia e precisão. A casa ligar-se-á ao terreno como se deve brotasse. Jardins e espaços livres serão parte integrante dela e merecerão os mesmos cuidados no estudo do projeto. Interior e exterior se fundirão e farão uma unidade (Levi, Rino. A casa. Conferência proferida em várias cidades, arquivo do arquiteto, 1954).

As imagens de oposição entre interior e exterior podem, portanto, não ser suficientes, ou mesmo adequadas, em alguns contextos. Tratar a casa sempre como o privado, o encerrado – o dentro -, e o exterior como o mundo, o público – o fora -, como se um não implicasse no outro, como se as duas instâncias fossem independentes e não se tocassem, como se a casa não estivesse no mundo, além de estabelecer juízos de valor (proteção desprovida de tensão interna x insegurança externa), exclui as necessárias e inevitáveis relações que se dão entre a casa, o homem e o lugar habitado (casa e entorno).

Por que não, portanto, tratar o interior e o exterior a partir de relações de complementaridade, e não de oposição? Os limites são tênues. O dentro vaza para o fora, o fora escorre para dentro. O atendimento às funções primeiras (proteção, abrigo, descanso, resguardo) parece não ser mais suficiente para definir a casa. As funções, os usos da casa, não mais preexistem ou são determinados, mas são móveis, transformáveis. “Parece que a construção de uma casa, se por um lado exige muito menos do que se imagina do ponto de vista material e até econômico, por outro lado se complexifica, do ponto de vista desse ser de sensação” (Brandão, 2002: 66). A casa, composta de matéria e de subjetividades, estabelece relações ora consigo mesma, ora com circunstâncias externas, onde são exploradas as potencialidades do meio, seja ele interior ou exterior.

O fora passa a ser o lugar do lúdico, do rítmico, dos jogos. A natureza entra pela casa, onde se dão processos sógnicos de aproximação e afastamento. O corpo, nos lugares de temperatura mais alta, tem a necessidade de estar fora... A ambivalência entre exterior e interior, portanto, é explícita nas casas de taipa alpendradas de Icapuí. Apesar de suas caracterizações inerentes, a casa e seu entorno, se não se confundem, dialogam ininterruptamente. Proximidade com a via, alpendres, portas e janelas sempre abertas, visão quase sem barreiras visuais da frente até os fundos da casa. Continuidade das relações também no interior: portas entre

os cômodos, ligações entre salas e quartos, paredes que não chegam até a cobertura, ausência de forro. Uma noção de espaço privado diferenciada da trazida pela burguesia.

O espaço da casa ocidental, compartimentado de acordo com suas funções, bem como a relevância da noção de privacidade, surgiram com a ascensão da burguesia: a casa deixa de ser um lugar de trabalho, diminui suas dimensões e torna-se menos pública. Deixa de ser apenas abrigo para se tornar um ambiente familiar (convívio entre os integrantes, domesticidade e conforto). A organização utilitária dos espaços determina, não apenas a função de um espaço, mas também restringe sua utilização a um grupo limitado de pessoas, caracterizando um modo de vida em um determinado segmento social, ou seja, ajuda a constituir uma estratificação social. Um modo de vida específico necessita de valores que o sustentem, e a arquitetura aparece conjugada a um modo de organização política e econômica dentro da sociedade.

A organização espacial das primeiras casas no Brasil (as casas indígenas) parece ter partido de uma flexibilidade espacial maior - onde as funções eram explícitas, embora não demarcadas espacialmente através de compartimentações estanques -, para uma especialização crescente dos espaços: o quarto de dormir, a sala de jantar, a sala da televisão (ou o home theater dos dias de hoje), a copa e a cozinha. Tais alterações na configuração espacial da casa são percebidas principalmente entre os ocidentais; no oriente, tem-se casas como as japonesas, onde as funções, ou seja, a utilização do espaço, é definida por objetos de uso doméstico: o tatame, o futon (acolchoado para dormir), o *ozen* (mesa baixa e dobrável), almofadas, biombos e painéis de papel arroz. De acordo com Okano (in Ferrara, 2007: 209), “Não há uma delimitação, nem uma função preestabelecida para o espaço privado na arquitetura residencial tradicional japonesa”.

Nas sociedades indígenas apresentadas por Sylvia Caiuby Novaes (1983), percebe-se que o ponto de referência para a elaboração de identidade de um determinado grupo não é a casa, tomada isoladamente, mas o espaço comunitário, ou ainda a própria aldeia. Nas culturas indígenas, a casa aparece, conforme citado por Rapoport na referida obra (in Novaes, 1983: 97), como uma parte do domínio da aldeia - a mais resguardada, mais íntima e mais fechada, mais acolhedora -, ao contrário da aldeia e da aglomeração como um todo, consideradas como “um quadro de vida”.

Além da predominância do espaço comunitário sobre o privado na construção de referências identitárias, outro aspecto interessante é o baixo grau de compartimentação do espaço, diferente do que ocorre nas sociedades ocidentais não indígenas. Isso não significa que os usos não sejam bem definidos, ou que os espaços sejam concebidos de maneira indiferenciada; há espaços exclusivamente femininos ou masculinos, bem como públicos ou privados. Mas as atividades se dão em um espaço integrado, sem delimitações físicas muito marcadas (não há paredes nas casas, por exemplo), e os espaços reservados encontram-se a pequenas distâncias dos demais (estão sempre “ao alcance da voz”), além da permanência nestes lugares ser relativamente curta.

Cada grupo adota uma solução específica quanto à adaptação ao meio ambiente, de acordo com as facilidades ou restrições encontradas (materiais, nível técnico, condições climáticas etc). E embora haja semelhanças no contexto físico de implantação dos grupos indígenas estudados, as soluções construtivas diferem bastante entre si. Segundo Rapoport,

o fator que, finalmente, decide a forma de uma habitação, modela os espaços e suas relações, é a visão que um povo tem da vida ideal. O ambiente procurado traduz numerosas forças sócio-culturais, que compreendem as crenças religiosas, a estrutura da família e do clã, o modo de se ganhar a vida e as relações sociais entre os indivíduos. Eis porque as soluções são muito mais variadas que as necessidades biológicas, os meios técnicos e as condições climáticas (apud Novaes, 1983: 97)

A espacialidade do habitar reflete a concepção de mundo que rege um determinado grupo, num determinado contexto. Se as soluções construtivas das habitações tem diferenças marcantes, as características de uma sociedade igualitária, e geralmente matriarcal - tais como encontradas nos grupos indígenas pesquisados - parecem permanecer e se manifestam inevitavelmente na organização espacial da casa e da aldeia: na definição dos usos, na hierarquização dos caminhos e percursos, na utilização dos utensílios domésticos, na localização dos espaços restritos.

Talvez por isso, ainda hoje, quando grande parte dos grupos encontra-se dispersa e em número reduzido de habitantes, além de apresentar caracterizações distintas das que originalmente os identificavam, alguns aspectos permaneçam fortemente vinculados à

concepção de o que é ser Bororo, ou do que identifica um Xavante - ou seja, parecem ser mais relevantes na representação de uma determinada visão de mundo. Conforme ressalta Cristina Sá em seu artigo (1983: 143), a organização espacial parece ser mais “resistente” do que a forma ou técnica construtiva, quando se observa alterações relacionadas às mudanças culturais:

As modificações que primeiro aparecem, e que são as mais facilmente perceptíveis, são as da forma e da tecnologia construtiva, mantendo-se a organização do espaço dentro dos padrões tradicionais por mais tempo, seja de modo completo, seja à maneira de um compromisso entre os padrões tradicionais e as inovações trazidas pelo contato com a sociedade envolvente (1983: 143)

Nas casas de taipa de Icapuí, todas as construções realizadas num período de aproximadamente 80 anos seguem o mesmo padrão de distribuição espacial. Uma primeira casa foi executada e, a partir daí, alguns moradores procuravam os mestres e pediam “uma casa igual a do Fulano”. A forma e a tecnologia construtiva também não se alteraram significativamente durante o intervalo de tempo em que as casas foram executadas (houve adaptações na altura da empena, por causa do peso das telhas, e substituição do tipo de madeira utilizada na estrutura), e a organização espacial permaneceu, apesar dos acréscimos realizados em todos os exemplares pesquisados (principalmente construção de banheiros em alvenaria).

As soluções encontradas parecem, portanto, ter respondido bem às demandas do habitar. Se as casas tem sempre alpendres, seguidos de salas de um lado e quartos do outro, cozinha, despensa e banheiro nos fundos, anexo no quintal, e se os usos não sofreram alterações (salas continuam salas, cada uma com a sua especificidade; quartos permanecem quartos, com suas características de maior resguardo, tanto de dia como durante a noite; os alpendres continuam recebendo pessoas e distribuindo fluxos), as alterações na sociabilidade urbana se fazem mais explícitas nos detalhes de casa: nos movimentos, nos tempos, nas ações; na constituição do espaço pelos objetos, pelas pessoas e pelos animais; no cotidiano da cidade que nunca cessa de se mostrar, mesmo quando tenta se esconder.

PERSPECTIVAS

AMBIVALÊNCIAS

Nunca me esqueci da visão que tive da coroa do Camarote Real, no Teatro em Lisboa. De longe, uma maravilha. Quando olhei por debaixo, repleta de sujeira, teias de aranha... e logo aprendi:
Para conhecer as coisas, há que dar-lhes a volta.
(SARAMAGO, José)

A ambivalência, geralmente experimentada como desordem, vivenciada de maneira incômoda e desconfortável, surge diante da incapacidade de leitura adequada de uma determinada situação, e da dúvida conseqüente entre as ações possíveis (Bauman, 1991: 9). Classificar, isto é, incluir e excluir, consiste em dividir o mundo entre entidades que respondem ao nome e o resto, que não se encaixa. Nomear, classificar, separar, segregar, ou seja, estruturar o mundo, limitando suas casualidades, aumenta o volume da ambivalência na medida da eficiência daquela ação, uma vez que

A ambivalência é um subproduto do trabalho de classificação e convida a um maior esforço classificatório. Embora nascida do impulso de nomear/classificar, a ambivalência só pode ser combatida com uma nomeação mais exata e classes definidas de modo mais preciso ainda: isto é, com operações tais que farão demandas ainda mais exigentes (contrafactuais) à descontinuidade e transparência do mundo e assim darão ainda mais lugar à ambigüidade (idem: 11).

A existência moderna, produzida e sustentada pelo projeto, pela manipulação e planejamento, e completamente avessa ao caos (o outro da ordem) e à ambivalência, deixou um rastro da necessidade de ordenar, subordinar e remodelar de acordo com as demandas humanas. O interesse em manter a ordem do mundo, o esforço da definição precisa e a supressão daquilo que não pode ser definido e não se encontra sob o agasalho de nenhuma

classificação, práticas tipicamente modernas, caracterizam a intolerância e culminam na deslegitimação do outro.

“O horror à mistura reflete a obsessão de separar. (...) O arcabouço central tanto do intelecto quanto da prática modernos é a oposição – mais precisamente, a dicotomia” (ibidem: 22). A dicotomia, “exercício de poder e ao mesmo tempo sua dissimulação”, separa e cria uma ilusão de simetria de resultados, que dissimula a assimetria de poder que a causou. O segundo termo se configura como um outro do primeiro, como oposto suprimido e exilado:

Assim, a anormalidade é o outro da norma, o desvio é o outro do cumprimento da lei, a doença é o outro da saúde, a barbárie o outro da civilização, o animal o outro do humano, a mulher o outro do homem, o forasteiro o outro do nativo, o inimigo o outro do amigo, ‘eles’ o outro de ‘nós’, a insanidade o outro da razão, o estrangeiro o outro do súdito do Estado, o público leigo o outro do especialista. Um lado depende do outro, mas a dependência não é simétrica. O segundo lado depende do primeiro para o seu planejado e forçado isolamento. O primeiro depende do segundo para sua auto-afirmação (ibidem: 22, 23).

A ambivalência, em sua inevitável irredutibilidade, acaba produzindo uma outra categoria: os estranhos (ibidem: 24). Estranhos não são amigos nem inimigos – separação novamente assimétrica e variação da oposição fundamental entre interior e exterior -, mas um terceiro termo, membro dos indefiníveis. As oposições tornam o mundo legível e instrutivo: “Ser amigo e ser inimigo são as duas modalidades nas quais o Outro pode ser reconhecido como outro sujeito, construído como ‘um sujeito como o eu’, admitido no mundo em que o eu vive, ser considerado, tornar-se e permanecer relevante” (ibidem: 64).

O estranho, que pode ser amigo ou inimigo, é ambivalente e poderoso, como os demais indefiníveis de Derrida – o *pharmakon*, o *hímen* ou o *suplemento* (ibidem: 64, 65) -, e ameaça constantemente a ordem do mundo. Fisicamente próximo mas espiritualmente distante, “traz para o círculo íntimo da proximidade o tipo de diferença e alteridade que são previstas e toleradas apenas a distância – onde podem ser desprezadas como irrelevantes ou repelidas como hostis” (Bauman, 1991: 69). Nem uma coisa nem outra, contra uma coisa ou outra, podem ser tudo, paralisando o conhecimento e as ações decorrentes das oposições.

Se compreender é saber como prosseguir, a incerteza sobre a leitura de uma situação e sobre a ação correspondente traz, no mínimo, um certo desconforto:

Nenhuma classificação binária usada na construção da ordem pode se sobrepor inteiramente à experiência contínua e essencialmente não discreta da realidade. A oposição, nascida do horror à ambiguidade, torna-se a principal fonte de ambivalência. A imposição de qualquer classificação significa inevitavelmente a produção de anomalias (isto é, fenômenos que são percebidos como ‘anômalos’ apenas na medida atravessam as categorias cuja separação é o significado da ordem (ibidem: 70).

Deve-se, portanto, atentar aos eventos imprevistos, às pseudo-anomalias produzidas, ou seja, àquilo que se situa entre conceitos, expectativas e crenças, ao que parece desafiar a ordem estabelecida.

A tendência às classificações dicotômicas e à propensão a enxergar dualismos, como ressalta Viveiros de Castro, são inevitáveis e talvez necessárias, desde que se consiga ultrapassá-las, já que “O real foge por todos os buracos da malha, sempre demasiadamente larga, das redes binárias da razão” e os “dualismos são como a história: eles levam a tudo, desde que se saia deles. Os que começam por se instalar ‘fora deles’ acabam, quase sempre, voltando a eles pela porta dos fundos – e não saindo mais” (Viveiros de Castro, 2003: 17, 18).

As dicotomias se prestam bem à descontinuidades fortes, destacando aspectos variados de algum contraste que, em última instância, é redutível à oposição “nós” e “os outros” (idem: 307). Por vezes há a predominância de um pólo sobre o outro, e são inúmeros os modos de relação entre os termos das dicotomias.

INTERFERÊNCIAS

A tentativa aqui foi de, a partir da consciência do peso e da relevância histórica das dicotomias (principalmente das oposições entre público e privado, exterior e interior), perceber na cidade de Icapuí, através das espacialidades do habitar, como as fronteiras se diluem e como os termos se sobressaem em outro campo de significação, onde relações de causa e efeito e explicações dedutivas parecem não mais dar conta do movimento do mundo.

E se é fato que a velocidade das transformações é maior, isso não significa que o movimento já não estivesse presente. O que se altera é a postura diante dos acontecimentos, é o olhar lançado ao mundo. É o reconhecimento de que, se as transformações são inevitáveis, contínuas e em grande parte imprevisíveis, as interpretações serão sempre contingentes, falíveis e temporárias.

Indagar sobre a existência em si do espaço, aqui, não é questionamento relevante. Tentou-se superar o espaço como uma noção abstrata ou como mero suporte, a fim de flagrá-lo em suas múltiplas representações do habitar, ou seja, em suas espacialidades mutantes, para compreender como a sua construção como meio comunicativo se relaciona com suas representações e com a sociabilidade urbana engendrada no espaço de casa e estendida ao espaço da rua.

Casa e rua, interior e exterior, privado e público, foram tradicionalmente tratados como espaços cindidos, separados:

Casa e rua, termos reveladoramente utilizados no singular, foram espaços interpretados como opostos, sendo a casa aquele destinado à reserva e ordem estável e a rua aquela afeita ao distúrbio, à desordem, à violência. Transposição bastante evidente de uma mesma ordem binária e simplificadora – aquela entre casa-grande e senzala – para o meio urbano, casa e rua assim interpretados foram conceitos que mais esconderam do que revelaram as peculiaridades e dinâmicas que caracterizariam as relações sociais existentes nas muito diferentes cidades brasileiras (Marins, 2001: 31).

Para superar este caráter dicotômico entre casas e ruas, para perceber o trânsito tênue entre o exterior e interior domésticos, há de se atentar para a continuidade implícita nos contatos diários, explorar os “indicadores sorrateiros de formas de convívio”, observar o aparentemente menor: o foco se volta para o “relacional, o discreto, o formal e o fugidio” (idem: 38).

Casas e ruas que continuam, espaços que unem. Através do convívio diário, casa e rua se constituem como prolongamento um do outro. Em Icapuí, veem-se casas de uma civilização ao aberto, ao alcance do sol e de costas para o mar. A emergência do lugar como

passagem, ao largo das praias (que não apresentavam, naquele momento, nenhum atrativo e ainda se constituíam como dificuldade à travessia dos animais, devido às areias frouxas), talvez possa explicar esta distância existencial, apesar da proximidade física entre as casas e o mar. Os pousos foram surgindo ao longo do caminho que levava a Aracati, e este não considerava o mar. No entanto, as praias são elementos significativos nos processos de identificação em Icapuí, com enorme apelo e reconhecimento, tanto dos que lá moram como daqueles que visitam o lugar. E, apesar de aparecer sempre como valor (nos relatos orais dos moradores, na mídia, na comunicação dos órgãos públicos), as praias não são muito frequentadas pelos moradores – isto ocorre principalmente nos finais de semana, e geralmente quando há eventos.

E se o mar está lá, mas nem sempre se faz presente, o sol brilha com a constância que sugere a existência dos alpendres, que estimulam as relações sociais. Situados na frente e nas laterais, surgem como espaço de acolhida e também de proteção. É o lugar de chegada, através do qual a aproximação é feita. Seu espaço se multiplica de acordo com a hora do dia, a posição do sol ou as conversas sem pressa, ou seja, desdobra-se a partir dos acontecimentos cotidianos. O alpendre, de permanência curta ou estendida, constitui-se como mediação arquitetônica associada a práticas sociais, como o lugar entre dois mundos – o público e o privado, o externo e o interno -, ao mesmo tempo em que contribui para o esmaecimento de tais fronteiras.

Talvez seja mais fácil perceber as coisas onde elas não são familiares.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, J. Capistrano de. **Caminhos antigos e povoamento do Brasil**. Rio de Janeiro: Livraria Briguiet, 1930.
- ARGAN, Giulio Carlo. **Projeto e destino**. São Paulo: Ática, 2001.
- ARNHEIN, R. **O poder do centro**. Lisboa: Edições 70, 1990.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BARDOU, Patrick e ARZOUMANIAN, Varoujan. **Arquitecturas de adobe**. Barcelona: Gilli, 1979.
- BARROSO, Gustavo. **À margem da história do Ceará**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1962.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas I: sobre arte, técnica, linguagem e política**. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- _____. **Obras Escolhidas II: rua de mão única**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- _____. **Passagens**. Minas Gerais: UFMG, 2006.
- BRANDÃO, Ludmila de Lima. **A casa subjetiva: matérias, afectos e espaços**. São Paulo: Perspectiva; Cuiabá: Secretaria do Estado de Cultura de Mato Grosso, 2002.
- BUSTAMANTE, Ana Maria Goulart. **Memória e identidade local em Icapuí, Ceará**. Tese de Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro: UFRJ-IP, 2005. Disponível em http://eicos.psycho.ufrj.br/programaeicos/banco_teses/arqteses/anabustamante.pdf
- DEBRAY, Régis. **Transmitir: o segredo e a força das idéias**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- DELEUZE, Gilles. **A ilha deserta e outros textos**. São Paulo: Iluminuras, 2006.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 5. São Paulo: Ed. 34, 1997.

- ECO, Umberto. **Obra aberta**. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- _____. **Os limites da interpretação**. São Paulo: Perspectiva: 2004.
- FATHY, Hassan. **Architecture for the poor: an experiment in rural**. Chicago: Chicago University Press, 1976.
- FERRARA, Lucrécia D'Alessio. **Comunicação espaço cultura**. São Paulo: Annablume, 2008.
- _____. (org.). **Espaços comunicantes**. São Paulo: Annablume, 2007.
- _____. **A estratégia dos signos**. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- _____. **Os significados urbanos**. São Paulo: Edusp, 2000.
- FERRO, Sérgio. **Arquitetura e trabalho livre**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- FRUGOLI JR, Heitor. **Sociabilidade urbana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2005.
- _____. **O mundo codificado**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- FREITAG-ROUANET, Bárbara. A cidade brasileira como espaço cultural. In: **Tempo social** – Revista de Sociologia da USP. São Paulo: 2000.
- FREITAS FILHO, Manuel de. **A aldeia do areal: história e memória de Ibicuitaba, Icapuí - Ce**. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2003.
- FURTADO, Celso. **Formação Econômica do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- HARTSHORNE, Charles; WEISS, Paul; BURKS, Arthur. **Collected papers of Charles Sanders Peirce**. Cambridge: Harvard University Press, 1931.
- HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e conferências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

- _____. **A origem da obra de arte**. Lisboa: Edições 70, 2000.
- HOLANDA, Armando de. **Roteiro para construir no Nordeste**. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 1976.
- IAB/Ceará. **Cadernos Brasileiros de Arquitetura: Panorama da Arquitetura Cearense**. São Paulo: Projeto Editores Associados LTDA, 1982.
- IBRI, Ivo Assad. **Kósmos Noetós**. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- JENCKS, Charles e Baird, G. **Meaning in architecture**. Londres: Barrie e Rockliffe, 1969.
- LINHARES, Paulo. **Cidade de Água e Sal: por uma antropologia do litoral nordeste sem cana e sem açúcar**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1992.
- MARINS, Paulo César Garcez. **Através da rótula: sociedade e arquitetura no Brasil - séculos XVIII a XX**. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP, 2001.
- MARTIN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.
- MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1996.
- MULLENDER, Jacques. **Arquiteturas de terra**. Rio de Janeiro: Avenir, 1984.
- NESBITT, Kate (org.). **Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995)**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- NOVAES, Sylvia Caiuby (org.). **Habitações indígenas**. São Paulo: Nobel: Ed. da Universidade de São Paulo, 1983.
- NOVAIS, Fernando A. **A história da vida privada no Brasil**, vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- PANOFSKY, Erwin. **Arquitetura gótica e escolástica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

- _____. **A perspectiva como forma simbólica**. Lisboa: Edições 70, 1999.
- PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- PIGNATARI, Décio. **Informação, linguagem e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1996.
- _____. **Semiótica da arte e da arquitetura**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.
- RASMUSSEN, Steen Eiler. **Arquitetura vivenciada**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da arquitetura no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- _____. **Evolução urbana no Brasil - 1500/1720**. São Paulo: Pini, 2001.
- RUDOLFSKY, Bernard. **Architecture without architects**. New York: Doubleday, 1964.
- SAMPAIO NETO, Paulo Costa. **Residências em Fortaleza 1950-1979**: contribuições dos arquitetos Liberal de Castro, Neudson Braga e Gerhard Bormann. Dissertação de mestrado em Arquitetura e Urbanismo FAU/UFC. 2005.
- SANTAELLA, Lúcia. **A percepção, uma teoria semiótica**. São Paulo: Experimento, 1998.
- _____. **A teoria geral dos signos**. São Paulo: Thomson Pioneira, 2000.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: Edusp, 2004.
- SECRETARIA DE CULTURA DO MUNICÍPIO DE ICAPUÍ. **Icapuí, 20 anos: construindo cidadania**. Icapuí, 2004.
- SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE DO MUNICÍPIO DE ICAPUÍ. **Levantamento participativo de prioridades para conservação do patrimônio natural e cultural de Icapuí**. Relatório produzido pela equipe da Secretaria de Meio Ambiente de Icapuí, Ceará, 2003.

- SHOOK, John R. **Os pioneiros do pragmatismo americano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- SILVA, José Airton Félix Cirilo da. **Autonomia municipal**: Icapuí, experiência inspirada na pólis. Fortaleza: Gráfica Expressão, 2002.
- _____. **Icapuí**: uma história de luta. Fortaleza: Gráfica Encaixe, 1998.
- SILVEIRA, Lauro Frederico Barbosa da. **Curso de Semiótica Geral**. São Paulo: Quartier Latin, 2007.
- SINGER, Paul. **Desenvolvimento econômico e evolução urbana**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.
- SOARES, Maria Dione (org.). **Canoa Veloz**: a história de Icapuí. Secretaria de Educação, Cultura e Desporto da Prefeitura Municipal de Icapuí, 1994.
- SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- SOUZA, Simone de (org.). **Uma Nova História do Ceará**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.
- TAFURI, Manfredo. **Projecto e utopia**. Lisboa: Presença, 1985.
- VAN LENGEN, Johan. **Manual do arquiteto descalço**. Rio de Janeiro: Tibá, 2004.
- VELHO, Gilberto (org.). **Antropologia urbana**: Cultura e sociedade no Brasil e em Portugal. Rio: Zahar Editores, 1999.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A inconstância da alma selvagem**. São Paulo: Cosac Naify, 2002.
- WEIMER, Gunter. **Arquitetura popular brasileira**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)